

**UFSC – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**DANIEL SCHNEIDER**

**A CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA TÉCNICA  
AGROPECUÁRIA NO SUL DO BRASIL:  
O CASO DA COLÔNIA IJUÍ**

**Dissertação de Mestrado**

Florianópolis

2008

**DANIEL SCHNEIDER**

**A CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA TÉCNICA  
AGROPECUÁRIA NO SUL DO BRASIL:  
O CASO DA COLÔNIA IJUÍ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em História – Mestrado, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em História.

Orientador: Doutor João Klug.

Florianópolis

2008



**A**os meus pais e ao meu irmão, por estarem sempre ao meu lado. À Vanessa, pelo apoio durante todos estes anos. À Santa e ao José Leidemer (*in memorian*), ao Raymundo (*in memorian*) e à Cecília Schneider (*in memorian*), imigrantes que ajudaram a construir um pouco desta história.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos **meus familiares** pelo auxílio prestado ao longo de toda minha formação escolar/acadêmica. Especialmente aos **meus pais** e **meu irmão**. Agradeço também à **Vanessa**, pelo amor, carinho e paciência a mim dedicados.

De maneira especial agradeço o auxílio da **equipe do Museu Antropológico Diretor Pestana**, especialmente à **Cristina**, pelos momentos de bate-papo. No início do trabalho era uma arquivista e hoje, ao findar, tornou-se uma grande amiga.

Agradeço também aos “grandes mestres” da Unijuí, que desde a graduação me acompanham e que estão sempre prontos a auxiliar no que for preciso. Hoje, além de “mestres”, são colegas e amigos: **Marcos Gerhardt**, **Jaeme Callai** e **Dinarte Belato**. De maneira especial, àqueles que, de certa forma, são os responsáveis pelo meu despertar para a pesquisa: **Paulo Afonso Zarth** e **Ivo Canabarro**, os quais depositaram sua confiança em mim e na graduação me escolheram como Bolsistas de Iniciação Científica.

Aos **colegas** do curso, aos **integrantes do LABIMI** e aos **professores** do curso, minha especial gratidão. Muitas das discussões geradas, algumas resolvidas e outras tantas pendentes, estão presentes neste trabalho.

Ao professor orientador, **Doutor João Klug**, que aceitou o desafio de orientar este trabalho, e que apesar das dúvidas e dos questionamentos quanto ao trabalho e à História, sempre esteve pronto a auxiliar no que fosse preciso. Já há algum tempo faz parte da galeria dos grandes mestres e amigos.

Agradeço também ao **Programa de Pós-Graduação em História** por criar um espaço de aprendizagem e aperfeiçoamento. Agradeço a **Nazaré**, secretária do Programa, por sempre nos auxiliar em nossos “dilemas”.

Um agradecimento especial ao **CAPES**, pela bolsa de estudos concedida, sem a qual o desenvolver desta jornada acadêmica teria sido certamente penosa.

Ao fim de uma jornada os agradecimentos são inúmeros e como o espaço é limitado agradeço a todos aqueles que de uma maneira ou de outra auxiliaram na elaboração deste trabalho.

SCHNEIDER, Daniel. **A construção de uma cultura técnica agropecuária no sul do Brasil: o caso da Colônia Ijuí**. 2008. 146 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UFSC, Florianópolis, SC.

## RESUMO

Este trabalho é uma investigação acerca da construção de uma cultura técnica agropecuária naquela que foi a Colônia Ijuí, uma colônia estatal, mista, criada em 1890 no noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. O processo de construção de uma cultura técnica agropecuária em Ijuí, estudado neste trabalho, tem início em 1890 com a criação da colônia. Concorreram para a construção da cultura técnica agropecuária em Ijuí, imigrantes europeus e seus descendentes, nacionais/caboclos e o estado, num processo híbrido em que conhecimentos nacionais e imigrantes se somaram na sua construção, a qual se apresentará como dominante até meados da década de 1950, quando uma nova onda modernizadora, chamada de Revolução Verde, passa a ser inserida na região. O período estudado caracteriza-se pela tentativa de modernização agropecuária por parte do Estado com a inserção de uma mão-de-obra dita mais qualificada do que a nacional – a do imigrante europeu. As principais fontes utilizadas são relatórios oficiais da Intendência e da Prefeitura Municipal de Ijuí, o Jornal Correio Serrano, entrevistas e imagens fotográficas de fotógrafos imigrantes.

Palavras-chave: Cultura técnica. Agropecuária. Culturas híbridas.

SCHNEIDER, Daniel. **The construction of a farming and cattle rising technical culture in the south of Brazil: the case of Ijuí Colony.** 2008. 146 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UFSC, Florianópolis, SC.

## **ABSTRACT**

The present work is an investigation about the construction of a farming and cattle rising technical culture in that which was in the past the Ijuí Colony, a mixed state colony, established in 1890 in the northwest of Rio Grande do Sul. The process of construction of a farming and cattle rising technical culture in Ijuí, studied in this work, started in 1890 with the establishment of this colony. European immigrants and their descendants, natives and the State participated in the construction of the farming and cattle rising technical culture in Ijuí, in an hybrid process in which national and foreign knowledge were put together in the construction of the farming and cattle rising technical culture that appeared as the dominant one until the middle of 1950s, when a new modernizing trend, the so called Green Revolution, was introduced in the region. The period studied is characterized by attempt of the State for a modernization in farming and cattle rising, with the insertion of a supposedly more qualified manual labor than the national: the one of the European immigrant. The main sources used in this research were official reports of the City Hall of Ijuí, the files of Correio Serrano newspaper, interviews and photographs from immigrant photographers.

Key words: Technical culture. Farming and cattle rising. Hybrid cultures.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>Capítulo 1 – AVANÇAR E COLONIZAR</b> .....	23
1.1 Avançar as Fronteiras: a colonização do Planalto Gaúcho e a formação de Ijuí.....	23
1.2 Rio Grande do Sul, Espaço de Fronteira Política.....	24
1.3 A Fronteira Ambiental/Natural.....	25
1.4 A Fronteira Agrícola.....	26
1.5 A Fronteira Cultural.....	27
1.6 Colonizar: a transformação da área de mata em paisagem colonial.....	31
1.7 O Papel do Estado na Transformação, Adaptação e Diferenciação Social/Cultural do Espaço.....	32
1.8 Ocupação, Transformação e Diferenciação Sócio-Cultural-Ambiental da Área de Mata em Paisagem Agrícola: a chegada dos imigrantes e o início de sua prática agropecuária.....	41
<b>Capítulo 2 – A AGROPECUÁRIA MODERNA IMIGRANTE</b> .....	52
2.1 Florescer a Terra: a produção, colheita e beneficiamento inicial dos produtos agrícolas.....	54
2.2 Florescer a Terra: a produção frutífera.....	94
2.3 Florescer a Terra: a criação de animais.....	97
<b>Capítulo 3 – MODERNIZAR E DISCIPLINAR O MODERNO</b> .....	107
3.1 O <i>colonus</i> constrói o moderno.....	108
3.2 O Estado moderniza e disciplina o moderno.....	115
3.3 O moderno se dobra ao arcaico.....	120
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	131
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	134



## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 -	Planta Baixa da Colônia Ijuí (cap. 1) .....	34
Imagem 2 -	Estrada de Ijuí, 1917 (cap. 1) Coleção Eduardo Jaunsem.....	37
Imagem 3 -	Transporte de amendoim, 1940 (cap. 1) Coleção Eduardo Jaunsem.....	38
Imagem 4 -	Construção da estrada de ferro, 1911 (cap. 1) Coleção Família Beck.....	40
Imagem 5 -	Caboclos e a erva-mate, 1939 (cap. 1) Coleção Eduardo Jaunsem.....	43
Imagem 6 -	Nacionais, sem data (cap. 1) Coleção Família Beck.....	45
Imagem 7 -	O imigrante e o roçado, 1927 (cap. 1) Coleção Eduardo Jaunsem.....	46
Imagem 8 -	Roçado, sem data (cap. 1) Coleção Eduardo Jaunsem .....	48
Imagem 9 -	O trigo e sua colheita, 1940 (cap. 1) Coleção Eduardo Jaunsem .....	49
Imagem 10 -	Família Hoffmann, 1928 (cap. 2) Coleção Família Beck.....	56
Imagem 11 -	Moinho colonial, 1910 (cap. 2) Coleção Família Beck.....	58
Imagem 12 -	Colono, sem data (cap. 2) Coleção Eduardo Jaunsem.....	61
Imagem 13 -	Arado e cavalos, sem data (cap. 2) Coleção Eduardo Jaunsem.....	63
Imagem 14 -	Mutirão para arar, sem data (cap. 2) Coleção Eduardo Jaunsem.....	64
Imagem 15 -	Saraquá, sem data (cap. 2) Coleção Família Beck.....	66
Imagem 16 -	Plantadeira puxada por cavalo, sem data (cap. 2) Col. Eduardo Jaunsem	68
Imagem 17 -	Cortadeiras de trigo, 1945 (cap. 2) Coleção Eduardo Jaunsem.....	70
Imagem 18 -	Homens, mulheres e crianças colhem trigo, 1950 (cap. 2) Coleção Eduardo Jaunsem.....	72
Imagem 19 -	Colheita da cana, 1920 (cap. 2) Coleção Eduardo Jaunsem.....	73
Imagem 20 -	Colheita da erva-mate, 1950 (cap. 2) Coleção Eduardo Jaunsem.....	74
Imagem 21 -	Ceifadeira puxada por cavalos, 1925 (cap. 2) Coleção Eduardo Jaunsem	75
Imagem 22 -	Ceifadeira puxada por bois, 1924 (cap. 2) Coleção Eduardo Jaunsem.....	76
Imagem 23 -	Colheita com ceifadeira, sem data (cap. 2) Coleção Eduardo Jaunsem.....	77
Imagem 24 -	Ceifadeira puxada por trator, 1946 (cap. 2) Coleção Eduardo Jaunsem....	78

Imagem 25 -	Colheitadeiras e caminhões, 1950 (cap. 2) Coleção Eduardo Jaunsem.....	80
Imagem 26 -	Recolhimento do trigo, sem data (cap. 2) Coleção Eduardo Jaunsem.....	83
Imagem 27 -	Debulha do trigo com cavalos, 1926 (cap. 2) Coleção Eduardo Jaunsem	84
Imagem 28 -	Moenda de cana-de-açúcar, década 1920 (cap. 2) Col. Eduardo Jaunsem	86
Imagem 29 -	Trilhagem do trigo, 1938 (cap. 2) Coleção Eduardo Jaunsem.....	87
Imagem 30 -	Colheita e trilhagem do arroz, 1947 (cap. 2) Coleção Eduardo Jaunsem..	88
Imagem 31 -	Trilhagem do trigo, década 1930 (cap. 2) Coleção Eduardo Jaunsem.....	89
Imagem 32 -	Trilhagem com motor, 1940 (cap. 2) Coleção Eduardo Jaunsem.....	91
Imagem 33 -	Trilhagem com caminhão, 1930 (cap. 2) Coleção Eduardo Jaunsem.....	92
Imagem 34 -	Família de viticultores, 1910 (cap. 2) Coleção Família Beck.....	95
Imagem 35 -	Criação de porcos, sem data (cap. 2) Coleção Eduardo Jaunsem.....	99
Imagem 36 -	Cercado para criação de porcos, sem data (cap. 2) Coleção Família Beck	100
Imagem 37 -	Família e a criação de porcos, 1942 (cap. 2) Coleção Família Beck.....	101
Imagem 38 -	Colméias, 1915 (cap. 2) Coleção Família Beck.....	103
Imagem 39 -	Granja leiteira, sem data (cap. 2) Coleção Família Beck.....	104
Imagem 40 -	Criação de gado, 1940 (cap. 2) Coleção Eduardo Jaunsem.....	105
Imagem 41 -	Carpinteiros, sem data (cap. 3) Coleção Família Beck.....	113
Imagem 42 -	Fábrica de alambiques, 1915 (cap. 3) Coleção Família Beck.....	114
Imagem 43 -	Mulher e ferramentas, sem data (cap. 3) Coleção Eduardo Jaunsem.....	124
Imagem 44 -	Saltões, década de 1940 (cap. 3) Coleção Eduardo Jaunsem.....	126
Imagem 45 -	Moinho, década de 1930 (cap. 3) Coleção Família Beck.....	127
Imagem 46 -	Erosão, sem data (cap. 3) Coleção Eduardo Jaunsem.....	129

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Estradas de Ijuí. Tabela produzida por Daniel Schneider a partir dos dados dos relatórios da Intendência Municipal de Ijuí (cap. 1).....	35
Tabela 2 - Questionário de 1896 – Dados da produção agropecuária. Tabela produzida por Daniel Schneider a partir de dados do questionário ano 1896 – MADP – Museu Antropológico Diretor Pestana (Ijuí/RS) – Arquivo Ijuí (A.I.) 1.1 Pasta 5, Documento 12, página 3 (cap. 2).....	97

## INTRODUÇÃO

Compreender as nuances, as diversas facetas que o mundo rural de uma sociedade de imigração européia do sul do Brasil tomou no final do século XIX e início do século XX exige o trânsito por diversas áreas da História, bem como por uma grande gama de documentos das mais diversas procedências. Esta foi a tarefa que nos propomos realizar neste trabalho – compreender o mundo rural da colônia de imigração Ijuí, uma colônia estatal, criada em 1890, no noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, mais especificamente, investigar acerca da construção de uma cultura técnica agropecuária construída sócio, cultural e ambientalmente.

Juntar e até mesmo poderíamos dizer harmonizar campos do conhecimento<sup>1</sup> que embora muito próximos, trabalham, algumas vezes, muito distantes uns dos outros, como a história agrária, a história ambiental, a história da agricultura e outras quase que naturalmente distantes dessas, como a história cultural, a história pela fotografia, a cultura visual, a história da imigração, foi algo que tentamos realizar no intuito de melhor compreender a construção de uma cultura técnica agropecuária. Nesse sentido, o referencial teórico metodológico construído ao longo deste trabalho pode ser designado como um referencial híbrido. Em cada capítulo utilizamo-nos de autores/teóricos diversos e nem sempre é possível observar uma linha teórica que se delineie por todos os capítulos, algo exigido pelo próprio material empírico, aqui transformado em fonte histórica.

Relatórios oficiais, imagens fotográficas, páginas de jornais, entrevistas, documentos fiscais de empresas, constituem este arcabouço documental diverso do qual nos utilizamos. Esses documentos construídos pelos sujeitos sociais foco de nossos estudos, Estado,

---

<sup>1</sup> Embora muitos desses não se apresentem como campos plenamente constituídos, utilizamo-nos desta nomenclatura para designá-los como áreas que, em geral, se auto-denominam como campos ou áreas diversas umas das outras.

imigrantes<sup>2</sup>, nacionais/caboclos<sup>3</sup>. Os relatórios oficiais variam entre Relatórios da Intendência de Ijuí, Relatórios da Prefeitura de Ijuí e uma documentação variada elaborada pelos administradores da colônia e posteriormente do município de Ijuí. Documentação construída com o fim de atestar o crescimento e desenvolvimento da primeira colônia de imigração européia do Planalto Gaúcho. Nesse sentido, deve-se desenvolver e direcionar as críticas eventuais que possam surgir quanto à veracidade e intencionalidade dos dados neles contidos.

Esses relatórios apresentam os trabalhos efetuados na colônia pela administração estadual e municipal durante todo o período a que nosso trabalho se dedica. A partir deles podemos compreender como se construiu a colônia e, posteriormente, o município. As personagens que neles estão contidas são nacionais, imigrantes e seus descendentes, enfim, a população que viveu nesse período em Ijuí. Daí mesmo decorre sua importância enquanto fonte histórica, já que, embora claramente os imigrantes e seus descendentes tenham um papel principal na colônia e nos relatórios, os demais sujeitos sociais também estão neles presentes. Dados demográficos, dados de exportação, em suma, parte de como ocorreu o desenvolvimento de Ijuí pode ser analisado a partir dos dados desses relatórios produzidos pela administração municipal.

As imagens fotográficas compõem uma cultura fotográfica<sup>4</sup>, cultura visual de Ijuí. Nos utilizamos das imagens das Coleções Família Beck e Eduardo Jaunsem, fotógrafos que imigraram no final do século XIX (1896) e início do século XX (1914), respectivamente, para o Brasil e produziram imagens que retratam o cotidiano da colônia de imigração. Esses fotógrafos imigrantes se ocuparam de capturar por intermédio das lentes de suas câmeras seus

---

<sup>2</sup> Esses imigrantes foram: poloneses, alemães, italianos, suecos, letos, espanhóis, libaneses e árabes. Essas três últimas etnias em número reduzido em relação às demais, no entanto, também se fizeram presentes na colônia desde os seus primeiros anos. A partir de agora iremos designar esses sujeitos de imigrantes, pois migraram de seus países de origem. Embora sabemos que os portugueses, negros e até mesmo os caboclos podem ter sido, ou são imigrantes também, eles serão deixados de fora da denominação “imigrantes”, em virtude da representação preconceituosa que se criou em torno desses como desqualificados para o trabalho na agricultura, algo que veremos mais a frente no trabalho. A colônia Ijuí foi uma colônia mista, recebendo imigrantes de diversas nacionalidades, uma colônia de culturas étnicas diferenciadas, essa foi uma tentativa do Estado de evitar os quistos étnicos (LAZAROTTO, Danilo. **História de Ijuí**. Ijuí: Unijuí, 2002, principalmente a partir da página 51).

<sup>3</sup> Esses últimos, caboclos, participaram menos, podemos até dizer que não construíram a documentação que utilizamos, no entanto se fazem presentes nessas. A designação nacionais/caboclos são denominações distintas que se fazem presentes na documentação pesquisada e embora distintas, referem-se aos mesmos sujeitos comumente chamados “caboclos”. Paulo Afonso Zarth em seus diversos trabalhos aponta para outras possíveis denominações para esses mesmos sujeitos, a de “lavradores nacionais” e “camponeses nacionais”. Ao longo de nosso trabalho faremos uso dessas diversas denominações sempre nos referindo aos mesmos sujeitos, os “caboclos”.

<sup>4</sup> CANABARRO, Ivo Santos. **A construção da cultura fotográfica no sul do Brasil**: imagens de uma sociedade de imigração. Rio de Janeiro: Tese (Doutorado em História) UFF, 2004.

pares, imigrantes, em seu trabalho no auxiliar a desenvolver e fazer prosperar a colônia, nos momentos de lazer, nos rituais de passagem, mas também, retrataram os antigos ocupantes das terras que eles passaram também a ocupar, os nacionais/caboclos.<sup>5</sup>

As imagens fotográficas são elaboradas a partir do recorte de um real e enquanto documento histórico Borges assim se refere à fotografia:

O documento se apresenta como fragmentos do real que nos chegam por meio das intenções explícitas e ocultas, voluntárias ou involuntárias de seus produtores; e, o conhecimento histórico torna-se uma operação teórico-metodológica que visa compreender e interpretar os sentidos que os atores sociais atribuem a seus atos materiais e simbólicos.<sup>6</sup>

Assim como a documentação verbal/escrita, é necessário contextualizar a fotografia quanto à sua intencionalidade, ou seja, o que se objetivou construir com determinada construção imagética. Nesse sentido, a seguir apresentaremos uma síntese da biografia dos fotógrafos que confeccionaram as imagens que utilizamos, bem como, ao longo do restante do texto iremos tentar desvendar essas construções e intencionalidades presentes nas imagens fotográficas e compreender quem eram os seus sujeitos produtores.

Uma das coleções das quais nos utilizamos é a Coleção Família Beck, uma família de fotógrafos imigrantes. A família Beck chegou ao Brasil em 1896, teve uma passagem rápida pela colônia de imigração Silveira Martins/RS e, logo após, Carlos Germano Beck, o patriarca, e sua esposa Clotilde Tark Beck, compraram uma colônia de terra<sup>7</sup> na Linha 2 Leste – Ijuí.

Carlos Germano, que já havia iniciado sua atividade de fotógrafo na Alemanha no século XIX, trabalhava como fotógrafo itinerante, construindo: “[...] seu olhar de fotógrafo

---

<sup>5</sup> CANABARRO, Ivo Santos. **A construção da cultura fotográfica no sul do Brasil**: Imagens de uma sociedade de imigração. Rio de Janeiro: Tese (Doutorado em História) UFF, 2004. SCHNEIDER, Daniel. **A agricultura em Ijuí 1890 – 1950**: técnicas e tecnologias. Ijuí: Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Ijuí: Unijuí, 2005. SCHNEIDER, Daniel; CANABARRO, Ivo. Imagens do mundo do trabalho. In: **Museion**. Memória social, cultura e identidade. Ijuí, v. 1, p. 42-52, jun 2007. Disponível em: <<http://ww1.unilasalle.edu.br/museu/museion/vol1jun2007p42-52.pdf>>.

<sup>6</sup> BORGES, Maria Eliza Linhares. **História e fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

<sup>7</sup> “Colônia de terra” era o termo pelo qual era designado o espaço recebido pelo imigrante para desenvolver a agropecuária. Em geral, essa “colônia de terra” tem um tamanho definido, no caso de Ijuí 25 hectares, em algumas colônias, principalmente nas primeiras, como em São Leopoldo, esse pedaço de terra possuía um tamanho maior, chegando a 50 hectares. No interior do Rio Grande do Sul, em espaços que no passado foram colônias de imigração é comum ainda ter como referência de tamanho de propriedades o termo “colônia” (25 hectares). Sobre isso é interessante ver: BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

balizado em suas experiências em dois mundos diferentes: primeiro, o europeu; segundo, uma colônia no sul do Brasil, cujas realidades são muito diferentes [...].”<sup>8</sup>

Neste trabalho como itinerante, além de expandir a cultura fotográfica, é significativa a participação dos retratados na composição do cenário/estúdio, pois mesclavam-se acessórios do fotógrafo e dos retratados. Como poderemos observar posteriormente nos outros capítulos, os fotografados auxiliavam a compor o cenário para a tomada fotográfica. As fotografias do mundo rural pertencentes à Coleção Família Beck retratam parte das unidades produtivas rurais, especialmente as “riquezas” produzidas ou adquiridas pelos imigrantes.

A esposa de Carlos Germano, juntamente com os filhos, que também aprendiam a profissão do pai, e mão-de-obra assalariada cuidavam da propriedade rural, onde o fotógrafo possuía um estúdio fotográfico ao ar livre. Na composição do cenário deste estúdio se misturavam temas europeus e tropicais.

Em 1908 a família mudou-se para a cidade, passando a viver somente de fotografia, e em 1916 transferiu seu estúdio fotográfico para a principal rua da cidade, onde passou a funcionar em ambiente interno.

Carlos Germano atualizava-se e aperfeiçoava-se constantemente, principalmente com a leitura de catálogos vindos da Alemanha. A família utilizava a técnica de retoque e da foto-pintura, operando na construção de uma representação mais adequada a modelos estéticos dominantes. Ou seja, as imagens produzidas pela família Beck retratam principalmente os sujeitos, dando a impressão de ideologia do trabalho, de ascensão social, mostram o progresso alcançado pelo imigrante e em virtude mesmo de serem fotógrafos profissionais, que viviam da renda que a fotografia proporcionava, fotografavam aqueles que tinham condições de pagar pela imagem.

No ano de 1926, Carlos Germano Beck faleceu, os filhos Reinoldo Otto e Willy Frederico passam a dedicar-se a outras atividades no comércio, ficando o trabalho no atelier com Alfredo Adolfo e Walter Hugo. O atelier ficou com a família até 1980, quando o filho que mais se interessou por fotografia, Alfredo Adolfo, encerrou suas atividades como fotógrafo profissional.

---

<sup>8</sup> CANABARRO, Ivo Santos. Op. cit., 2004, p. 95.

Outra coleção fotográfica de que nos utilizamos é a do fotógrafo Eduardo Jaunsem.<sup>9</sup> Este nasceu na Letônia, em 1896, período em que o país era dominado pela Rússia. Já aos 14 anos trabalhava numa farmácia, aos 16 anos começou sua formação profissional como mecânico e após trabalhou numa loja de material elétrico.

Na escola era um grande desenhista e seu maior sonho era ser artista. Ainda jovem, conheceu o fotógrafo Leopoldo Lecktam, que lhe ensinou os primeiros rudimentos a respeito da fotografia.

Em 1914 sua família veio para o Brasil. O navio no qual a família viajava passou pela Alemanha e Bélgica, onde o avô de Eduardo comprou a primeira máquina fotográfica para o neto. Em Ijuí, a família se estabeleceu na Linha 11 Leste.

O pai de Eduardo morreu em 1917, ficando ele então com a responsabilidade de manter a unidade produtiva familiar. Eduardo construiu todo o seu laboratório fotográfico sozinho e começou a fotografar já no seu primeiro ano no Brasil. Fotografava com o olhar do artista que ele sempre quis ser, produzia o singular, o raro, suas imagens retrataram principalmente o mundo rural do qual ele também fazia parte. Seu trabalho aproxima-se de uma perspectiva pictorialista, buscando uma interpretação e não apenas uma reprodução do real.<sup>10</sup>

Aos 23 anos, Eduardo casou-se com Matilda Kromberg e, na década de 1930, comprou uma segunda colônia de terra, ampliando sua propriedade e produção.

Eduardo Jaunsem sabia ler nos idiomas letão, francês e alemão e durante algum tempo trabalhou como fotógrafo itinerante por falta de dinheiro. A partir da década de 1980, infelizmente, deixou de exercer a profissão devido a problemas de visão.

As imagens da Coleção Eduardo Jaunsem retratam de maneira especial o mundo rural de Ijuí, ao qual o próprio Jaunsem pertencia. Ele retratava os sujeitos no cotidiano do mundo rural, exercendo os ofícios pertencentes a essa atmosfera rural. Retratou, como veremos adiante, tanto imigrantes quanto os antigos ocupantes da terra – os caboclos.

---

<sup>9</sup> Ambas as coleções fotográficas são curadas pelo Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP), de Ijuí.

<sup>10</sup> Ver: CANABARRO, Ivo Santos. Op. cit., 2004. SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.



Para a leitura das imagens produzidas por esses sujeitos nos utilizaremos de uma metodologia específica construída por Canabarro<sup>11</sup>. Essa metodologia permite que passemos pelos diversos planos da imagem, que nada mais é do que o recorte de um real feito por um filtro cultural (fotógrafo)<sup>12</sup> fixado em uma superfície plana sensibilizada pela luz<sup>13</sup>. A metodologia proposta por Canabarro percebe na imagem quatro planos: Primeiro Plano: composto pelas figuras que fazem parte da cena retratada, analisando a maneira como se posicionam, incluindo a pose e os gestos, bem como as vestimentas e acessórios dos retratados; Plano de Detalhes: criado para enfatizar detalhes significativos ao leitor da imagem, permitindo a análise direcionada ao objeto de investigação; Plano de Fundo: composto pela área que fica atrás das figuras retratadas, em que a abertura da lente utilizada permite aprofundar este plano, ou seja, salientar a profundidade de campo; Plano Geral: junção de todos os planos anteriores, permitindo analisar a harmonia ou disjunção entre a cena, o cenário e os dispositivos utilizados pelo fotógrafo.

Nem sempre as imagens serão analisadas a partir de todos os planos, algumas vezes, informações, por exemplo, como a técnica fotográfica e dispositivos utilizados pelos fotógrafos serão deixados de lado, até mesmo porque nosso trabalho não visa construir uma história da fotografia ou analisar a cultura fotográfica desses fotógrafos, algo brilhantemente feito por Canabarro<sup>14</sup>, mas sim, analisar a partir das imagens como uma cultura técnica agropecuária foi construída. Na leitura das imagens fotográficas muito de nossa subjetividade, de nossa bagagem cultural está presente. Em algumas imagens deixamos transparecer nosso apreço por essa documentação, principalmente quando nos referimos às imagens como sendo “interessantes”. Essa denominação se dá por vezes em virtude da estética da imagem, por vezes em virtude de determinada imagem apresentar aspectos que outras imagens não permitem observar. Outras leituras, feitas por pessoas distintas, da mesma imagem podem revelar novos aspectos ou até mesmo não observar na mesma imagem a possível beleza estética ou documental. Esse é um dos aspectos que compõem a riqueza documental das imagens fotográficas, ou seja, as várias abordagens que uma mesma imagem permite.

Quando direcionamos nossa análise para a cultura material, foco principal de nosso trabalho, da transformação da paisagem (plano de fundo das imagens) em espaço tomado para

---

<sup>11</sup> CANABARRO, Ivo Santos. Op. cit., 2004.

<sup>12</sup> Ver: CANABARRO, Ivo Santos. Id., *ibid.* KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

<sup>13</sup> Ver: DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. Campinas: Papyrus, 1993. KOSSOY, Boris. Id., *ibid.*

<sup>14</sup> CANABARRO, Ivo Santos. Op. cit., 2004.

a composição fotográfica, as imagens fotográficas apresentam-se como o principal documento que nos permite entender e pesquisar acerca dessa. Borges<sup>15</sup> observa que a fotografia “informa sobre os cenários, as personagens e os acontecimentos de uma determinada cultura material.”

Os cenários nas imagens que utilizamos ajudam a compreender a construção de um espaço colonial, a transformação da área anteriormente de mata em paisagem agrícola onde a cultura técnica será gradativamente construída. As personagens das imagens são aqueles sujeitos que auxiliaram na construção da cultura técnica agropecuária de Ijuí, imigrantes, seus descendentes<sup>16</sup> e caboclos que estão presentes nas fotografias. E a cultura material, neste estudo sobre a cultura técnica agrícola se faz presente no plano de detalhes das imagens, através do qual direcionaremos o olhar do leitor para a compreensão de como essa cultura técnica agropecuária de Ijuí foi construída.

Nosso trabalho se delinea pela cultura material, mesmo quando em alguns capítulos esse não é o foco central de análise. Ela está presente pois entendemos que é necessário não somente compreender, observar e analisar a cultura material/cultura técnica, mas sim entender como essa é construída e perceber nessa uma nuance da cultura híbrida construída nesse espaço com a presença de imigrantes, nacionais/caboclos e o Estado. Entendemos, de um modo geral, como cultura híbrida<sup>17</sup>: “[...] o modo pelo qual modos culturais ou partes desses modos se separam de seus contextos de origem e se recombina com outros modos ou partes de modos de outra origem, configurando, no processo novas práticas.”<sup>18</sup>

Ao final, como bem assinala Bhabha<sup>19</sup> é difícil definir uma cultura como sendo uma ou outra, no caso, imigrante ou cabocla, mas é possível perceber aspectos de uma e de outra presentes nessa “nova cultura” construída a partir da convivência no mesmo espaço de sujeitos sociais diferentes. Torna-se assim, importante compreender aspectos que não são a cultura material propriamente dita, para poder compreender a cultura material.

<sup>15</sup> BORGES, Maria Eliza Linhares. Op. cit., 2003.

<sup>16</sup> Utilizamos-nos da terminologia imigrantes e seus descendentes em virtude de Ijuí ter recebido imigrantes vindos diretamente da Europa como das chamadas Colônias Velhas. A partir de agora quando nos referirmos a imigrantes estaremos nos referindo a essas duas levas.

<sup>17</sup> Sobre isso ver também: BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998. BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003. CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 2002.

<sup>18</sup> COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

<sup>19</sup> BHABHA, Homi K. Op. cit., 1998.

Assim, seguindo considerações como a de Geertz<sup>20</sup> que cita Kluckhohn, este define cultura como sendo entre outras coisas:

[...] o modo de vida global de um povo; (2) o legado social que o indivíduo adquire de seu grupo; [...] um celeiro de aprendizagem em comum; (7) um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes; (8) comportamento aprendido; [...] *um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação a outros homens*<sup>21</sup> [...].

Também é interessante a obra de Falcon<sup>22</sup> que traz à tona a discussão acerca da História Cultural que trata somente dos produtos intelectuais, mentais ou espirituais, devendo absorver também os aspectos pertencentes à cultura material, foco desta pesquisa. O autor nomeia principalmente Fernand Braudel como uns dos precursores das abordagens desse tipo.<sup>23</sup> Ou seja, entendemos a cultura como composta por diversos elementos que além de produtos intelectuais pode ser observada em produtos materiais. Em nosso caso como técnicas e tecnologias agropecuárias, como maneiras de se relacionar e utilizar essas técnicas e maneiras de se relacionar e de se utilizar do meio-ambiente circundante.

Neste sentido torna-se importante entendermos a construção social do espaço a partir da chegada do imigrante, já que cada espaço proporciona estímulos diferentes e exige um conhecimento técnico (cultura técnica) diferenciado. Bloch<sup>24</sup> afirma que “a ferramenta, sem dúvida, necessariamente adaptada a um fim determinado, explica-se antes de tudo por este.” Aspecto que está presente em todo o nosso trabalho que, como já mencionado, entende que a construção da cultura técnica agropecuária foi balizada por aspectos sociais, culturais e ambientais, nesse sentido também procuramos entender o hibridismo cultural presente nessa cultura. O imigrante quando chegou ao sul do Brasil encontrou um “novo mundo” e precisou adaptar seus conhecimentos a esse, utilizando-se assim, em um primeiro momento, de conhecimentos caboclos e esse também certamente é influenciado pelo primeiro, construindo assim, uma cultura híbrida.

No construir da cultura técnica agropecuária o Estado tem um papel muito importante pois além de construtor da colônia ele auxilia os sujeitos sociais com as primeiras

<sup>20</sup> GEERTZ, Cliford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989, p. 4.

<sup>21</sup> Grifos nossos.

<sup>22</sup> FALCON, Francisco. **História cultural**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

<sup>23</sup> Embora Braudel dê primazia a processos de longa duração, como em: BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV – XVIII**. São Paulo: Martins Fontes, 1997, 3 volumes. Dentre outros textos clássicos este despertou nosso interesse nos estudos acerca da cultura material.

<sup>24</sup> BLOCH, Marc. **A terra e seus homens: agricultura e vida rural nos séculos XVII e XVIII**. Bauru: EDUSC, 2001, p. 109.

ferramentas, apoio técnico, seleção de sementes, melhoramento de raças, enfim. Seu papel no construir da cultura técnica pode ser mapeado a partir dos relatórios por ele mesmo elaborado, os relatórios da intendência e da prefeitura municipal, os quais eram anuais e tratavam dos acontecimentos mais importantes da colônia, como melhoramentos materiais, número de habitantes, desenvolvimento agropecuário, onde se encontra-se relatado o espaço, geralmente em metros quadrados, destinado à produção de cereais, pomares, vinhedos, pastagens. Também estão presentes dados da exportação de produtos da colônia, enfim, constitui-se num documento de grande valor histórico que atesta os progressos da colônia e as possíveis dificuldades que essa passava, quando por exemplo, uma seca, formigas ou gafanhotos assolavam plantações ou quando a construção de uma ponte demorava a se concretizar. Esses documentos eram produzidos em Ijuí e após assinados pelo intendente ou prefeito municipal eram enviados ao Governo Estadual.

O jornal que utilizamos é o Correio Serrano, um jornal pertencente a uma empresa de propriedade de imigrantes. A partir de suas páginas foi possível nos informar acerca das principais notícias da época e assim, em alguns momentos, nos sentirmos como que adentrando naquele mundo. Utilizamos parte da coleção, dos anos de 1917 a 1950, sendo que esse meio informativo ligava a colônia ao mundo, trazendo informações de nível mundial como, por exemplo, a cobertura das grandes guerras, de nível nacional, como resoluções do governo federal, entre outras.

As entrevistas que utilizamos foram realizadas por pesquisadores da região com sujeitos que tomaram parte na construção da colônia nos primeiros anos. Apesar de serem entrevistas com temas, muitas vezes, diversos do nosso, contêm ricas informações acerca da cultura técnica agropecuária. São trabalhos de memória de sujeitos que lembram, em geral, passados cerca de 50 anos ou mais, os acontecimentos que relatam nas entrevistas.

Ao longo deste trabalho o leitor irá se deparar com essa documentação. Optamos por lhe dar grande visibilidade, sendo que as análises que se desenvolvem no texto não foram produzidas a partir de uma linha teórica para posteriormente chegar à documentação. Tentamos fazer exatamente o contrário, ou seja, o texto foi produzido a partir da documentação. Essa escolha decorre principalmente da necessidade vista por nós de mostrar a riqueza documental de arquivos, por vezes, pouco conhecidos e trazer parte da riqueza de informações aí contidas à tona. Este é um dos nossos objetivos, para que a partir de então novas histórias possam ser narradas.

Ao ler o texto, no primeiro capítulo o leitor vai se deparar com uma tentativa de síntese da história da ocupação do espaço rio-grandense, vista como necessária para entendermos e percebermos a “necessidade” da vinda do imigrante para ocupar as áreas de matas do Rio Grande do Sul e de como avançando as fronteiras se chega ao Planalto Gaúcho.<sup>25</sup> Em seguida, ainda no primeiro capítulo, passamos a tentar compreender como se dá a construção da colônia pelos sujeitos sociais, o Estado, imigrantes e caboclos/nacionais, sua infra-estrutura e como uma área de mata se transforma em paisagem agrícola, possibilitando assim o construir de uma agropecuária dita moderna e, conseqüentemente, uma cultura técnica agropecuária.

O segundo capítulo se ocupa exatamente em analisar a cultura técnica agropecuária construída por esses sujeitos. A análise da construção de uma cultura técnica nesse capítulo objetiva mostrar ao leitor que uma modernização agrícola não representa uma ruptura, mas sim um processo que ao longo do tempo vai apresentando suas diversas facetas. Como cultura técnica entendemos toda uma série de conhecimentos construídos sócio-cultural e ambientalmente pelos sujeitos sociais, técnicas e tecnologias utilizadas por esses mesmos sujeitos, fruto desse conhecimento. Tecnologias podem ser descritas sucintamente como todo o aparato de ferramentas, objetos utilizados pelos sujeitos e a técnica como o conhecimento para operar com esses objetos, enfim a cultura técnica agropecuária é composta pela bagagem cultural acerca da agropecuária adquirida pelos sujeitos. Nesse segundo capítulo os principais documentos que utilizamos para a análise da cultura técnica agropecuária são as imagens fotográficas. Elas foram dispostas por nós nem sempre respeitando uma seqüência cronológica, mas sim, etapas produtivas, como do plantio à colheita, bem como aquela que deveria se caracterizar como uma sucessão de tecnologias partindo de tecnologias manuais a tecnologias mecanizadas. Essa disposição objetiva mostrar que não necessariamente uma tecnologia supere a outra, como já mencionamos, mas mostrar como ao longo dos anos o leque de possibilidades de escolhas dos sujeitos sociais no que se refere a técnicas e tecnologias agropecuárias vai aumentando, se abrindo.

Já no terceiro capítulo procuramos mostrar como a dita agricultura moderna, construída a partir de 1890, constantemente era disciplinada e “modernizada” e, logo após, como o dito moderno se dobra àquele que era considerado o símbolo do arcaico, ou seja, a

---

<sup>25</sup> Embora percebamos as limitações que a síntese de uma história longa e complexa como a do Rio Grande do Sul apresente, optamos por fazê-la em virtude de vermos como é necessário o entendimento por parte do leitor da ocupação do espaço rio-grandense e como se faz necessária a vinda do imigrante europeu para ocupar o espaço de matas do noroeste do Rio Grande do Sul.

agricultura moderna não consegue vencer e superar determinados obstáculos que aquele visto como um espaço arcaico produz.

Optamos por um recorte temporal que toma como base o ano de 1890 e a década de 1950. Essa delimitação temporal se dá porque 1890 é o ano de criação da Colônia e, segundo Zarth<sup>26</sup>, a partir de 1890 em Ijuí dever-se-ia ter iniciado o processo de inserção de uma agricultura para atender ao mercado nacional, uma agricultura moderna, o que esse mesmo autor denominou de uma primeira tentativa de modernização da agricultura por parte do Estado. Já a década de 1950 é apontada pelo mesmo autor como sendo a década a partir da qual se inicia uma nova tentativa de modernização agrícola por parte do Estado, com o incremento de maquinaria e defensivos químicos, a chamada Revolução Verde. Ou seja, nos deteremos em analisar o espaço entre duas modernizações agrícolas implantadas pelo Estado, a primeira com a chegada do imigrante e uma dita agricultura moderna. Essa primeira tentativa de modernização se dá no sentido de inserir no espaço rural de Ijuí e da região noroeste como um todo uma mão-de-obra dita mais qualificada que a dos lavradores nacionais. A segunda tentativa de modernização se dá quando uma onda modernizadora agrícola global chega ao planalto gaúcho e depois se estende pelo restante do país.<sup>27</sup>

Todo o processo de modernização pauta-se pela dicotomia arcaico/atrasado e o moderno. Essa modernização estudada por nós, para além de uma ruptura com a prática agropecuária anterior a ela apresentou-se como um “processo modernizador”. Nesse sentido, o processo modernizador contempla a construção de uma cultura técnica agropecuária em que em um primeiro momento o conhecimento caboclo e imigrante se somam num processo híbrido para, posterior e paulatinamente, alguns conhecimentos caboclos serem deixados de lado e a agropecuária se aproximar mais do dito moderno/europeu.

Em um processo modernizador, a inserção de uma nova técnica ou tecnologia não significa a não utilização/esquecimento da técnica anterior, mas sim, há a opção por técnicas e tecnologias mais produtivas que passam a ser adotadas por mais e mais sujeitos sociais, principalmente na medida em que condições socioeconômicas assim o permitam.

Nossa análise se direcionará em compreender as nuances que essa primeira modernização agrícola tomou e de como ao final uma cultura técnica agropecuária foi

---

<sup>26</sup> ZARTH, Paulo Afonso. História regional/história global: uma história social da agricultura no noroeste do Rio Grande do Sul (Brasil). In: **História, debates e tendências**. Passo Fundo: jun. 1999, v. 1, n. 1, p. 109-128.

<sup>27</sup> Sobre isso ver: BRUM, Argemiro. **Modernização da agricultura**: trigo e soja. Ijuí: Unijuí, 1985.

construída. No entanto, construir a história da cultura técnica demonstrou não ser algo simples, visto que são poucos os trabalhos que visam estudar a cultura material. Nem sempre encontramos trabalhos ou autores com os quais dialogar, no entanto, isso mesmo se transforma num estímulo.

Processos modernizadores como o estudado aqui podem ser certamente observados em vários outros locais, principalmente onde imigrantes ou seus descendentes se instalaram, nesses locais possivelmente muitas singularidades com o processo de Ijuí poderão ser encontradas. O título de nosso trabalho segue nesse sentido: “A construção de uma cultura técnica agropecuária no sul do Brasil: o caso da colônia Ijuí”. Com este título buscamos ressaltar as possíveis singularidades existentes em muitos outros locais, mas também assinalamos que este trabalho se direciona na análise do processo em Ijuí. Sendo assim, apesar das possíveis singularidades, nosso trabalho não objetiva ser um método de análise da cultura técnica no sul do Brasil.

Para um descendente de imigrantes que cresceu ouvindo as histórias/histórias de como se plantava, se criava animais, das peripécias, façanhas e geralmente poucos fracassos, o que nem sempre é bom lembrar, este trabalho é algo gratificante, pois transformar as lembranças, sejam elas somente trabalho de memória, fotografias, documentos escritos em história, é o que objetivamos realizar aqui.

Um pouco da razão da escolha do tema da pesquisa está revelada nas linhas acima, mas não só isso nos levou a essa escolha. Já há algum tempo trabalhamos com os arquivos do Museu Antropológico Diretor Pestana, principalmente com as imagens fotográficas e percebemos a possibilidade de ampliação da noção de fonte para a história. Além disso, elas permitem a análise de aspectos que permanecem inéditos aos olhos dos historiadores que primam pela utilização de fontes escritas. Trazer à tona esses aspectos ainda não observados pelos historiadores foi algo que nos levou a realizar este trabalho. Trabalhar com o tema Cultura Técnica, também pouco explorado, foi outra razão. Enfim, este trabalho constituiu-se numa tentativa de resgatar a memória acerca da imigração europeia, um tanto “esquecida” em arquivos construídos por imigrantes e seus descendentes. Não pretendemos esgotar o estudo deste tema neste trabalho, em um outro momento gostaríamos de ampliá-lo, mas também objetivamos com esta pesquisa que outros pesquisadores possam direcionar seus estudos ao “mundo rural”.

## Capítulo 1 – AVANÇAR E COLONIZAR

### 1.1 Avançar as Fronteiras: a colonização do Planalto Gaúcho e a formação de Ijuí

A colônia Ijuí foi fundada pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul no ano de 1890, constituindo-se na primeira colônia de imigração do Planalto Gaúcho. O processo de ocupação por imigrantes/colonos do planalto rio-grandense foi descrito por Jean Roche como parte da “enxamagem”, um processo no qual a colonização por imigrantes, principalmente europeus, que tem como marco inicial no Rio Grande do Sul a criação da colônia São Leopoldo em 1824, se estende, avançando desde a região do Rio dos Sinos pelas áreas consideradas devolutas, subindo a serra, atingindo o planalto e depois os descendentes desses imigrantes avançando por outros Estados e até mesmo países vizinhos.<sup>1</sup>

No entanto, em nosso entendimento, somente a compreensão deste processo não é suficiente para entender a “necessidade” de trazer o imigrante ou de modernizar a agricultura rio-grandense<sup>2</sup>. Para tanto torna-se de suma importância entender os processos anteriores de

---

<sup>1</sup> ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969. A enxamagem é uma analogia feita por Roche referindo-se ao processo de imigração como um enxame de abelhas que forma uma colméia em um local (núcleo). Quando este já está totalmente ocupado um novo enxame vai para outro local (núcleo), que como uma nova colméia tem autonomia em relação a anterior. E assim, como enxames de abelhas, segundo Roche, a colonização por imigrantes europeus e descendentes vai avançando pelo Rio Grande do Sul. Os descendentes desses imigrantes, fruto do estudo de Roche, depois de ocupar todas as áreas do Rio Grande do Sul foram ocupando áreas ainda não ocupadas por processos semelhantes em outros estados, como Santa Catarina e Paraná e até mesmo países vizinhos.

<sup>2</sup> Todo o processo migratório pauta-se por um sistema de atração-repulsão, atração proporcionada pelo espaço almejado a se estar e repulsão pelo espaço em que se está. Embora percebamos que compreender os dois processos é de suma importância, entendemos que o fator “expulsão” já foi tratado por uma série de trabalhos que se dedicaram a estudar a imigração. Em nosso trabalho estudaremos neste capítulo somente o fator “atração”, que em nosso entender é construído pelo Estado Rio-Grandense no momento em que se passa a ver como necessária a vinda do imigrante para ocupar um espaço considerado inabitado. Ver: ROCHE, Jean. Op. cit., 1969. ZARTH, Paulo Afonso. **Do arcaico ao moderno: o Rio Grande do Sul agrário do século XIX**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002. ZARTH, Paulo Afonso. **História agrária do Planalto gaúcho 1850-1920**. Ijuí: Ed. Unijuí, 1997. PRADO JÚNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1998. ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In: NOVAIS, Fernando A. (et al.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, v. 3, 1998. TRAMONTINI, Marcos Justo. **A organização social dos**



ocupação do Rio Grande do Sul, algo que aqui designamos de “avançar as fronteiras”. Essa designação decorre da maneira de entender o espaço rio-grandense como um espaço de fronteiras, fronteira política, ambiental/natural, fronteira agrícola e cultural.

## 1.2 Rio Grande do Sul, Espaço de Fronteira Política

O que hoje se compreende como sendo o Estado do Rio Grande do Sul, durante muitos anos foi um local foco de disputas entre os chamados países da bacia do Rio da Prata na tentativa de delimitar claramente as fronteiras políticas entre esses países, em especial, os atuais: Brasil, Argentina e Uruguai, que durante pelo menos os séculos XV ao XIX, com algumas diferenciações quanto às datas de emancipação política, pertenciam às Coroas Portuguesa e Espanhola, respectivamente.

Paulo Afonso Zarth, em seus diversos trabalhos acerca da história agrária do Rio Grande do Sul, afirma da preocupação da Coroa Portuguesa em povoar essas terras de fronteira política a fim de garantir a sua posse. Embora como o próprio Zarth afirma:

O extremo sul do Brasil atual passou despercebido durante os primeiros séculos da colonização portuguesa. As condições geográficas do Sul não eram propícias para os interesses mercantis da época. Ocupada por tribos indígenas, a região não possuía ouro nem prata; o clima temperado não oferecia vantagens para o cultivo de produtos tropicais; o litoral, além de mais distante da Europa, não possuía lugar seguro para aportar navios.<sup>3</sup>

Ou seja, conforme os interesses mercantis da metrópole a ocupação por portugueses nesse momento não traria praticamente vantagem financeira, um pré-requisito fundamental para a ocupação do espaço, diga-se de passagem, pré-requisito que continuará predominando durante praticamente toda a ocupação e colonização do Rio Grande do Sul.

Em 1737, o governo português, a quem as terras do atual Rio Grande do Sul voltam a pertencer, fundam um forte na atual cidade de Rio Grande. Com a presença do gado vacum introduzido pelos jesuítas, os militares e europeus da península ibérica transformaram-se

---

**imigrantes:** a colônia São Leopoldo na fase pioneira 1824-1850. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2000. CORTEZE, Dilce Piccin. **Ulisses va in America:** História, historiografia e mitos da imigração italiana no Rio Grande do Sul (1975-1914). Passo Fundo: Ed. UPF, 2002. MAUCH, Claudia; VASCONCELLOS, Naira (Orgs.). **Os alemães no sul do Brasil.** Canoas: Ed. Ulbra, 1994. WILLEMS, Emílio. **Assimilação e populações marginais no Brasil.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940. SILVA, Márcio Antônio Both da. **Por uma lógica camponesa:** caboclos e imigrantes na formação do agro do planalto rio-grandense – 1850-1920. Porto Alegre: Dissertação (Mestrado em História), UFRGS, 2004.

<sup>3</sup> ZARTH, Paulo Afonso. Op. cit., 2002, p. 49-50.

primeiramente em caçadores de gado e posteriormente em estancieiros, aproveitando-se das pastagens naturais, desenvolvendo a pecuária, que se tornaria a principal fonte de riqueza para a região.

Ou seja, estavam lançadas as bases para a criação dos latifúndios pecuaristas e a conseqüente ocupação dos campos naturais do Rio Grande do Sul. Neste momento podemos já perceber que uma das primeiras formas de ocupação efetiva do território esteve estreitamente ligada ao aspecto natural da região.

### 1.3 A Fronteira Ambiental/Natural

A formação de uma classe pecuarista fez com que o espaço de campos naturais fosse praticamente todo ocupado, no entanto, restava ainda um espaço considerado não habitado, a região de matas. Podemos perceber então, dentro do Estado do Rio Grande do Sul, uma nova fronteira – a ambiental ou natural.<sup>4</sup>

Obviamente a fronteira ambiental é uma construção sociocultural de diferenciação entre o espaço considerado habitado ou habitável onde estão em voga uma série de interesses financeiros e o espaço considerado inabitado ou inabitável onde momentaneamente não existem interesses financeiros. Essa distinção entre os campos naturais e as florestas já existia certamente a milhares de anos antes da chegada dos portugueses/europeus à região.

A fronteira ambiental caracteriza-se pelo espaço que, de certa forma, não interessava à pecuária, sendo habitado por populações indígenas e caboclos. Esses últimos desenvolviam o extrativismo de erva-mate (*ilex paraguariensis*), uma agricultura de subsistência baseada na técnica do roçado, que na visão preconceituosa da elite local/nacional era considerada como um dos símbolos da irracionalidade e preguiça desses sujeitos. Além disso, formavam, principalmente a partir do fim do tráfico, da escravidão e da Lei de Terras de 1850, que proibia o livre acesso desses às matas consideradas devolutas, mão-de-obra para a pecuária. Segundo Paulo Afonso Zarth, esses indígenas e caboclos seriam os primeiros habitantes dessas terras e é necessário reportar-se a eles na medida em que foram os primeiros a

---

<sup>4</sup> Sobre a história ambiental da colônia Ijuí e do Rio Grande do Sul é interessante observarmos as obras de: GERHARDT, Marcos. **História ambiental da colônia Ijuí**. Londrina: Dissertação (Mestrado em História) UEL/UEM, 2002. CORREA, Sílvio Marcus de Souza; BUBLITZ, Juliana. **Terra de promessa: uma introdução à eco-história da colonização do Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: UNISC; Passo Fundo: UPF, 2006.

modificaram e habitaram esse espaço, modificações que permaneceram mesmo após a chegada dos primeiros imigrantes.<sup>5</sup>

É necessário reportar-se aos primeiros ocupantes da terra, independentemente do sistema produtivo que adotem, pois é nessa fase que são construídas muitas características que marcarão o espaço, de tal forma que, mesmo com a imigração posterior de novos colonizadores, estarão ainda presentes.<sup>6</sup>

No entanto, a ocupação definitiva e em massa das terras de matas do Estado do Rio Grande do Sul acontece somente a partir da imigração européia. Aí temos dois marcos significativos: a criação ainda no Império da Colônia São Leopoldo (1824) próxima a Porto Alegre, a primeira do Estado, e com o advento da República, em 1890, a criação da Colônia de imigração Ijuí, a primeira definitiva do Planalto Gaúcho<sup>7</sup>.

A criação da segunda colônia mencionada, a de Ijuí, a que nosso trabalho se dedica diretamente, altera significativamente a estrutura e a paisagem agrária da região. Segundo Zarth<sup>8</sup>, a criação da colônia Ijuí seria uma primeira tentativa de modernização agrícola na região, bem como, no nosso entendimento, uma transformação da paisagem de mata em uma paisagem agrícola.

#### 1.4 A Fronteira Agrícola

Com a criação da colônia Ijuí, a fronteira agrícola, que vinha desde a criação de São Leopoldo se expandindo da região do rio dos Sinos, subindo a serra com as colônias de Caxias do Sul, Bento Gonçalves, entre outras, chega às matas do planalto.

A expansão da fronteira agrícola no planalto assinala, em primeiro lugar, segundo Zarth<sup>9</sup>, a primeira tentativa de modernizar a agricultura na região por parte do Estado. Ou seja, a agricultura de roçado e subsistência desenvolvida pelos caboclos/lavradores nacionais,

<sup>5</sup> Gerhardt também assinala para a transformação ambiental provocada pelos sujeitos que habitaram a região antes dos imigrantes europeus. GERHARDT, Marcos. Op. cit., 2002.

<sup>6</sup> ZARTH, Paulo Afonso. **História agrária do Planalto gaúcho 1850-1920**. Ijuí: Ed. Unijui, 1997, p. 33.

<sup>7</sup> Anteriormente à colônia de Ijuí, em 1825, foi fundada a Colônia de São João das Missões, que acabou não alcançando sucesso e em 1879 foi fundada a colônia militar do Alto Uruguai, onde atualmente encontra-se a cidade de Três Passos, que embora auxiliasse na ocupação do espaço e principalmente na defesa deste, não teve como princípio básico o recebimento de imigrantes como Ijuí. ROCHE, Jean. Op. cit., 1969. ZARTH, Paulo Afonso. Op. cit., 1997. WEB. Disponível em: <<http://www.unijui.edu.br/content/view/36/996/lang,iso-8859-1/>>. Acesso em: 22 mar. 2008.

<sup>8</sup> ZARTH, Paulo Afonso. História regional/ história global: uma história social da agricultura no noroeste do Rio Grande do Sul (Brasil). **História debates e tendências**. Passo Fundo: v. 1, n. 1, jun. 1999. p. 109-128.

<sup>9</sup> Id., ibid.

considerada ultrapassada, arcaica, deveria dar lugar a uma agricultura moderna, capaz de atender a um mercado nacional com gêneros alimentícios de primeira necessidade.

Um segundo ponto a ser destacado é a mudança na estrutura agrária da região, ou seja, a fronteira natural, a mata, deveria ser maciçamente ocupada por colonos europeus. Assim, a terra (mata) onde o caboclo desenvolvia seu roçado, o extrativismo de erva-mate (*ilex paraguariensis*) e onde ele vivia, deixaria de ser devoluta, “terra sem dono”. Esta agora pertenceria a quem possuísse a posse legal da terra através do título ou ao Estado, que a revenderia aos colonos europeus, num processo claro de expropriação do caboclo/lavrador nacional.

Como Zarth<sup>10</sup> afirma, a consideração de uma fronteira agrícola, em especial, de uma zona pioneira nas regiões de imigração européia por estudiosos como Leo Waibel e Jean Roche<sup>11</sup>, tende a desconsiderar ou subestimar, a partir de uma visão etnocêntrica, os habitantes da terra anteriores aos imigrantes, num discurso que tende a exaltar os europeus. No entanto, em nosso trabalho utilizamos essa definição não desconsiderando os antigos habitantes, em especial caboclos, mas sim, para designar o momento em que especialmente a agricultura se expande de uma forma nunca antes vista na região e se esta antes se destinava quase que totalmente à subsistência, a partir de agora se volta cada vez mais ao mercado, bem como, se antes essa era esparsa, a partir de então passa a ocupar uma área cada vez maior, tomando o espaço que antes era de predominância de matas.

## 1.5 A Fronteira Cultural

A chegada do imigrante europeu<sup>12</sup> ao planalto gaúcho com a criação da colônia Ijuí aponta para outro tipo de fronteira estabelecida nesse espaço, a fronteira cultural, fronteira de encontro entre o europeu e o nacional/caboclo.

Tramontini, ao estudar a colônia São Leopoldo, os já citados, Marcos Gerhardt ao estudar a colônia Ijuí, bem como Paulo Afonso Zarth e Marcio Antonio Both da Silva<sup>13</sup>,

<sup>10</sup> ZARTH, Paulo Afonso. Op. cit., Ijuí: Ed. Unijuí, 1997, p. 31-35.

<sup>11</sup> WAIBEL, Leo. **Capítulos de geografia tropical e do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1979. ROCHE, Jean. Op. cit., 1969.

<sup>12</sup> O aqui designado imigrante europeu é assim considerado em função de este ser visto como o sujeito ideal para ocupar as terras e desenvolver a agropecuária. No entanto, em Ijuí, como já salientado anteriormente, o imigrante que ocupou as terras não é somente o europeu.

<sup>13</sup> TRAMONTINI, Marcos Justo. Op. cit., 2000. GERHARDT, Marcos. Op. cit., 2002. ZARTH, Paulo Afonso. Op. cit., 2002. ZARTH, Paulo Afonso. Op. cit., 1997. SILVA, Márcio Antônio Both da. Op. cit., 2004.

apontam para essa situação de fronteira<sup>14</sup> cultural, embora sem utilizar-se dessa terminologia, quando assinalam para os “conflitos”, trocas e poderíamos assim dizer convivência no mesmo espaço de europeus e nacionais. Em seus trabalhos, esses autores assinalam para o não-isolamento do imigrante quando esse chega à nova terra. Gerhardt, Zarth, Roche, Silva e Waibel apontam algo significativo para nosso trabalho, ou seja, que os imigrantes e os caboclos tiveram trocas de experiências no que se refere à agropecuária, na adoção de técnicas agrícolas, ocupando um espaço muito próximo fisicamente. Nesse sentido, podemos assinalar que muitos dos produtos agrícolas cultivados pelos imigrantes não eram, em sua maioria, produtos europeus, mas sim tropicais, como erva-mate, mandioca, feijão. Também, suas primeiras casas não eram casas européias e aqui podemos nos valer dos modelos enxaimel alemães, mas sim casas de pau-a-pique. Esses são fatores que assinalam que as trocas culturais, e aqui nos referindo diretamente às trocas entre a cultura material/técnicas e tecnologias entre esses sujeitos, pelo menos em um primeiro momento é visível.

Entendemos esse espaço de trocas culturais, de fronteira cultural, como um espaço híbrido, como um local onde podemos observar a ocorrência de um hibridismo cultural entre os sujeitos sociais. Ou seja, nesse período de ocupação, de diferenciação e adaptação social do espaço, podemos ver a cultura se transformar, ser negociada e ao cabo é difícil afirmar, principalmente no caso do imigrante, que esse continua europeu, pelo menos no que diz respeito à representação do europeu ideal construída pela elite brasileira na passagem do século XIX ao XX e estendendo-se ao longo desse século. Referindo-se a esse processo, assinalou Leo Waibel, que o imigrante caboclizou-se, tornou-se caboclo<sup>15</sup>.

A afirmação desse autor, estudioso da imigração é, sem dúvida, carregada de preconceito e revela a percepção que se desenvolvia na época e em certa medida ainda permanece hoje, ou o que Maria Naxara<sup>16</sup> chamou de representação do brasileiro e porque não complementarmos com uma representação do imigrante europeu.

O lavrador nacional/caboclo ou como Zarth<sup>17</sup> afirmou, camponês nacional, era visto como um sujeito preguiçoso, atrasado culturalmente, sem higiene, enfim, como Naxara<sup>18</sup> nos

---

<sup>14</sup> José de Souza Martins assinala que a situação de fronteira é o espaço da alteridade, local de do encontro, conflito, descoberta e desencontro entre diferentes modos de vida, visão de mundo e temporalidades. MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Hucitec, 1997.

<sup>15</sup> WAIBEL, Leo. Op. cit., 1979.

<sup>16</sup> NAXARA, Maria Regina Capelari. **Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro 1870/1920**. São Paulo: Annablume, 1998.

<sup>17</sup> ZARTH, Paulo Afonso. Op. cit., 2002. ZARTH, Paulo Afonso. Op. cit., 1997.

aponta a figura do Jeca Tatu da primeira fase de Monteiro Lobato, que representa um ideário, imaginário acerca do brasileiro. Na região noroeste do Rio Grande do Sul essa representação do nacional é praticamente a mesma. Esse sujeito, segundo essa representação, não era o ideal para ocupar essas terras e fazer florescer nelas uma agricultura moderna, capaz de atender um mercado interno carente de gêneros alimentícios de primeira necessidade. As técnicas agrícolas caboclas, aí inserimos a do roçado, representavam bem o suposto despreparo desses sujeitos e, segundo a elite local da época, a solução seria “importar” pessoas capazes de modernizar essa agricultura, pessoas que possuíssem um espírito de progresso e trabalho. Segundo a percepção da época esses sujeitos seriam os imigrantes europeus.

Nesse sentido cria-se, a exemplo do que havia com os nacionais, uma representação do imigrante europeu. Essa seria a de um sujeito trabalhador, de boa índole, com um espírito de progresso, vindo do que na época era considerada o auge da civilização – a Europa, possuidor de técnicas e tecnologias agrícolas modernas, ou seja, esse era o sujeito capaz de civilizar essas matas incivilizadas e incultas.

No entanto, podemos assinalar que essas duas representações eram carregadas de preconceito e etnocentrismo. Paulo Zarth, em suas várias obras, utilizando-se do trabalho ímpar de Ester Boserup, analisa essa pretensa irracionalidade e utilização de técnicas agrícolas inadequadas e aponta para exatamente o contrário, ou seja, a adoção dessas técnicas pelos caboclos fazia parte de uma racionalidade própria que visava maior lucratividade com menos trabalho, tempo e espaço, já que essa agricultura do caboclo não visava, em geral, a comercialização de excedentes, mas sim, a subsistência. A principal fonte de renda do caboclo na região era o extrativismo da erva-mate.

A representação acerca do imigrante como o sujeito ideal cai por terra à medida que esse vai ocupando as terras e adota, a partir de um hibridismo cultural, técnicas caboclas, como as já mencionadas, do roçado para iniciar a lavoura, constrói casas como as do caboclo,

---

<sup>18</sup> Naxara analisa como se dá a construção de uma representação do brasileiro na passagem do século XIX ao XX, mais precisamente dos anos 1870-1920. Segundo a autora, nesse período aparecem diversas tentativas de compreensão globalizadoras da cultura e da história da população brasileira, no âmbito mais amplo da cultura ocidental. O fio condutor dessas análises pautou-se por uma concepção evolucionista da história, tendo o progresso como idéia central e uma angústia quanto à possibilidade da sua realização num país visto como atrasado em relação ao mundo civilizado. O povo brasileiro, visto por suas elites, aproximava-se do atraso e da barbárie, enquanto que o que se tinha em vista era alcançar o progresso e a civilização. Tal questionamento acabou levando a uma identificação do brasileiro pela ausência do que se esperava ele pudesse ser, ou seja, por aquilo que lhe faltava. NAXARA, Maria Regina Capelari. Op. cit., 1998.

entre outras, como uma forma de responder aos estímulos proporcionados por um meio ambiente estranho a ele.

Homi Bhabha<sup>19</sup> aponta para o hibridismo como sendo o “entre lugar”, ou seja, uma cultura que se tornou híbrida, como a dos imigrantes europeus de Ijuí, e quem sabe poderíamos estender essa afirmação para outros pontos onde existe o que denominamos aqui de fronteira cultural e que não pode ser caracterizada como a cultura que ela era antes do hibridismo e nem tornou-se totalmente a “outra cultura” ao fim do processo. Levando essa proposição em consideração, podemos afirmar que a cultura do imigrante hibridou-se com a do caboclo em vários pontos, e aqui incluímos a cultura material foco de nosso estudo, e que ao final é difícil caracterizá-la como totalmente européia, bem como afirmar que é cabocla. Novamente aqui afirmamos que a colocação de Waibel<sup>20</sup> da caboclicização do imigrante, ou seja, o tornar-se caboclo é uma afirmação preconceituosa, tanto para com o caboclo, que é considerado símbolo de um retrocesso cultural, ou de uma cultura arcaica, e para com o imigrante, que teria retrocedido culturalmente, fato que não aconteceu, ocorrendo sim uma adaptação cultural, objetivando uma adaptação também ao novo espaço sócio-cultural-ambiental que o imigrante passa a ocupar.

Nesse sentido, a proposição de Zarth<sup>21</sup> de que a chegada do imigrante europeu seria uma primeira tentativa de modernização da agricultura por parte do Estado é facilmente entendida. O suposto arcaísmo, que segundo a visão preconceituosa da elite política da época, existia na figura do caboclo, sua agricultura e na pecuária, deveria ceder lugar à moderna agricultura do imigrante, fruto de milhares de anos de evolução daquele continente que, como já afirmado, era considerado o auge da evolução da humanidade, a Europa.

O espaço incivilizado, inculto, a região de matas, deveria também ceder espaço ao desenvolvimento de comunidades, vilas e posteriores cidades, através da ação empreendedora do Estado e do imigrante. Sendo assim, passamos a procurar entender o papel do Estado na construção de um espaço/paisagem colonial e seu conseqüente papel no sentido de auxiliar o imigrante a ocupar a área que lhe era designada e iniciar a agropecuária e a construção de uma cultura técnica agropecuária.

---

<sup>19</sup> BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

<sup>20</sup> WAIBEL, Leo. Op. cit., 1979.

<sup>21</sup> ZARTH, Paulo Afonso. Op. cit., jun. 1999, p. 109-128.

## 1.6 Colonizar: a transformação da área de mata em paisagem colonial

Com vistas a compreender o processo de construção de uma cultura técnica agropecuária na região colonial de Ijuí entendemos como sendo extremamente importante compreender as mudanças operadas na paisagem agrária<sup>22</sup>, ou seja, entender como se dá a transformação de uma área dita inculta em área cultural<sup>23</sup>, aqui em dois sentidos – de culturas agrícolas, bem como de culturas étnicas diferenciadas.

O já observado preconceito para com o nacional, em especial o caboclo, gerou a construção de uma representação acerca desse sujeito e podemos dizer também do espaço que ele vive, o campo/mundo agrário, apresentado como espaço inculto, num claro preconceito onde se busca desconsiderar a cultura e o conhecimento que esses sujeitos possuem. Podemos, considerando o acima exposto, então inferir que o espaço agrário foi preconceituosamente considerado sem cultura, conceito entendido aqui também em dois sentidos – de uma cultura humana plenamente desenvolvida, mas também no sentido que os estudos acerca do meio-ambiente procuram dar a um espaço considerado sem intervenção humana, um espaço natural que deveria ser transformado em espaço de paisagem agrícola. Essa proposição é válida se considerarmos o acima exposto, principalmente para esse espaço de matas que passa a ser ocupado pelo imigrante europeu no planalto gaúcho. A construção de uma representação acerca do caboclo, nesse sentido, constrói também uma representação acerca do local onde ele vive, o qual é necessário modernizar, bem como é necessário que o caboclo aprenda com o imigrante e se modernize.

O imigrante/colono, como já apresentado, é o símbolo do moderno, é aquele sujeito que deve habitar e fazer produzir a terra, colonizar, ocupar o espaço e o fazer produzir, essa é a tarefa do imigrante/colono<sup>24</sup>, mas são necessários determinados meios para que isso aconteça, ou seja, a experiência da colonização mostrou que o imigrante por si só, isolado,

---

<sup>22</sup> Utilizamos o conceito de paisagem presente em: EMÍDIO, Teresa. **Meio ambiente e paisagem**. São Paulo: Editora SENAC, 2006, p. 13. A paisagem “é tecida de elementos bióticos e abióticos, em contínua mutação, porque também ela resulta de processos físicos, químicos e biológicos, todos eles ativos, interagindo, reagindo e se alternando, entre o dinâmico e o estático, em obediência às leis que regem o ecossistema planetário. Além disso, é preciso levar em conta a irrequieta ação do homem, sempre a intervir no entorno, não importam as escalas e as distâncias.”

<sup>23</sup> Ver: EMÍDIO, Teresa. Op. cit., 2006. ENCICLOPÉDIA EINAUDI. Anthropos – Homem. NATUREZA/CULTURA.

<sup>24</sup> Acerca disso é interessante ver: BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, em especial o capítulo 1.



não consegue prosperar. Um exemplo disso foi a colônia de São João das Missões que, isolada em um espaço pouco habitado, simplesmente desapareceu.

A colônia Ijuí foi um exemplo de espaço colonial que prosperou em função da presença marcante do Estado no construir esse espaço. Além disso, obviamente a presença de outros atores sociais como os colonos/imigrantes foi marcante no sentido de transformar o espaço de mata em paisagem de cultura agropecuária.

Neste sentido, procuraremos entender como essas mudanças são operadas, em especial por dois sujeitos específicos, o Estado e o imigrante, sem no entanto, esquecer que este espaço já havia sido ocupado e transformado por caboclos e populações indígenas.<sup>25</sup>

Apresentamos a seguir como se dá a construção desse espaço colonial, a transformação da paisagem agrária, o conseqüente início da construção de um novo sistema agrário e a construção sócio-cultural-ambiental de uma nova cultura técnica agropecuária que irá se apresentar como a dominante até a década de 1950.

### **1.7 O Papel do Estado na Transformação, Adaptação e Diferenciação Social/Cultural do Espaço<sup>26</sup>**

A criação da colônia Ijuí em 1890 por parte do Estado Riograndense deve ser assinalada como o início da transformação social/cultural de um espaço considerado até então parcialmente ocupado, sendo essa data considerada como um marco do início da colonização europeia no planalto gaúcho.<sup>27</sup>

A transformação do espaço por parte do Estado inicia-se já no ano de 1890 com o início da medição dos lotes com vistas à mercantilização desses e a venda, em geral, a colonos europeus em detrimento dos caboclos, que já habitavam a região.<sup>28</sup>

<sup>25</sup> Ver: ZARTH, Paulo Afonso. Op. cit., 1997. LAZAROTTO, Danilo. **História de Ijuí**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002. GERHARDT, Marcos. Op. cit., 2002. SILVA, Márcio Antônio Both da. Op. cit., 2004.

<sup>26</sup> Sobre o papel do Estado na ocupação de terras no Rio Grande do Sul torna-se interessante atentarmos para a obra de: NASCIMENTO, José Antonio Moraes do. **Derrubando florestas, plantando povoados: a intervenção do poder público no processo de apropriação da terra no norte do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Tese (Doutorado em História) PUC-RS, 2007.

<sup>27</sup> ZARTH, Paulo Afonso. Op. cit., 1997.

<sup>28</sup> Segundo o que se encontra relatado nas entrevistas transcritas n° 37 e 150, os nacionais, principalmente a partir de 1912, também poderiam ter acesso à terra através da compra. No entanto, segundo as mesmas entrevistas, os nacionais possuíam uma racionalidade diferenciada do imigrante: “Pois é, naquele tempo existia muita folga e o brasileiro saía para lugares que não se tinha muita obrigação.” (Entrevista transcrita n° 37). Mas também por falta de conhecimento da possível aquisição da terra: Entrevistador: “[...] esta gente (*nacionais*)

Com o início da medição dos lotes e a divisão das linhas tem-se aberta a possibilidade da ocupação do território por parte dos imigrantes que começam a chegar a partir de 1891<sup>29</sup>. A divisão em linhas e lotes (colônias), em geral, de 25 hectares, respeitou uma simetria da qual muito se mantém ainda no município de Ijuí, bem como marca, entre outros aspectos, o tipo de propriedade agrícola idealizada, ou seja, a pequena propriedade familiar e a diferenciação quanto as tradicionais sesmarias, grandes propriedades características da ocupação dos campos gaúchos, embora com o passar do tempo alguns colonos adquiriram mais de uma colônia, como o fotógrafo Eduardo Jaunsem.

A ocupação a partir da venda dos lotes pelo Estado aos colonos se deu de forma relativamente rápida sendo que em 1912, ou seja, 22 anos após a criação da colônia praticamente não existiam mais lotes disponíveis. Segundo dados dos relatórios da intendência municipal de Ijuí, em 1892 já haviam sido distribuídos<sup>30</sup> 83 lotes rústicos<sup>31</sup>, já em 1900 haviam sido distribuídos/vendidos 1.634 lotes e haviam 349 medidos a ser concedidos. Havia entre os lotes urbanos concedidos e a conceder no mesmo ano 646 lotes e a área cultivada da colônia chegava a 122.421.300m<sup>2</sup> (12.242,13 hectares). Em 1906 a área total medida da colônia era de 527.987,294m<sup>2</sup> (52.798,7294 hectares), a área ocupada era de 499.987,294m<sup>2</sup> (49.998,7294 hectares) e a devoluta 28.000,000m<sup>2</sup> (2.800 hectares). Em 1912 a área colonizada era de 130 mil hectares e a área a colonizar era de mais ou menos 25 mil hectares. Apesar da existência de uma significativa área ainda por colonizar, há também, no mesmo relatório, a informação de que não convém mandar mais imigrantes para Ijuí devido à grande procura de lotes por colonos velhos e filhos de colonos já domiciliados no Estado que pagam as terras à vista. Ou seja, podemos assinalar que em 1912 a ocupação do espaço já está praticamente completa, sendo assim, entre os lotes vendidos a imigrantes europeus, entre as posses legitimadas e a área reservada a benfeitorias do Estado como a praça municipal, entre outras, o espaço estava praticamente todo ocupado. No entanto, a diferenciação do espaço, principalmente em paisagem agropecuária e paisagem urbana, se estende ainda pelo menos até a década de 1950.

---

não pensaram de pagar um pedaço de terra? Entrevistado: - Não. Entrevistador: “Eles não pensavam porque não sabiam?” Entrevistado: “Eles achavam que só trabalhando de empregado dava para viver, então eles saíram [...]”. (Entrevista transcrita nº 150). Alguns dos nacionais permaneceram em Ijuí trabalhando como empregados dos imigrantes e descendentes.

<sup>29</sup> LAZAROTTO, Danilo. Op. cit., 2002.

<sup>30</sup> Utilizamos-nos do termo “distribuídos” em razão de este ser o termo utilizado na documentação pesquisada. No entanto, a utilização desse termo não deve levar o leitor a pensar que os lotes eram simplesmente distribuídos, os mesmos eram vendidos aos colonos.

<sup>31</sup> Lotes “rústicos” era uma diferenciação de nomenclatura quanto a lotes urbanos, representando lotes que se encontravam na área não destinada à sede da cidade, zona rural.

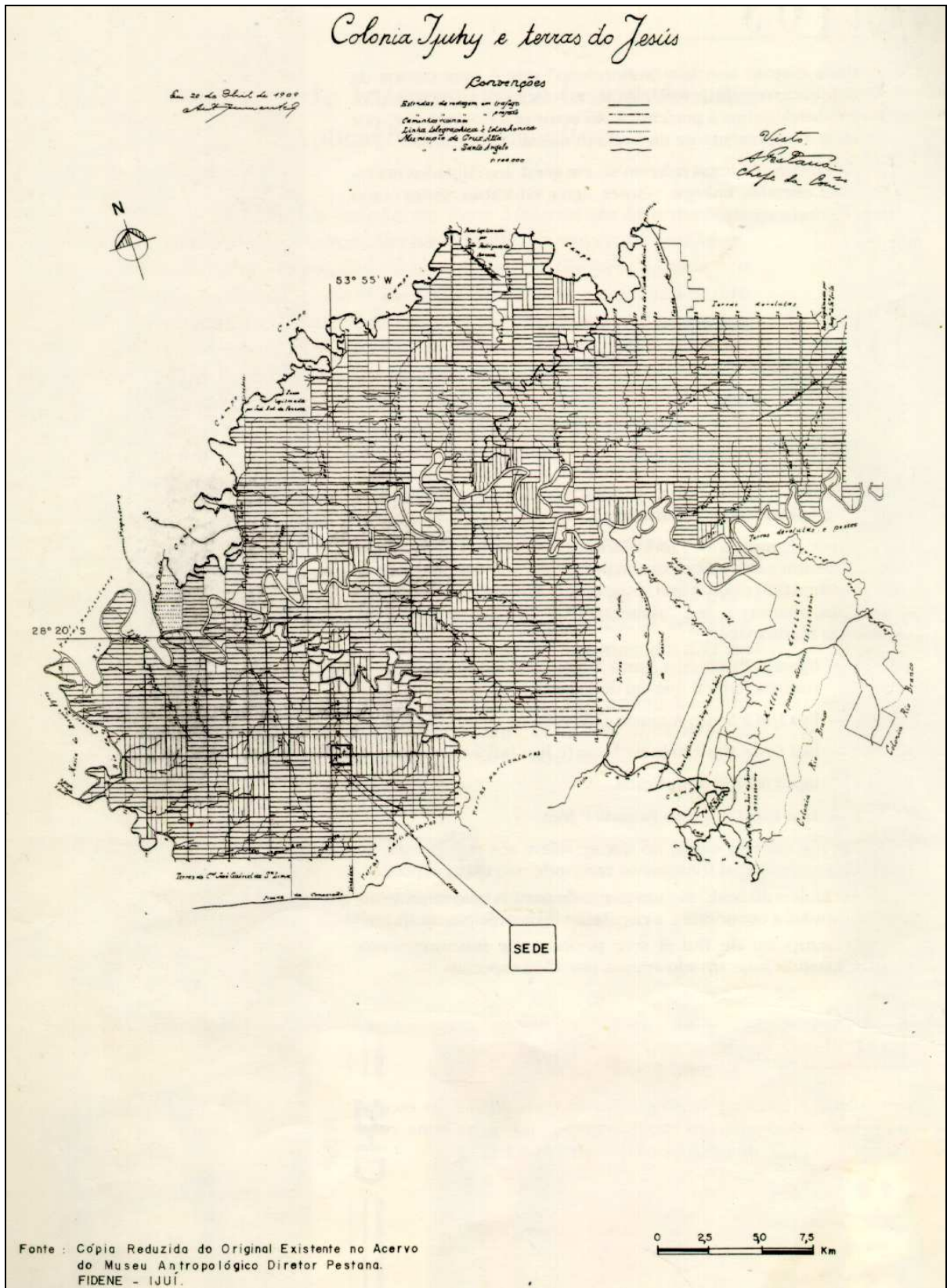


Imagem 1<sup>32</sup> - Planta Baixa da Colônia de Ijuí.

<sup>32</sup> CANABARRO, Ivo Santos. A construção da cultura fotográfica no sul do Brasil: Imagens de uma sociedade de imigração. Rio de Janeiro: (Tese de Doutorado) UFF, 2004.

A planta acima é representativa da simetria dos lotes e, conseqüentemente, da simetria proposta para a colônia Ijuí. Nela podemos notar a presença dos lotes demarcados e da sede da colônia, bem como a existência de espaços ainda não loteados ou pertencentes a outros sujeitos que não o Estado.

Além da ocupação do espaço por meio da distribuição dos lotes pelo Estado há a diferenciação do espaço de mata em espaço passível de receber imigrantes e desenvolver a agropecuária a partir de empreendimentos estatais, sendo um dos principais desses a construção de uma infra-estrutura viária com vistas a ligar os diversos pontos da colônia entre si, bem como com os municípios vizinhos por meio de pontes e estradas, permitindo o escoamento da produção agropecuária de Ijuí.

O quadro abaixo aponta para a construção de estradas do ano de 1896, data dos primeiros dados, até 1912, um ano após a chegada do ramal ferroviário em Ijuí.

Tabela 1: Estradas de Ijuí<sup>33</sup>

Ano	Estradas vicinais	Estradas de rodagem	Estradas de rodagem a construir
1896	20.130 (largura 10m)	*	*
1897	23.200 m	70.000m	*
1898	23.200 m	70.000m	*
1899	205.500m	39.400m	*
1900	252.150m	46.300m	*
1902	259.050m	76.240m	14.000m
1903	272.500m	85.740m	15.000m
1904	277.500m	95.920m	*
1905	280.000m	117.420m	7660m
1906	280.000m	131.820m	*
1907	300.000m	157.840m	*
1911	480.000m	260.000m (estradas carroçáveis)	*
Neste ano começam as informações acerca da construção de estradas que ligam a municípios vizinhos, alargamento e melhoramento das estradas gerais o que aponta para um maior circulação de produtos.			
1912	500.000m	300.000m (estradas carroçáveis)	*

\* - Ausência de dados.

<sup>33</sup> Tabela produzida por Daniel Schneider a partir dos dados dos relatórios da Intendência Municipal de Ijuí.

Apesar da ausência de dados com relação a alguns anos, o que podemos notar é um crescente aumento quanto ao número de quilômetros de estradas o que aponta para uma também crescente diferenciação do espaço colonial. A partir de 1912 os dados quanto a quilômetros de estradas construídas são praticamente inexistentes. Há sim dados quanto às despesas com conservação e os constantes melhoramentos nas estradas, bem como com a construção de pontes, pontilhões e boeiros, mas que não indicam a extensão da malha viária de Ijuí no período, embora existam dados que possibilitam algumas inferências quanto ao estado de conservação, qualidade e quantidade de estradas, bem como a maneira como o trabalho era realizado.

No relatório da Intendência Municipal de 1927, o intendente afirma que Ijuí é o “município que possui as melhores estradas do Estado”. Já em 1931, a Prefeitura Municipal inicia a fabricação de tubos de cimento para a manutenção de estradas. Em 1940 faz-se menção no relatório das primeiras máquinas de construção de estradas, e em 1950 pode-se ter uma idéia do crescimento da malha viária de Ijuí se compararmos com os dados de quantidades de estradas de 1912 da tabela anterior. Nesse relatório afirma-se que foram aperfeiçoados 823 km de estradas, o que, apesar do fato de que uma mesma estrada possa ter sido reparada várias vezes durante um mesmo ano, auxilia no entendimento da proporção em que pode ter crescido o número das estradas de Ijuí no período estudado.

Há ainda a importância atribuída às estradas antes de 1912 em que aparece a quantidade de estradas abertas apontando para a importância dessas para os contatos tanto no interior da colônia, quanto desta com municípios vizinhos e a exportação e importação de produtos, já que até esse momento essas eram as principais formas de escoar a produção. Somente em 1911 é que a linha férrea chega a Ijuí, abrindo a possibilidade de efetuar a exportação por essa via. Outro fato que merece ser salientado é o que ocorre a partir de 1911 e as constantes construções, alargamento e melhoramentos de estradas que ligam aos municípios vizinhos, o que, sem sombra de dúvida, aponta para uma maior circulação de carroças que neste momento ainda permanecem como meio de transporte bastante utilizado para a importação e exportação de produtos.



Imagem 2 – Estrada de Ijuí (Coleção Eduardo Jaunsem, 1917).

Nesta imagem de 1917 o fotógrafo Eduardo Jaunsem capturou uma vista parcial de Ijuí. A partir de um plano de detalhes podemos visualizar uma estrada que representa bem as chamadas “estradas de rodagem” ou “carroçáveis”. Na imagem a observação das marcas salientes e estreitas das rodas de carroças na estrada são perfeitamente visíveis, o que atesta para o seu uso constante, bem como é perceptível a conservação da mesma e a diferenciação entre a parte usada, à esquerda, e a parte menos utilizada à direita, na qual se desenvolvem grande número de gramíneas.

No plano de fundo da imagem há a presença do que possivelmente sejam casas ou galpões dos quais só é possível a observação de parte das benfeitorias, em especial do telhado, devido ao grande número de árvores que se desenvolvem em volta das mesmas. À direita da imagem, logo acima da estrada, podemos notar a presença do que presumimos seja um potreiro, onde se desenvolvia a criação de animais.



Imagem 3 – Transporte de amendoim (Coleção Eduardo Jaunsem, 1940).

Nesta imagem podemos perceber, a exemplo da anterior, um dos meios de transporte agrícola que foi muito utilizado em Ijuí, bem como as condições das estradas da colônia e a maneira como as mesmas se apresentavam em 1940, ano de produção da imagem.

Em primeiro plano, podemos visualizar o transporte de produtos agrícolas em uma carroça puxada por oito muas. Os sujeitos que estão na carroça transportando sacos de amendoim, que seriam exportados até Cruz Alta, trajam roupas simples, do dia-a-dia do trabalho, até mesmo pela situação de trabalho em que se encontram no momento da tomada, um dos sujeitos veste bombacha, uma roupa típica gaúcha. É interessante notarmos a presença da carroça como meio de transporte para a exportação de produtos que ainda resiste no ano de 1940, apesar da existência do transporte ferroviário desde 1911.

Algo que vem confirmar nossa proposição anterior, de que modernizações, no caso aqui o “trem”, não necessariamente extingue o uso da técnica ou tecnologia que ele teoricamente viria a substituir, mas esse processo é algo gradativo. Tem-se de levar em consideração algo que Ester Boserup menciona, embora não dessa forma, da possibilidade de escolha dos sujeitos sociais que optam por tecnologias mais produtivas à medida que essas

lhes trazem algum ganho de produtividade.<sup>34</sup> A linha férrea e as estradas de rodagem se unem na composição de uma malha viária, aumentando sua capilaridade pois o trem somente pode circular onde existem os trilhos, onde esses inexistem a carroça ou outro meio de transporte é utilizado.

A abertura da lente fotográfica nos permite observar, no plano de fundo, o ambiente modificado pelos imigrantes. Onde predominava a mata, agora há uma propriedade rural, na qual podemos visualizar a casa, além de algumas árvores e a vegetação natural. Podemos visualizar também a estrada, que é o ponto que liga as propriedades rurais ao centro da colônia e esta aos municípios vizinhos. Ela encontra-se em estado regular, sendo perfeitamente transitável. As marcas existentes no solo, atrás e à frente da carroça, nos deixam a impressão de que havia trânsito regular na estrada, demonstrando a constante conservação das mesmas. Essa fotografia ainda é interessante se atentarmos para a paisagem que serve de recorte para a confecção da imagem, a casa, a estrada, os produtos agrícolas transportados, a carroça atentam para o que deveria ser, segundo a representação das colônias de imigração e do imigrante já mencionadas, uma região de imigração, qual seja, a de zona produtora de produtos exportáveis, a supressão da natureza em detrimento a tudo o que advenha do trabalho árduo do ser humano. No entanto, seguindo essa mesma representação, a imagem destoa em um ponto quanto aos sujeitos que conduzem a carroça, que visivelmente não são colonos, sendo provavelmente caboclos. O que aponta para o que já levantamos anteriormente, ou seja, a ocupação de um mesmo espaço por esses e os imigrantes, a constante interação dos mesmos, a existência do hibridismo cultural e a queda por terra das visões/representações etnocêntricas e preconceituosas existentes entre um e outro. Essas representações, em geral, desconsideram a diferença de racionalidade de ambos, do imigrante que busca, geralmente, a posse através do título da terra e quer fazê-la produzir ao máximo, e do nacional/caboclo que, geralmente, nunca necessitou do título da terra e produzia para a subsistência e de forma itinerante ocupava os locais em busca da erva-mate (*ilex paraguariensis*) ou trabalhava como empregado.

Se como no relatório da Prefeitura Municipal de 1927, a colônia Ijuí possuía as melhores estradas do estado, estas imagens, de 1917 e de 1940, quando comparadas não apontam para significativas alterações quanto ao modelo de estrada, nem quanto a um melhor estado de conservação, ambas possuem somente a parte mais utilizada livre de gramíneas, o

---

<sup>34</sup> BOSERUP, Ester. **Evolução agrária e pressão demográfica**. São Paulo: Hucitec/Polis, 1987.



restante sendo tomado por essas. No entanto, embora a afirmação do relatório de 1927 possa ser questionada, até mesmo quanto ao que se tentou passar através da afirmação e a quem ela se direcionava, podemos inferir que um mesmo tipo de estrada, um mesmo estado de conservação sugerem um mesmo grau de importância atribuído à estrada.

Se autores como Jean Roche, Paulo Afonso Zarth, entre outros, afirmam que o sucesso ou insucesso das colônias se deu, entre outros fatores, em função da ligação com outros pontos do Estado, ou seja, mercados consumidores dos gêneros produzidos pelos colonos, é possível atribuir um dos fatores do sucesso da colônia Ijuí ao constante papel do Estado na construção e melhoramentos de estradas e, sem sombra de dúvida, a construção do ramal da estrada de ferro cerca de 20 anos após a fundação da colônia foi de fundamental importância.



Imagem 4 – Construção da estrada de ferro (Coleção Família Beck, 1911).

Esta imagem fotográfica apresenta outro aspecto da diferenciação e transformação da paisagem operada pelo Estado – a construção da estrada de ferro. Em primeiro plano temos os trabalhadores/construtores da ferrovia, em 1911, que se encontram dispostos ao lado e sobre os trilhos da mesma. Todos trajam roupas simples e muitos encontram-se com seus instrumentos de trabalho nas mãos.

No plano de fundo podemos perceber algumas árvores e à esquerda pela abertura da lente fotográfica, a possibilidade de observarmos a vegetação que se estende ao longe, possibilidade que só é quebrada pela linha do horizonte.

A partir de um plano de detalhes da imagem visualizamos a estrada de ferro em construção que se estende horizontalmente pela fotografia.

A contribuição do Estado na diferenciação social do espaço, de um espaço de mata em uma paisagem colonial foi um entre outros fatores que contribuíram para a implantação da prática agropecuária e o seu constante crescimento. E como Zarth<sup>35</sup> afirma, a primeira tentativa de modernização agrícola iniciava-se no noroeste do Rio Grande do Sul, se antes da chegada dos imigrantes esse era, como já afirmado, preconceituosamente, um espaço inculto, infértil, onde havia uma prática agrícola retrógrada e arcaica, estavam lançadas as bases para uma agricultura dita moderna, ligada diretamente a um mercado consumidor regional.

### **1.8 Ocupação, Transformação e Diferenciação Sócio-cultural-ambiental da Área de Mata em Paisagem Agrícola: a chegada dos imigrantes e o início de sua prática agropecuária<sup>36</sup>**

Como já assinalado, a chegada em massa de imigrantes a Ijuí se dá a partir de 1891. No entanto, segundo Lazarotto, já em 1878, 1885 e 1887 chegaram à região colonial de Ijuí alguns imigrantes que vêm diretamente da Europa e outros das chamadas colônias velhas, no entanto, em número bastante reduzido. Houve também, como Zarth, Gerhardt e o próprio Lazarotto<sup>37</sup> apontam em “Ijuí antes de Ijuhy”<sup>38</sup>, a presença de índios e caboclos. A documentação pesquisada aponta, no entanto, somente para a presença de caboclos e imigrantes no espaço colonial de Ijuí entre os anos de 1890 e 1950.

---

<sup>35</sup> ZARTH, Paulo Afonso. Op. cit., jun. 1999.

<sup>36</sup> Embora o título leve o leitor a pensar que somente o imigrante europeu e seus descendentes transformaram a paisagem de mata em paisagem agropecuária, não é isso que queremos aqui demonstrar, e vários autores como Gerhardt e Zarth já atentaram para isso, que o nacional/caboclo também alterou a paisagem com sua presença. No entanto, em nosso trabalho queremos levar o leitor a entender que a transformação operada pelo imigrante foi sem precedentes na região, por isso do título assim posto.

<sup>37</sup> ZARTH, Paulo Afonso. Op. cit., 1997. GERHARDT, Marcos. Op. cit., 2002. LAZAROTTO, Danilo. Op. cit., 2002.

<sup>38</sup> Grafia do nome da cidade quando do início da colonização. Lazarotto usa os dois termos para tratar respectivamente do período anterior e após o início da imigração de europeus em massa para Ijuí.

Nos relatórios da Intendência Municipal há uma série de dados quanto a caboclos, posseiros e nacionais<sup>39</sup>. Afirmar-se que devido à grande quantidade de posseiros em 1902 é difícil determinar com exatidão o número de lotes ocupados na colônia, ou seja, além da posse legal da terra pelos compradores, em geral, colonos europeus, havia também a posse de quem já estava na terra considerada inabitada antes da criação da colônia. Em 1909 aponta-se para vestígios da presença de “nacionais” em cerca de 30 lotes que permanecem vagos e têm sido recusados pela falta de água ou madeira, sendo terras que foram cultivadas durante anos por nacionais. No ano de 1910, quando a quantidade de terras a colonizar já começa a ficar escassa afirma-se que há grande quantidade de terras que poderão ser colonizadas, porém houve ali há anos “grande medição do direito como posse”<sup>40</sup>. Antes mesmo da criação da colônia esses sujeitos, como Lazarotto<sup>41</sup> afirma, já se encontravam no espaço que mais tarde se tornaria a colônia Ijuí, como o documento que lista a “Relação dos moradores dos mattos do Pontão do Ijuhysinho”<sup>42</sup>. Entre os moradores relacionados encontram-se sujeitos que afirmam ter chegado à localidade nos anos de 1846, 1855, 1868, 1879, 1881, enfim entre os anos de 1846 e 1890, sujeitos esses que claramente não são colonos/imigrantes<sup>43</sup> como pode-se inferir a partir de seus sobrenomes, como Silva, Rodrigues, Cortez, Lima, Nascimento, Santos, Aguiar, Freitas, Costa, Carvalho, Conceição, Machado, entre outros, que claramente não são de origem européia não-ibérica, constituindo-se em posseiros, nacionais.

Nesse sentido, podemos concluir que as terras da colônia Ijuí eram habitadas anteriormente à chegada do imigrante por caboclos/nacionais e índios, embora os últimos não

---

<sup>39</sup> Embora o uso das terminologias diferenciadas caboclo, posseiro e nacional possa levar o leitor a imaginar sujeitos sociais diferenciados e em geral a documentação também possibilita esse raciocínio, podemos inferir que apesar da diferenciação esses termos se referem aos mesmos sujeitos, os tradicionalmente chamados de caboclos.

<sup>40</sup> A documentação não é muito precisa quanto aos dados que fornece. No entanto, podemos inferir que essas foram terras que receberam posse oficial, ou seja, os sujeitos tiveram o registro oficial da terra, possivelmente provando que há muito tempo ali viviam, mas em 1910 já não ocupavam mais a mesma, não podendo a administração da colônia utilizá-la para a colonização, pois não eram terras da administração, mas particulares e não mais ocupadas. Os relatórios da Intendência Municipal eram remetidos ao governo do Estado do Rio Grande do Sul e atestavam os progressos e “problemas” da colônia. Esse registro que citamos acima pode, de certa forma, ser encarado como uma queixa da administração da colônia para que o governo do Estado tome as devidas providências.

<sup>41</sup> LAZAROTTO, Danilo. Op. cit., 2002.

<sup>42</sup> Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP). Ijuí/RS, Arquivo Ijuí (A. I.) 1.1 documento 20 pasta 10, 2 páginas.

<sup>43</sup> O imigrante europeu não-ibérico é considerado pela representação criada para ele como o sujeito ideal para ocupar e fazer produzir a terra, torna-se como Bosi exemplifica “*colonus*”: “*Colonus* é o que cultiva uma propriedade rural em vez do seu dono; [...] o habitante da colônia [...]” (p. 11) No sul do Brasil, o colono (habitante da colônia) diferentemente do que Bosi afirma tem a posse da terra, no entanto, também poderíamos afirmar que a cultiva no lugar do seu antigo “dono” ocupante, o nacional. A partir de agora passaremos a nos referir ao imigrante também como colono/*colonus*. BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

sejam mencionados na documentação, segundo Lazarotto, também habitaram a região, no entanto, a presença desses sujeitos, em proporção aos imigrantes, foi bem menor.

A presença do caboclo reforça a formulação de que essa foi uma área de fronteira cultural, ou seja, área onde duas culturas distintas estiveram em situação de fronteira<sup>44</sup>, uma situação de conflito, de troca de experiência, um espaço híbrido, palco de um hibridismo cultural entre caboclos e imigrantes, onde a troca de experiências foi fundamental para o início da prática agropecuária e a transformação, diferenciação do espaço. Com o passar dos anos alguns pontos desse hibridismo perdem força (funcionalidade) mas, no entanto, essa situação é claramente visível, como veremos mais adiante, e se mantém ao longo do tempo sob diversos pontos.



Imagem 5 – Caboclos e a erva-mate (Coleção Eduardo Jaunsem, 1939).

<sup>44</sup> Ver: MARTINS, José de Souza. **Fronteira:** a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1997.

Além da documentação escrita que atesta a presença de caboclos, o fotógrafo Eduardo Jaunsem, em 1939, tem a preocupação de capturar nesta imagem a presença desses sujeitos sociais em uma de suas principais atividades, o preparo da erva-mate.<sup>45</sup>

Em primeiro plano há a presença de um sujeito que está executando um ofício específico, cortando lenha, logo abaixo e atrás do carijo encontram-se outros sujeitos que passam quase despercebidos na imagem.

Podemos notar, a partir de um plano de detalhes, a ferramenta em suas mãos, o machado, com o qual ele corta lenha que alimentará o carijo que está atrás dele, onde a erva-mate é secada. Podemos notar também a erva-mate sendo secada no carijo e alguns feixes de erva-mate pelo chão. No plano de fundo é possível a visualização de algumas árvores, possivelmente erva-mate.

No cartão sobre o qual a fotografia está fixada encontra-se a inscrição: “Caboclos eram os primeiros habitantes da Colônia Ijuhÿ, antes da chegada dos imigrantes européus”. Numa atitude intencional de direcionar a leitura do observador da imagem transmitindo uma informação específica o fotógrafo escreve sobre o cartão da fotografia. Esta imagem participou de uma exposição, a qual possuía o título de “Produtos da erva-mate – Caboclo”, o que, de certa forma, pode auxiliar na compreensão da inscrição sobre o cartão e a intencionalidade do fotógrafo em demonstrar o trabalho do caboclo na preparação da erva-mate para a venda, bem como afirmar acerca da presença do caboclo num período anterior à imigração européia em massa para Ijuí e que ainda se encontra em Ijuí em 1939. Não sabemos se é possuidor de lote rural ou somente empregado rural, no entanto, sua presença é foco do interesse do fotógrafo/imigrante que se ocupa em fotografar esse sujeito e transmitir a informação específica de que eram os primeiros habitantes da colônia.

Muitas das primeiras técnicas agrícolas utilizadas pelos imigrantes eram aquelas utilizadas já a longa data pelos caboclos, as quais eram grandemente criticadas pela elite local, e porque não afirmarmos nacional, como sendo o símbolo de uma cultura técnica retrógrada e arcaica, parte da representação acerca do nacional estudada por Naxara<sup>46</sup>, já exposta anteriormente.

---

<sup>45</sup> Esse processo de beneficiamento da erva-mate, em geral, obedecia à seguinte seqüência: a erva-mate era sapecada no fogo, logo após ela era secada no carijo (imagem acima) e depois socada para que as folhas e pequenos pedaços de galhos fossem moídos.

<sup>46</sup> NAXARA, Maria Regina Capelari. Op. cit., 1998.



Imagem 6 – Nacionais (Coleção Família Beck, sem data).

Esta imagem, embora não possua data, atenta mais uma vez para a presença de negros e caboclos em Ijuí, que podem ser vistos no primeiro plano da imagem. Alguns deles trajam roupas bastante elegantes, as mulheres longos vestidos ou saias, outros sujeitos trajam roupas típicas gaúchas, como bombacha e alguns usam chapéu. Em um plano de detalhes da imagem podemos observar nas mãos dos sujeitos ferramentas de trabalho, na frente dos mesmos uma lavoura de milho se desenvolvendo, a casa coberta com zinco e janelas que aparentemente parecem ter vidro, revelando que o morador tinha alguns recursos. Já no plano de fundo algo interessante nos chama a atenção, à direita da imagem atrás dos sujeitos há uma série de árvores caídas onde está se praticando possivelmente um roçado para abertura da lavoura.

No plano geral da imagem, o roçado, a lavoura de milho, as ferramentas empunhadas pelos sujeitos nos remete a um ambiente de trabalho. A presença dos sujeitos nos permite perceber, mais uma vez, o anteriormente exposto, da presença de nacionais e imigrantes num mesmo espaço. E que a transformação da paisagem de mata em paisagem agrícola se deu também pelo nacional.



Imagem 7 – O imigrante e o roçado (Coleção Eduardo Jaunsem, 1927).

Esta imagem de 1927, pertencente à Coleção de Eduardo Jaunsem, interessante<sup>47</sup> sob o ponto de vista da forma da técnica de transformação, é uma adaptação inicial do ambiente de mata em ambiente agrícola pelos colonos. Podemos visualizar, em primeiro plano, o imigrante sentado sobre um tronco de árvore, trajando roupas um tanto quanto sofisticadas, calça, terno e chapéu, com a mão na cintura, cotovelo que escora o queixo sobre o joelho, olhando de forma fixa para frente, posando intencionalmente para a tomada fotográfica numa atitude de quem está pensativo.

Num plano de leitura direcionado aos detalhes da imagem, podemos perceber a mata que já havia sido derrubada, bem como a queima da mesma. É interessante possibilidade de leitura da imagem, interpretação e percepção da forma como os imigrantes iniciavam a diferenciação e transformação do ambiente natural, derrubando a mata e fazendo a queimada para construir sua moradia ou para iniciar a lavoura. Ressalta-se que essa forma de adaptação, transformação inicial do espaço era uma técnica já utilizada pelos caboclos e, como já

<sup>47</sup> Esse é um juízo que nós fizemos sobre a imagem, visto que somente existem duas fotografias nas coleções pesquisadas que mostram o roçado, bem como pela beleza estética da imagem em que o imigrante contempla seu ato de transformação da paisagem.

afirmado, veementemente criticada pelos sujeitos que afirmavam ser o imigrante o único capaz de modernizar a agricultura brasileira.

A utilização dessa técnica, a do “roçado”/coivara, tanto por parte do caboclo como do imigrante, aponta, em primeiro lugar, para o hibridismo cultural ocorrido entre o caboclo e o imigrante, este com o objetivo de se adaptar e adaptar o meio circundante, bem como buscar respostas aos novos estímulos lançados por esse, adotando uma prática cabocla e, em segundo lugar, por ser essa a melhor forma encontrada por ambos para iniciar, da maneira mais rápida possível, o plantio e a ocupação da terra. Essa técnica ajudava a eliminar “tocos”, raízes e plantas que dificultavam o plantio, bem como contribuía, inicialmente, devido ao depósito de cinzas no solo, para o aumento de fertilidade do mesmo devido a sua pouca utilização. No entanto, essa prática revela-se, após alguns anos de uso do solo sem adubação, como uma contribuição significativa para o desgaste da fertilidade natural da terra. A utilização dessa técnica e o desgaste causado ao solo foi apontada como parte da irracionalidade da agricultura cabocla e após o início da imigração como um dos pontos em que o imigrante retrocede culturalmente, tornando-se caboclo, caboclizandose. No entanto, como Ester Boserup e Paulo Zarth nos demonstram, a utilização dessa técnica faz parte de uma racionalidade específica desse tipo de agricultura, que objetiva a adaptação do espaço de mata em espaço/paisagem agrícola visando a produção com o menor esforço e tempo possível.

No plano de fundo podemos perceber, além de alguns troncos, o ambiente natural (mata) ainda não derrubado e queimado. Essa imagem desvela também uma dicotomia e um certo choque entre a mata devastada e já queimada e a mata ainda intacta, que forma um paredão ao fundo da imagem, algo que tende a diminuir gradativamente à medida que os sujeitos sociais transformam e diferenciam o espaço.





Imagem 8 – Roçado (Coleção Eduardo Jaunsem, sem data).

Nesta imagem produzida por Eduardo Jaunsem também podemos ver um roçado em que novamente será posto fogo para eliminar o restante dos galhos que não queimaram totalmente na primeira queimada realizada. No plano de fundo visualizamos a mata ainda não derrubada, embora esta imagem não possua data nos permite observar um estágio diferente da técnica de transformação e adaptação inicial do espaço.

A proposição de uma forma ou técnica de transformação, adaptação inicial do espaço rural pelo imigrante pode remeter-nos a pensar em algo que se realizou nos primeiros anos subsequentes à criação da colônia. No entanto, se nos determos ao ano de confecção da imagem 7 (1927), podemos perceber que, longe da forma de transformação inicial se caracterizar uma ruptura, que no intervalo de poucos anos transformou todo o espaço, ela se apresenta como um processo relativamente lento e gradual que se estende até pelo menos a década de 1950, com as derrubadas e a transformação e adaptação de todo o espaço agrário pelo imigrante e seus descendentes para o recebimento da agropecuária. É óbvio, no entanto, que à medida que o tempo se estende desde a criação da colônia a quantidade de matas restante é cada vez menor, ocasionando uma quantia menor de matas que são derrubadas.

A confecção por parte do fotógrafo Eduardo Jaunsem dessas duas imagens revela certo grau de importância atribuído à técnica da “coivara”. Toda a tomada fotográfica possui uma intencionalidade de um sujeito – fotógrafo, que é um filtro cultural e escolhe fazer o recorte de um real e “perpetuar” nesse aparato de memória que é a fotografia algo significativo para ele ou para aqueles que o contratam. No caso aqui, algo que fez parte de seu cotidiano no início da transformação e adaptação do espaço de mata em paisagem agrícola.

O interesse em fotografar o roçado se deve possivelmente à necessidade de registrar o trabalho do imigrante/colono, a posse da terra e o cultivar a terra no “novo mundo”, algo que na Europa, em geral, os dois últimos eram algo longe do alcance desses sujeitos, parte integrante do fator de repulsão do “antigo lar” e fator de atração no novo mundo.



Imagem 9 – O trigo e sua colheita (Coleção Eduardo Jaunsem, 1940).

Nesta imagem da Coleção de Eduardo Jaunsem da década de 1940 podemos perceber o acima exposto, ou seja, em um plano de detalhes da imagem ao centro podemos perceber uma abertura na vasta mata que se estende ao fundo na imagem e a transformação, adaptação, diferenciação do espaço de mata em paisagem agrícola. Essa transformação da mata, que embora não possamos afirmar com exatidão devido ao distanciamento do fotógrafo com

relação a ela, provavelmente ocorre pela técnica do roçado, aponta para a transformação e adaptação da paisagem, que continua mesmo na década de 1940, ou seja, cinquenta anos após a fundação da colônia.

Ainda a partir da imagem podemos visualizar, em primeiro plano, um grupo de pessoas colhendo trigo, todas usando chapéu, um acessório constantemente presente nos trabalhos rurais efetuados ao ar livre, e quem sabe poderíamos afirmar até certo ponto indispensável em função da constante exposição dos trabalhadores à luz solar. Devido ao posicionamento dos mesmos durante o processo de colheita do trigo é somente possível observar uma parte de seus corpos, visto que estão um tanto quanto curvados, sendo encobertos pela própria lavoura de trigo. A dicotomia lavoura – mata é saliente nesta imagem e a transformação do espaço de mata ao fundo pode nos apontar para um necessário incremento na produção de trigo, que neste caso não ocorre com a utilização de tecnologias mais modernas que as cotidianamente utilizadas pelos colonos, mas sim, por um aumento na área cultivada. Esse fator vai ao encontro de nossa hipótese, de que a cultura técnica construída neste espaço durante o período pesquisado é possível graças à relação estabelecida entre os sujeitos sociais e o meio-ambiente circundante, sendo que esse possibilitava, pelo menos até a década de 1950, em Ijuí, um aumento de superfície cultivada pela transformação da natureza em paisagem agrícola, de certa forma não exigindo uma tecnologia de correção e adubação massiva do solo, que só acontecerá a partir de 1950 e a chamada Revolução Verde o que Zarth designou como sendo uma segunda tentativa de modernização agrícola na região.

Podemos ver, ainda a partir de um plano de detalhes, alguns pequenos montes de trigo sobre o solo, constituindo-se numa técnica utilizada pelos colonos, que posteriormente passavam e recolhiam o mesmo para ser trilhado. A posição curvada das pessoas sinaliza o método utilizado na colheita do trigo, qual seja, a utilização de foicinhas, que exigia que os sujeitos ficassem curvados para cortar o trigo somente a alguns centímetros acima do solo.

No plano de fundo podemos visualizar além da bela lavoura de trigo, uma mata exuberante, que se estende da direita para a esquerda na imagem.

As imagens fotográficas utilizadas acerca da agricultura nos mostram essa adaptação/diferenciação sociocultural do espaço agrário de Ijuí, apresentando constantemente a dicotomia lavoura – floresta, sendo que a última tende paulatinamente a perder espaço para a primeira. As florestas apresentam-se como uma fronteira entre o culto e o inculto, o civilizado

e o não-civilizado, o moderno e o arcaico, algo que o trabalho do colono/imigrante tende a colocar por terra, num processo de transformação, adaptação do espaço que perpassa pela destruição ambiental, tanto da flora como aqui tratado, mas também da fauna.

A proposição de uma forma de ocupação, adaptação e diferenciação social do espaço em Ijuí se dá no sentido de compreender a estrutura agrária e o sistema agrário construído no período posterior à criação da colônia Ijuí e a chegada em massa de imigrantes europeus.

Nesse sentido, a construção de uma paisagem colonial em Ijuí, ou seja, a criação da colônia Ijuí e a intervenção constante do Estado na ocupação, adaptação e diferenciação do espaço de matas em espaço passível de receber imigrantes é fundamental na medida em que lança as bases da forma e etapas de ocupação e adaptação do espaço pelos imigrantes. A divisão da colônia em lotes de, em geral, 25 hectares, indica uma tentativa de disciplinar a ocupação da terra em pequenas propriedades familiares, ao contrário do que aconteceu nas áreas de campo, onde predominou a grande propriedade. A venda da terra causou uma modificação também quanto à forma de acesso à mesma e quem deveria fazê-lo. Há a primazia pelo imigrante europeu e seus descendentes em relação ao caboclo, que já habitava essas terras. O primeiro considerado o sujeito ideal que deveria ocupar e fazer “prosperar” essas terras, enquanto o segundo, considerado, preconceituosamente, a representação do arcaico deveria ceder espaço e aprender com o imigrante. A construção de uma rede viária e ferroviária também fruto da intervenção estatal foi fundamental para o desenvolvimento da colônia na medida em que proporcionou o escoamento da produção e a ligação com os demais municípios da região e do Estado.

A forma de ocupação do imigrante europeu, a utilização de técnicas e tecnologias fruto do hibridismo entre esses e os caboclos, ou seja, uma mescla de técnicas e tecnologias européias e caboclas, lança as bases para o modelo agropecuário a ser adotado até a década de 1950, quando o Estado empreende uma nova ação modernizadora com a Revolução Verde, que traz um pacote técnico/tecnológico diferenciado que novamente transforma gradativamente a agricultura da região, o que Zarth denominou de uma segunda tentativa de modernização agrícola.

Passaremos agora a compreender a cultura técnica agropecuária construída em Ijuí.

## Capítulo 2 – A AGROPECUÁRIA MODERNA IMIGRANTE

A vinda em massa de imigrantes europeus para o sul do Brasil é apontada por Zarth<sup>1</sup>, como já mencionamos, como uma primeira tentativa de modernização agrícola por parte do Estado. Na região de matas do Rio Grande do Sul deveria se desenvolver e prosperar uma agricultura com base nas técnicas e tecnologias utilizadas na Europa, estas vistas como símbolo do moderno e, conseqüentemente, seus habitantes como aqueles portadores de conhecimentos ditos modernos.

Nesse sentido, o modernizar na agricultura do Rio Grande do Sul do século XIX e início do XX é o que podemos chamar de europeizar. Como já tratado, o caboclo, descendente de índios, portugueses e negros era considerado um sujeito arcaico e atrasado, que deveria dar espaço ao moderno europeu não-ibérico.<sup>2</sup>

Em um primeiro momento esse espaço de matas deveria ser aquele responsável pelo abastecimento das regiões de criação de gado com gêneros alimentícios de primeira necessidade. No entanto, o que podemos perceber é que essa primeira tarefa foi logo superada e a exportação de produtos foi se deslocando também para outros estados e países.<sup>3</sup> A transformação do espaço de mata em paisagem agrícola ocorreu de maneira relativamente rápida, ou seja, em cerca de 50 a 60 anos podemos visualizar na região a completa transformação do espaço, bem como o desenvolvimento de uma cultura técnica agropecuária em que foram somados conhecimentos europeus e nacionais num processo híbrido que

---

<sup>1</sup> ZARTH, Paulo Afonso. História regional/história global: uma história social da agricultura no noroeste do Rio Grande do Sul (Brasil). **História, debates e tendências**. Passo Fundo: v. 1, n. 1, p. 109-128, jun. 1999.

<sup>2</sup> Esse processo não ocorreu de forma tão simples e fácil. Ver: ZARTH, Paulo Afonso. **História agrária do planalto gaúcho 1850-1920**. Ijuí: Unijuí, 1997. SILVA, Márcio Both da. **Por uma lógica camponesa: caboclos e imigrantes na formação do agro do planalto rio-grandense – 1850-1900**. Porto Alegre: Dissertação (Mestrado em História) UFRGS, 2004.

<sup>3</sup> Conforme os dados dos relatórios da Intendência Municipal de Ijuí nos permitem observar.

possibilitou o desenvolvimento rápido de uma agropecuária que deveria ser moderna, superando o considerado arcaico e tradicional até então vigente.

A passagem do arcaico ao moderno não se deu sem a contribuição do considerado arcaico, o conhecimento do lavrador nacional e do moderno, o conhecimento do imigrante europeu, num processo pautado por um hibridismo cultural, onde ao final, como assinala Babha<sup>4</sup>, não podemos dizer que a cultura é uma ou outra, mas sim um somatório das duas, ou seja, essa agropecuária ao final não é mais nem totalmente cabocla nem totalmente imigrante/européia, mas um somatório das duas, como bem coloca Burke<sup>5</sup>. Essa está pautada, pelo menos em um primeiro momento, por um *continuum* cultural, onde não é possível visualizar claramente a fronteira entre uma e outra.<sup>6</sup>

Em um primeiro momento, quando o imigrante chega à terra e começa a desenvolver a agropecuária, esse hibridismo parece se direcionar mais para o uso de técnicas caboclas como: o roçado/coivara, a casa do imigrante não é a casa aos moldes europeus. Depois, com o passar do tempo, a tendência é o acréscimo de técnicas e tecnologias de origem européia às primeiras. No entanto, o hibridismo continua a se fazer presente, muitos dos produtos cultivados pelo imigrante, como milho, feijão, mandioca, entre outros, não são de origem européia, mas sim, americana.

Um estudo das técnicas e tecnologias utilizadas no período 1890-1950 em Ijuí nos permite inferir o acima exposto<sup>7</sup>. Nesse período ocorre a construção sócio-cultural-ambiental de uma cultura técnica agropecuária que somente será superada, em parte, com a chamada Revolução Verde.<sup>8</sup> Durante este período as técnicas e tecnologias de produção, colheita, beneficiamento, são fruto das relações estabelecidas entre os sujeitos sociais, imigrantes, caboclos (lavradores nacionais), suas culturas e o Estado, bem como a relação que esses

<sup>4</sup> BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

<sup>5</sup> BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

<sup>6</sup> Utilizamos a afirmação “em um primeiro momento” porque entendemos que após certo tempo, principalmente depois que a mata está aberta e o imigrante já alcançou certo desenvolvimento na colônia há por parte deste uma necessidade de afirmar-se enquanto imigrante e de mostrar através de objetos materiais, como casas e maneiras de sua etnia se portar. Ver: CANABARRO, Ivo. **A construção de uma cultura fotográfica no sul do Brasil: imagens de uma sociedade de imigração**. Rio de Janeiro: UFF, tese (Doutorado em História), 2004. SCHNEIDER, Daniel. **A tentativa de construção de uma representação identitária imigrante no sul do Brasil: imagens da colônia Ijuí**. UFSC, 1997 (mimeo).

<sup>7</sup> Ver: SCHNEIDER, Daniel. **A agricultura em Ijuí 1890-1950: técnicas e tecnologias**. Ijuí: Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), Unijuí, 2005.

<sup>8</sup> Como afirmado anteriormente, modernizações são processos e não rupturas, embora o pacote tecnológico da Revolução Verde representasse uma nova onda modernizadora ela não vem romper com a cultura técnica anterior, mas sim, se somar, visto que os agricultores não substituíram suas técnicas e tecnologias da noite para o dia, mas sim, gradativamente e muitos ainda não o fizeram.

sujeitos estabelecem com o meio-ambiente circundante. É possível verificar que em certos momentos a agropecuária desenvolvida aproxima-se mais da considerada arcaica cabocla, quanto ao que e como produzir, ora aproxima-se mais da considerada moderna européia.

As técnicas e tecnologias que consideramos neste estudo vão desde as máquinas e implementos usados no plantio, colheita e beneficiamento, bem como produtos a cultivar, compreendidos aqui como uma cultura material desenvolvida no período. Também é considerada a maneira como os sujeitos sociais se utilizam dessa cultura material, algo que aqui designamos cultura técnica, que nada mais é que a junção das técnicas e tecnologias com o saber sócio/culturalmente construído, necessário para utilizar as mesmas, fruto do hibridismo do conhecimento imigrante e caboclo.

Nesse sentido torna-se de fácil compreensão o que acima foi proposto, que a cultura técnica agropecuária construída em Ijuí no período 1890-1950 é fruto das relações construídas entre os sujeitos sociais, suas culturas e o meio-ambiente circundante, uma cultura técnica agropecuária construída social, cultural e ambientalmente.

Posto o acima, podemos então passar a analisar mais a fundo essa proposição a partir do material empírico que é o meio que nos permite compreender a cultura técnica agropecuária de Ijuí. Optamos por utilizar de maneira mais acentuada as imagens fotográficas confeccionadas pelos fotógrafos imigrantes que retrataram a sociedade de imigração na qual viviam. Essas se constituem em material riquíssimo, pois além de serem um dos únicos documentos em que a cultura material está presente, podemos observar nelas também a cultura técnica, ou seja, a maneira como os sujeitos se utilizavam da cultura material, resquícios de um passado em que foram flagrados pelas câmeras dos fotógrafos-imigrantes que, de certa maneira, permitem que adentremos no cotidiano desses sujeitos participantes da construção da cultura técnica de Ijuí entre os anos de 1890-1950.

## **2.1 Florescer a Terra: a produção, colheita e beneficiamento inicial dos produtos agrícolas**

A crítica preconceituosa feita pela elite política da época acerca da irracionalidade da agricultura desenvolvida pelo lavrador nacional, em geral, desconsiderou o espaço que esse ocupava como fator-chave no desenvolvimento de uma agricultura nos moldes que o mesmo desenvolveu. Análises como a de Ester Boserup e Paulo Zarth superam essas visões

preconceituosas e percebem que a junção do local que o lavrador nacional ocupava, a necessidade de produzir o alimento para a subsistência com o menor gasto de tempo e trabalho, pois a principal fonte de renda desse era geralmente o extrativismo de erva-mate, levou o lavrador nacional a desenvolver a agricultura do roçado. Em geral, o imigrante europeu quando chega ao sul do Brasil vem ocupar esse mesmo espaço já ocupado pelo caboclo, enfrentando praticamente as mesmas dificuldades que este enfrentava quanto ao espaço de agricultura. No entanto, podemos perceber algumas diferenciações. A primeira diz respeito à posse legal da terra que o imigrante possui e o caboclo não. A segunda advém da primeira, a posse da terra deveria ser paga, ou seja, o imigrante além da produção de subsistência deveria produzir excedentes para angariar fundos com vistas a pagar a terra que ocupava. Sendo assim, o imigrante necessitava que praticamente toda a sua terra produzisse. A partir disso, temos o terceiro ponto, o imigrante necessitou transformar toda a paisagem de mata em paisagem agrícola. Além do que, uma das principais fontes de sustento do imigrante, se não a principal, era o que a terra produzia, sua subsistência dependia praticamente só disso<sup>9</sup>, uma racionalidade diferenciada do caboclo.

A junção desses quatro pontos fez com que a primeira grande preocupação do imigrante fosse a transformação da área de mata em paisagem agrícola com vistas à produção de excedentes comercializáveis. No operar dessa transformação da paisagem podemos perceber um dos primeiros aspectos do hibridismo cultural anteriormente mencionado, a utilização por parte do imigrante da mesma técnica de transformação, adaptação da paisagem utilizada pelo lavrador nacional, qual seja, a do roçado.

A transformação da paisagem permite o uso de outras técnicas e tecnologias que vêm a se somar no construir de um arcabouço técnico e tecnológico que se apresenta como o dominante até pelo menos as décadas de 1950-60. À medida que passam os anos desde 1890, com a criação da colônia, e 1891, com a chegada dos primeiros imigrantes, podemos perceber o aparecimento de novas técnicas e tecnologias que contribuem para a construção de uma cultura técnica agropecuária mais rica e diversificada.

O imigrante europeu, além de ser considerado o símbolo do moderno, na medida em que é apontado como o único sujeito capaz de modernizar a agricultura rio-grandense, é também em consequência desse aspecto, a mão-de-obra dita qualificada para o trabalho no

---

<sup>9</sup> Alguns imigrantes conseguiam uma renda extra trabalhando para o poder público da colônia nos trabalhos de manutenção e abertura de estradas.



espaço agrário de matas do Rio Grande do Sul. Desconsiderou-se, na maioria das vezes, em razão dessa representação construída acerca do imigrante e sua relação com o moderno/modernizar, bem como em função da representação do arcaico construída acerca do nacional, que muitos desses imigrantes, principalmente os que vieram a partir do fim do século XIX e início do XX, não possuíam nenhum conhecimento acerca da agricultura, nunca haviam trabalhado na terra, sendo em sua grande maioria operários ou trabalhadores urbanos. Nesse sentido, em Ijuí muitos dos ditos “colonos”<sup>10</sup> nunca haviam cultivado a terra, como os relatórios da intendência e da prefeitura municipal<sup>11</sup> várias vezes apontam, por isso mesmo a ocorrência do hibridismo se deu de maneira acentuada.

Neste capítulo, em um primeiro momento vamos nos debruçar em entender aspectos relevantes dessa mão-de-obra que vem para Ijuí implantar uma agricultura pretensamente moderna e de como a mão-de-obra nos auxilia a entender a construção de uma cultura técnica agropecuária.



Imagem 10 – Família Hoffmann (Coleção Família Beck, 1928).

<sup>10</sup> Ver: BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

<sup>11</sup> A diferenciação entre os termos Intendência e Prefeitura Municipal se dá pela emancipação política do município (1912), antes da emancipação há a Intendência que governa o município e após há a Prefeitura.

Esta imagem pertencente à coleção Família Beck, produzida no ano de 1928, permite observar em primeiro plano a família de fruticultores, disposta horizontalmente na imagem. A partir do primeiro plano é possível percebermos as personagens que se distribuem da esquerda para a direita na fotografia, apresentando-se relativamente bem vestidas para a ocasião da tomada fotográfica. Seus trajes são nitidamente europeus sendo confeccionados com tecidos que parecem pesados.<sup>12</sup>

Em um plano de detalhes podemos perceber a presença de mudas de árvores frutíferas, algumas frutas em uma cesta no centro da imagem, as pessoas à direita da imagem seguram ramos em suas mãos, os sujeitos mais ao centro possuem algo que parece ser uma enxada ou enxada com o qual provavelmente fazem os buracos onde as mudas são plantadas, outro com um papel na mão passa-nos a idéia de que contabiliza algo.

A abertura da lente fotográfica nos permite observar, no plano de fundo da imagem, uma construção rústica, da qual é possível visualizar parte do telhado de tabuinhas, bem como algumas árvores.

O plano geral da cena possibilita-nos inferir acerca de intencionalidade do fotógrafo e dos retratados de perpetuar na imagem fotográfica o trabalho da família com a fruticultura. Embora suas roupas não sejam as do dia-a-dia do trabalho, elas também ajudam a entender a “solenidade” do ato fotográfico e a importância do mesmo para a família que busca representá-lo a partir do que a família é, ou seja, agricultores que se ocupam de maneira especial de um ramo específico – a fruticultura, comercializando mudas. Nesse sentido, podemos perceber que a fotografia está baseada, ou busca ressaltar, pelo menos três aspectos significativos: o ser *colonus*, a fruticultura e o trabalho familiar.

---

<sup>12</sup> Ver: CANABARRO, Ivo Santos. Op. cit., 2004. Nela o autor faz um estudo mais aprofundado dos trajes dos imigrantes e a possibilidade de ver nisso aspectos como sua possível recém-chegada ao Brasil.



Imagem 11 – Moinho Colonial (Coleção Família Beck, 1910).

Esta imagem também pertencente à coleção Família Beck, confeccionada em 1910, na Linha 7 Norte, em Ijuí, vem nos permitir observar a parte externa de um moinho de propriedade familiar.

Em primeiro plano temos presente a família de imigrantes. Da esquerda para a direita encontra-se um menino que a exemplo de toda a família, traja belas roupas que não condizem muito com as utilizadas cotidianamente no mundo do trabalho rural<sup>13</sup>. O mesmo segura um cavalo pelas rédeas, logo ao lado temos os filhos mais novos do casal que se encontram ou ao lado ou no colo da mãe, todos olham rigidamente com a feição fechada para frente na direção em que o fotógrafo se encontra, exceto um que timidamente vira o rosto e como que busca refúgio na figura materna. Ao lado desse núcleo de pessoas temos o pai que olha rigidamente para frente, desviando o olhar da objetiva da câmera, ao seu lado se encontra o outro filho do casal.

Direcionando o olhar do leitor da imagem para o que nos mais chama a atenção em um plano de detalhes, ressaltamos a maneira como os sujeitos se dividem em núcleos na imagem.

<sup>13</sup> Ver: SCHNEIDER, Daniel. **Leituras de imagens do mundo do trabalho**. Ijuí: (Relatório Final de Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/Unijuí, 2004-2005), Unijuí, 2005.

Um núcleo encontra-se no centro em torno da figura materna, onde os filhos que aparentam serem mais novos se encontram. O posar ao lado da mãe não é mera coincidência, mas é algo intencional e vem a demonstrar que os filhos mais novos, como era comum nas colônias de imigração, auxiliam a mãe nos afazeres domésticos e em todos os trabalhos que a mãe realiza, geralmente em torno da casa e com os animais, bem como nos trabalhos de mutirão que visam a produção agrícola. Os outros dois núcleos são compostos pelo menino que segura/ostenta o cavalo e o menino e o pai à direita da imagem, que desta maneira dispostos nos permitem inferir acerca da forma da divisão do trabalho na família, na qual os filhos à medida que vão crescendo ajudam cada vez mais o pai no moinho e nos trabalhos mais pesados.

No plano de fundo podemos contemplar o moinho, a canalização de água construída para fazer com que a água de uma fonte natural, possivelmente um rio ou riacho, movesse a roda da água que produz a força necessária para o moinho funcionar. Chamamos também a atenção para as casas e instalações do moinho que são todas cobertas com tabuinhas, ou como são conhecidas pelos imigrantes alemães – as *Schindel*.

Essas duas imagens apresentadas possibilitam observar aqueles que se constituíam nos trabalhadores na agropecuária nesse período em Ijuí. Homens, mulheres e crianças desenvolviam os trabalhos necessários para manter a colônia familiar. Embora existam algumas diferenciações quanto ao trabalho que cada um cotidianamente exercia, podemos dizer que todos, praticamente sem distinção, deveriam cooperar, ou seja, mulheres e crianças deveriam auxiliar nos trabalhos que exigiam grande quantidade de trabalhadores, como a colheita e o beneficiamento inicial dos produtos, como a trilhagem.

As crianças, desde pequenas, auxiliavam nos trabalhos diversos da colônia. Esse era o ofício que deveriam aprender – o de cultivar a terra. Na medida em que cresciam iam efetuando trabalhos mais pesados, conhecendo todas as facetas do que era ser colono nesse período para, mais tarde, quando na idade adulta, os moços casarem e adquirirem o seu pedaço de terra e formarem uma nova família. A moça conheceria todas as facetas do trabalho doméstico da colônia, o lidar com os animais e teria ainda a obrigação de auxiliar o marido nos demais trabalhos, num processo em que sempre ao formar uma nova família o ciclo toma novo fôlego.<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> Jean Roche, ao tratar acerca desse ciclo em seu trabalho o chamou de o processo da “enxamagem”. Ver ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, v. I e II, 1969.

Conhecendo a principal faceta dos trabalhadores empregados nas colônias podemos entender os demais trabalhos que eram desenvolvidos na mesma, suas técnicas e tecnologias, mas sem esquecer que uma característica básica da cultura técnica construída neste momento em Ijuí advém dos trabalhadores e da maneira como esses eram utilizados. Ou seja, as técnicas, tecnologias e conhecimentos agrícolas perpassam pela grande quantidade de trabalhadores empregados, algo que pode ser percebido a partir do grande número de pessoas que compõem as famílias das duas imagens, bastante característico nas famílias dos colonos.

No fazer florescer a terra, logo após a transformação da área de mata em paisagem passível de receber a agricultura, os sujeitos ocupavam-se com o plantio dos produtos agrícolas. A maneira como inicialmente a mata cedia lugar à lavoura, através da técnica do roçado, fazia com que o solo, apesar de parcialmente limpo em sua parte superficial, onde só restavam alguns tocos maiores que o fogo não eliminava e a cinza dos demais, que contribuía significativamente para a fertilidade do solo, pouco ou nunca utilizado até então, deixava, logo abaixo da superfície uma grande quantidade de raízes das plantas que antes se apresentavam robustas na superfície. Grandes e pequenas raízes dificultavam o plantio e manejo neste primeiro momento até que as mesmas apodreciam ou então fossem retiradas pelos colonos.

Nesse momento, embora não se encontre nenhuma imagem no acervo pesquisado que permita visualizarmos a técnica do bastão de cavar<sup>15</sup>, a qual era predominante entre os caboclos/nacionais, com ela os sujeitos faziam pequenas covas no solo onde depositavam as sementes.

Na entrevista concedida por Agostinho Dezordi a Adelino Massarolo, a utilização do pau de cavar é mencionada.<sup>16</sup>

Eles tinham um tipo, pedaço de foice, eles diziam naquela época uma cavadeira né, saraquá. Então eles cravavam aquele saraquá que era como a metade da foice mas não a volta, da volta para o lado do cabo, cravavam aquele saraquá no chão, davam umas duas jogadas para diante e para trás; ele abria uma covinha, tiravam ele, colocavam dum lado, assim, encostado no corpo e com a bolsinha pendurada no pescoço e os grãos [...] ali dentro, pegavam uns dois, três ou quatro grãos [...] e jogavam naquela covinha e com o pé cobriam, puxava a terra e cobriam. [...] Assim era com o milho, era com o feijão, enfim com tudo né, menos com o trigo, o trigo era plantado à enxada [...].

---

<sup>15</sup> Também conhecido em algumas regiões do Brasil como “cavadeira”.

<sup>16</sup> MADP – Fitas cassetes transcritas, transcrição da fita n. 3.

Agostinho Dezordi menciona que o feijão e o milho eram plantados com a cavadeira, saraquá e outros produtos. O trigo, no entanto, era plantado com a enxada, o que vem demonstrar o que mencionamos anteriormente, que técnicas/tecnologias supostamente mais aperfeiçoadas não necessariamente suprimem a utilização da técnica/tecnologia menos “moderna”, mas que ambas convivem simultaneamente até que a técnica/tecnologia moderna suprima o uso da técnica anterior e até que os sujeitos sociais optem integralmente pela técnica/tecnologia mais “moderna”. Os livros da dívida colonial e os relatórios da intendência municipal demonstram a venda e a quantidade de enxadas e machados<sup>17</sup>, bem como das primeiras sementes vendidas aos colonos. Estes recebiam auxílio de 150\$000 para construção de uma casa provisória e 50\$000 para ferramentas e sementes<sup>18</sup>, sendo que a soma do valor do lote com os auxílios seriam todos debitados juntos.

Depois de passados alguns anos da derrubada da mata, os tocos e raízes haviam apodrecido ou então eram retirados pelos próprios colonos, o que permitia um incremento na cultura técnica com a utilização de outras tecnologias de preparação do solo e plantio.



Imagem 12 – Colono (Coleção Eduardo Jaunsem, sem data).

<sup>17</sup> Podemos encontrar informações em vários documentos acerca da presença de instrumentos de trabalho, mas principalmente nos documentos pertencentes ao acervo do Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP), no Arquivo Ijuí (A. I.) 1.1 Pasta 6 documento 10.

<sup>18</sup> LAZAROTTO, Danilo. **A história de Ijuí**. Ijuí: Unijuí, 2002.

Nesta imagem, parte integrante da Coleção Eduardo Jaunsem, tomada na Linha 11 Leste, linha onde o fotógrafo residia e possuía sua colônia de terras, temos em primeiro plano um colono em uma situação específica de trabalho, trajando roupas condizentes com o trabalho que está a desenvolver e utilizando-se de um chapéu para proteger-se do sol. É possível claramente notar no plano geral que a intencionalidade do fotógrafo era a de retratar o colono em uma situação de trabalho, em que o trabalho árduo do imigrante/colono que ocupa o centro da imagem é o que deve saltar aos olhos do leitor da imagem. O plano de fundo da imagem, composto por casas, galpões e árvores, ou seja, a paisagem colonial, concorre também para ressaltar o trabalho do colono que faz produzir a terra.

Em um plano de detalhes chama-nos a atenção a tecnologia utilizada para preparar a terra, a utilização do arado tracionado por uma junta de bois, que abre sulcos maiores e mais profundos que a enxada e a cavadeira que anteriormente era utilizada, revolvendo mais profundamente a terra, bem como poupando trabalho, já que é possível com a utilização dessa técnica e tecnologia preparar uma quantidade bem maior de área por dia. Há outro aspecto a ser ressaltado e que a imagem claramente demonstra, que é o esforço que os animais fazem, sua cabeça baixa e o pescoço tencionado para frente, nos passam essa idéia. O sujeito somente dá a direção aos animais e mantém a posição do arado tanto verticalmente, evitando que o mesmo afunde muito na terra ou revolva essa somente superficialmente, bem como, horizontalmente evitando que um sulco fique distante do outro.

Apesar da imagem não possuir data, apresenta de maneira interessante o trabalho de arar a terra com arado movido por tração animal, uma tecnologia que vem a se somar com a da utilização da enxada e do pau de cavar no construir de uma cultura técnica agropecuária.



Imagem 13 – Arado e cavalos (Coleção Eduardo Jaunsem, sem data).

Esta imagem também produzida na Linha 11 Leste mostra-nos a utilização de outro animal na tração do arado – a utilização de cavalos.

Para o estudo da cultura técnica agropecuária essa imagem é riquíssima quando atentamos para um plano de detalhes. Um primeiro ponto a ressaltar é quanto aos animais que puxam o arado, que ao contrário da imagem anterior são cavalos. Um apresenta uma coloração mais escura e o outro é branco. Neste último podemos perceber alguns riscos na parte traseira, riscos possivelmente produzidos por um relho, chicote ou até mesmo as correias utilizadas para direcionar os animais com o qual o condutor batia nos cavalos para que esses executassem o trabalho. Outro ponto é a diferenciação quanto ao tipo de arado com relação à imagem anterior, este visivelmente é diferente, sendo confeccionado, com exceção da lâmina de ferro que está encravada na terra, em madeira, com a empunhadreira bem diferente do anterior. Outro ponto a observar é que no local em que a terra já foi revolvida há alguns resquícios da lavoura anteriormente desenvolvida nesse espaço. Esses resquícios que são ainda mais visíveis na parte ainda por arar, são restos de pés de milho que apresentam-se dobrados mais ou menos pela metade, constituindo-se essa numa técnica utilizada pelos colonos para fazer com que a espiga de milho secasse completamente sem no entanto apodrecer no pé. Os colonos dobravam a haste de milho logo abaixo das espigas, fazendo com



que ficassem com a ponta que é ligeiramente aberta e por onde saem para fora os chamados “cabelos” do milho virada para baixo, evitando a entrada de água quando o milho já estivesse maduro. O dobrar o milho poderia ter também uma segunda função: a de abrir caminho para uma segunda cultura cultivada de forma intercalada com o milho. Dobrando o milho, a claridade do sol poderia alcançar melhor a segunda cultura plantada, geralmente feijão, amendoim e depois da década de 1950 em diante, a soja, depois que o milho já estivesse desenvolvido. Essa segunda técnica era, em geral, utilizada em lavouras que não haviam sido a pouco tempo abertas, já que nestas somente o milho era cultivado.<sup>19</sup>

O plano de fundo também nos apresenta algo interessante, qual seja, a presença de grande número de coqueiros, que em geral não eram retirados das lavouras nesse período, em função de não possuir valor comercial algum, bem como possuírem um sistema radicular difícil de remover.

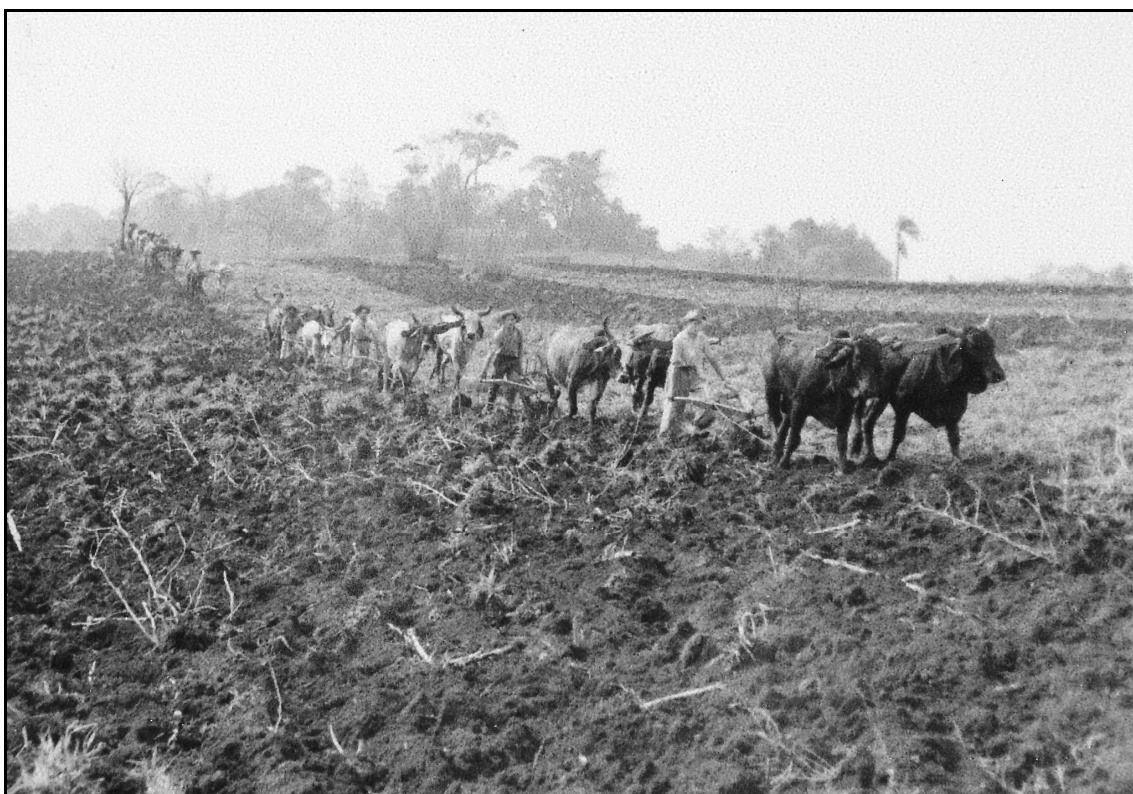


Imagem 14 – Mutirão para arar (Coleção Eduardo Jaunsem, sem data).

Esta imagem também produzida pelo fotógrafo Eduardo Jaunsem nos mostra algo *sui generis*: a presença de um grande número de pessoas arando a terra com a utilização de arado

---

<sup>19</sup> Ver nesse mesmo capítulo a **Imagem 29 – Trilhagem do Trigo (1938)**.

de tração animal ao mesmo tempo. Em primeiro plano podemos perceber os sujeitos empunhando seus arados e bois dispostos diagonalmente na imagem, todos se encontram em uma situação específica de trabalho, trajando roupas simples que condizem com esse momento de trabalho.

Em um plano de detalhes é possível visualizar a maneira como os sujeitos trabalham utilizando-se da técnica que possivelmente seja a do mutirão ou puxirão<sup>20</sup>, onde a ajuda mútua, em geral de vizinhos, amigos e familiares, é utilizada fazendo com que os trabalhos em que eram necessários uma quantidade maior de mão-de-obra que não era suprida pela familiar, pudessem ser realizados. No utilizar dessa técnica, os amigos, familiares ou vizinhos que ajudavam em uma colônia eram “remunerados” com o alimento durante o dia de trabalho e depois recebiam a retribuição com o dono da colônia indo até a colônia daqueles que o ajudaram para realizar outro mutirão.

O mutirão ou puxirão era uma técnica já utilizada pelos caboclos, como apresenta Telmo Marcon<sup>21</sup>. Essa foi uma técnica largamente utilizada em Ijuí como poderemos visualizar nas diversas imagens que apresentaremos durante o desenrolar do texto.

No entanto nos referimos à técnica que visualizamos nesta imagem como possivelmente sendo a do mutirão, pois além de uma simples técnica, se caracterizava como uma forma de convívio social. Os sujeitos após a realização do trabalho faziam uma espécie de festa, como Adelino Massarolo menciona em sua entrevista acerca do mutirão para construir uma casa:

[...] se ajudavam um ao outro, quando era para erguer aquelas madeiras se juntavam todos os filhos, na casa do meu avô tinha cinco filhos homem, se juntava os filhos, se juntavam os vizinhos, os amigos, que naquela época não eram muitos como hoje, eram mais ralos, mas eles se visitavam mais do que hoje, se conheciam mais, se ajudavam mais. Então, eles vinham, então para eles aquela época de fazer aquela casa, aquelas madeiras tudo, para eles era uma festa, para eles era um prazer estarem trabalhando todos juntos. [...] Então, era aquela brincadeira, quer dizer que no fim eles viviam bem, viviam felizes.<sup>22</sup>

Ou seja, o mutirão/ajuda mútua é também uma celebração de convívio social, em que todo mundo se auxilia, um momento em que durante e depois do trabalho realizado os sujeitos celebram os vínculos de parentesco e amizade. Por isso mesmo, por não termos a informação

<sup>20</sup> MARCON, Telmo. **Memória, história e cultura**. Chapecó: Argos, 2003.

<sup>21</sup> Id., *ibid.*

<sup>22</sup> Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP), entrevista transcrita n° 3.

dessa “celebração” acerca das imagens que nos levam a crer sejam um mutirão iremos nos referir a elas como possíveis mutirões. O plano de fundo da imagem apresenta de maneira desfocada o que parece ser uma pequena mata que juntamente com o céu completa o fundo da imagem.

No plano geral da imagem, a conjunção dos trabalhadores, os animais, os instrumentos de trabalho, a terra parte trabalhada e parte a trabalhar passa-nos algo do que deveria ser, segundo a representação que havia sido construída do colono, o cotidiano de uma colônia de imigração, o trabalhar e fazer produzir a terra. Se um primeiro passo para iniciar a produção/ florescer a terra era prepará-la para receber as sementes, mudas, enfim, o segundo passo após a preparação da terra, então seria justamente o de lançar as sementes.

A exemplo das técnicas para a preparação do solo, anteriormente apresentadas, as técnicas de plantio também, em geral, passaram despercebidas, não sendo relatada nada acerca delas nos documentos pesquisados. Somente as imagens fotográficas captaram em algum momento essas técnicas específicas, ressaltando a importância desse documento para o historiador, já que muitas vezes as fotografias permitem que o olhar do historiador/ pesquisador se deleite sobre aspectos que os documentos escritos não o permitem fazer.



Imagem 15 – Saraquá (Coleção Família Beck, sem data).

Esta imagem exemplifica o acima exposto, quando apresenta a fotografia de uma plantadeira manual (saraquá) utilizada pelos colonos<sup>23</sup>. A fotografia em estúdio pertencente à Coleção Família Beck deste objeto específico vem mostrar a importância atribuída ao mesmo, bem como ressalta a importância da imagem que permite observar os detalhes do objeto, algo que em uma descrição escrita, por melhor que fosse desenvolvida, não alcançaria as dimensões da imagem.

A partir de um plano de detalhes é possível observar o objeto, que para ser fotografado foi escorado em uma cadeira, e suas particularidades. O mesmo tem um formato em “V”, composto basicamente pelas duas hastes onde o sujeito que vai manuseá-lo o carrega, bem como produz o movimento de abrir e fechar necessário para o funcionamento da plantadeira. Na parte de baixo podemos perceber uma espécie de “bico” que é enterrado quando a parte superior está aberta, como na imagem. Logo após, ainda com o “bico” enterrado a parte superior é fechada, neste momento libera-se a passagem das sementes e do adubo que é lançado ao solo. As sementes encontram-se no compartimento que se encontra na haste esquerda e o adubo na haste que fica à direita. O número de sementes e a quantidade de adubo lançado ao solo é regulado por uma espécie de pequena peneira que fica logo abaixo do compartimento de sementes e que se estende horizontalmente um pouco mais que este. É sem sombra de dúvida possível afirmar que este foi um dos métodos mais utilizados para o plantio nas áreas de imigração do sul do Brasil. Na região noroeste é ainda possível contemplar a utilização desse tipo de técnica atualmente em pequenas propriedades e terrenos muito acidentados, onde o uso da plantadeira puxada por trator é inviável ou impossível.

Embora a fotografia não possua data, esta plantadeira era uma das mais sofisticadas antes da chegada à região de plantadeiras deste tipo, pois havia o compartimento para o adubo, enquanto outras bem mais simples eram utilizadas, em que não havia o compartimento destinado ao adubo.

No plano geral da imagem, a tomada fotográfica em estúdio de um objeto específico, como já observado, vem demonstrar a importância do objeto que é fotografado com vistas a preservar a memória acerca da imigração.

---

<sup>23</sup> O nome saraquá era dado, como anteriormente mencionado, ao pau de cavar, no entanto, em algumas regiões do Brasil o nome é atribuído também a plantadeiras como essa da imagem, bem como, na ficha catalográfica desta imagem a denominação dada ao objeto é saraquá. Algo que pode ser entendido se levarmos em consideração que ambos têm a mesma finalidade com a única diferenciação de que a máquina da imagem exerce duas funções: abrir a cova e já lançar a semente na mesma, enquanto o pau de cavar exerce somente a de abrir a cova.



Imagem 16 – Plantadeira puxada por cavalo (Coleção Eduardo Jaunsem, sem data).

A imagem acima pertencente à coleção Eduardo Jaunsem capturou a utilização de outra técnica/tecnologia de plantio. Em primeiro plano podemos observar o fotógrafo Eduardo Jaunsem próximo à plantadeira trajando roupas do dia-a-dia do trabalho na colônia, além de um grande chapéu. Logo a frente, mais próximo ao cavalo, seu irmão Willy, que traja roupas muito parecidas com a de Eduardo, bem como o chapéu<sup>24</sup>.

No plano de fundo a imagem apresenta uma mata que ocupa a parte de baixo da imagem e acima da mata, o céu com algumas nuvens, compondo um belo cenário.

Em um plano de detalhes alguns pontos interessantes no que diz respeito à cultura técnica podem ser percebidos. Primeiro, o cavalo, que é um animal geralmente utilizado para trabalhos mais leves, como no caso o de puxar a plantadeira; segundo, a própria plantadeira que vem se somar juntamente com a plantadeira manual anteriormente apresentada à cultura técnica construída em Ijuí no período 1890-1950. Seu uso, quando comparado com a outra

---

<sup>24</sup> Canabarro já afirma acerca das crianças utilizarem roupas muito parecidas com as dos adultos, numa tentativa de imitá-los, nesta imagem o papel da criança supera o da simples imitação, mas chega ao tornar-se adulto realizando trabalhos com esse. CANABARRO, Ivo Santos. Op. cit., 2004.

plantadeira, ocasiona uma economia grande de tempo, fator que entre outros, segundo Ester Boserup<sup>25</sup>, é algo imprescindível no momento de se adotar uma nova tecnologia. Outro ponto interessante pode ser observado quando comparados os lados direito e esquerdo dos sujeitos no centro da imagem. No solo pode-se notar claramente a diferença entre o lado onde a plantadeira já passou deixando pequenos sulcos e o lado ainda por plantar. Um último ponto pode ser observado no lado esquerdo da imagem, onde se encontra uma espécie de bolsa no chão, muito possivelmente contendo as semente com as quais a plantadeira é abastecida.

A presença dos irmãos Eduardo e Willy, este último visivelmente mais novo que Eduardo, ressalta o que anteriormente foi exposto, que as crianças desde pequenas aprendiam os afazeres da colônia para um dia, então, substituírem os pais, recebendo a terra como herança ou adquirirem sua própria fração de terra.

No plano geral desta imagem podemos perceber a técnica fotográfica de Eduardo Jaunsem, pois esta imagem assemelha-se muito à do mutirão para arar a terra (Imagem 14) no que diz respeito à maneira como foi confeccionada, com a mata e o céu compondo o plano de fundo e os trabalhadores no centro da imagem. Eduardo Jaunsem foi considerado por Canabarro<sup>26</sup> como um artista, sonho esse que o mesmo Eduardo sempre teve. Ele tinha uma grande preocupação em mostrar o novo mundo em que se encontrava e suas belezas, bem como as pessoas dispostas nesse novo mundo. O acervo Eduardo Jaunsem possui inúmeras imagens panorâmicas e imagens como as mencionadas em que o plano de fundo permite visualizar o novo mundo, que era o estúdio fotográfico de Eduardo Jaunsem.

Numa seqüência lógica após o plantio vem a colheita. Este momento para os colonos era muito importante, pois é somente aí que se pode contabilizar com precisão quais serão os lucros, produtividade, enfim, todos os demais trabalhos, de abrir a lavoura (roçado), preparar a terra, plantar, culminando na necessidade de produzir, de colher algo, frutos da terra, o florescer da terra tem fim nesse momento. A importância do colher e beneficiar os produtos é visível também nas imagens fotográficas, principalmente pelo grande número de imagens deste tipo nos acervos pesquisados. Mostrar a prosperidade, a grande quantidade de produtos colhidos, é como se fosse o festejar do fim de um ciclo que na verdade nunca tem fim, pois ao final do ciclo de um produto vem outro e assim sucessivamente.

---

<sup>25</sup> BOSERUP, Ester. **Evolução agrária e pressão demográfica**. São Paulo: Hucitec/Polis, 1987.

<sup>26</sup> CANABARRO, Ivo Santos. Op. cit., 2004.



Imagem 17 – Cortadeiras de trigo (Coleção Eduardo Jaunsem, 1945).

Esta imagem, que recebeu de seu autor o título “Cortadeiras de Trigo”, conquistou o segundo lugar na modalidade “O homem e seu trabalho”, na segunda exposição dos fotógrafos profissionais do Rio Grande do Sul que aconteceu na década de 1950. A imagem inclusive foi usada no folder de divulgação da exposição<sup>27</sup>. Esta imagem é, na verdade, uma montagem feita por Eduardo Jaunsem, em 1945, obtida a partir da junção de duas imagens, cujo resultado mostrou-se belíssimo. A montagem pode ser percebida quando atentamos para as duas laterais da imagem, que possuem um corte, bem como um olhar mais treinado pode observar acima das pessoas uma linha que coincide com a linha do horizonte.

Em um plano de detalhes é possível perceber a técnica de colheita manual, com o uso de pequenas foices (foicinhas). Desvela também a maneira como isso era feito, com as pessoas bastante curvadas para cortar os produtos, no caso o trigo, próximo ao chão, fazendo pequenos feixes do produto que são lançados no chão atrás das pessoas e, posteriormente, recolhidos para o beneficiamento inicial, a trilhagem.

Ainda em um plano de detalhes podemos observar que os pés de trigo e os talos que sobraram daqueles já cortados encontram-se dispersos de maneira aleatória, não apresentando

<sup>27</sup> Dados retirados de CANABARRO, Ivo Santos. Op. cit., 2004.

nenhum tipo de fileira, fato que permite inferir acerca da maneira como este era plantado. A técnica utilizada possivelmente não era nenhuma das apresentadas anteriormente, já que aquelas técnicas acabam produzindo ao final uma espécie de fileiras pela maneira como as sementes são distribuídas. Já no plantio do trigo, embora Adelino Massarolo em sua entrevista mencione a utilização da enxada, geralmente as sementes eram simplesmente a lanço, espalhadas, atiradas sobre o solo e em seguida utilizava-se de bois que puxavam uma grade<sup>28</sup>, que revolia muito superficialmente a terra, cobrindo as sementes.

No primeiro plano temos as mulheres cortadeiras de trigo que formam o que possivelmente seja um mutirão num trabalho que exigia uma grande quantidade de mão-de-obra. Suas roupas são simples e representam o cotidiano do trabalho, todas usam um acessório indispensável nos trabalhos realizados no sol, o chapéu. Na mão da terceira mulher da esquerda para a direita podemos observar a “foicinha” em plena ação.

O plano de fundo apresenta a montagem de Eduardo Jaunsem, que intencionalmente compõe o idealizado novo mundo que ele tanto admirava, onde nuvens, lavouras e árvores estão presentes. As nuvens e árvores podem ser vistas como as belezas do país tropical que o acolheu e as lavouras o trabalho empenhado pelo imigrante.

O plano geral, com a conjunção de todos os demais planos, vem mostrar a partir da construção/montagem feita por Jaunsem e sua técnica fotográfica a necessidade de se construir tanto no plano real como no plano da imaginação um mundo que o acolhesse, que se aproximava do que ele admirava, onde o trabalho imigrante, algo que ele muito se ocupou em fotografar, aparece com realce, concorrendo assim para a construção de uma representação do imigrante como um trabalhador/colono que alcançou certo *status*, padrão social e faz prosperar um espaço/paisagem ideal construído pela técnica de Jaunsem.

---

<sup>28</sup> Em alguns casos essa grade podia ser bastante rústica, sendo construída a partir de um galho de árvore que tivesse a forma de grade, ou uma espécie de um grande ancinho.





Imagem 18 – Homens, mulheres e crianças colhem trigo (Coleção Eduardo Jaunsem, 1950).

Esta imagem foi confeccionada na Linha 10 Leste no ano de 1950 e apresenta em primeiro plano um grande número de pessoas, homens, mulheres e crianças que participam do possível mutirão na colheita do trigo. Todos pararam momentaneamente seus afazeres para posar para a fotografia. Possuem em suas mãos seus instrumentos de trabalho e trajam roupas condizentes com esse.

Um plano de detalhes permite observar as foicinhas que os sujeitos empunham e uma possível diferenciação quanto ao tipo de trabalho que cada um exerce, já que os mais velhos têm em suas mãos as foicinhas e as crianças algo que parecem ser jarras de água e copos. Há também uma série de feixes de trigo em sua frente apontando para o trabalho que estava sendo realizado no local. Os feixes eram assim dispostos e posteriormente eram recolhidos para realizar a trilhagem, que nada mais é que um beneficiamento inicial do produto com a separação da palha dos grãos.

O plano de fundo apresenta além do céu, algumas árvores e algo que se assemelha a outra lavoura.

O plano geral da imagem mostra a horizontalidade da mesma, que é obtida pela disposição dos sujeitos e do que parece ser a lavoura ao fundo. Pode-se claramente perceber a intencionalidade de mostrar o trabalho que foi realizado pelas pessoas que posam mostrando seus instrumentos de trabalho e exibem o fruto de seu labor que é a lavoura colhida. A lavoura, a produção, as ferramentas simbolizam também o trabalho e o “vencer”, prosperar no novo mundo.



Imagem 19 – Colheita da cana (Coleção Eduardo Jaunsem, 1920).

Na presente imagem confeccionada no ano de 1920, na Linha 11 Leste, em primeiro plano é possível notar a presença de dois sujeitos que trajam chapéus e roupas típicas do cotidiano de trabalho, posam próximos aos produtos e aos instrumentos de trabalho, como a carroça e os cavalos.

Em um plano de detalhes é possível observar a carroça cheia de cana-de-açúcar, puxada por dois cavalos e o chão em que se misturam a própria cana com a palha. A carroça é utilizada para transportar os produtos da lavoura para o local do beneficiamento que poderia ser um engenho ou alambique onde se produziria açúcar, cachaça ou melado. Podemos inferir, embora não possamos observar na imagem, que a técnica da colheita da cana-de-açúcar era manual com o uso de foices ou facão.

O plano de fundo apresenta o restante do robusto canavial ainda não cortado, além de algumas árvores.



Imagem 20 – Colheita da Erva-Mate (Coleção Eduardo Jaunsem, 1950).

Esta imagem confeccionada pelo fotógrafo Eduardo Jaunsem mais ou menos no ano de 1950, apresenta em primeiro plano, uma série de sujeitos, homens, meninos e meninas no chamado “Rincão dos Padoim”, uma localidade de Ijuí. As pessoas encontram-se dispostas nas árvores, segurando animais, arrumando os feixes de erva-mate, enfim, pode-se claramente perceber uma diferenciação quanto ao trabalho que cada um executa, havendo uma divisão de tarefas.

Em um plano de detalhes pode-se observar os sujeitos que estão em cima dos pés de erva-mate empunhando facões, com os quais os mesmos cortam os galhos de erva. No chão temos sujeitos que orgulhosamente seguram animais, representando os frutos do trabalho e as conquistas na colônia.

A erva-mate era um produto, como já mencionado, que os nacionais se ocupavam de extrair dos ervais nativos da região.

Nas imagens que mostramos até o momento, há o predomínio de técnicas manuais para a colheita. A partir de agora passaremos a mostrar fotografias em que se passa de técnicas predominantemente manuais para técnicas cada vez mais mecanizadas.



Imagem 21 – Ceifadeira puxada por cavalos (Coleção Eduardo Jaunsem, 1925).

Nesta imagem, produzida pelo fotógrafo Eduardo Jaunsem, em 1925, tomada da Linha 11 Leste, em primeiro plano temos Jacó Nazaroff e sua ceifadeira puxada por dois cavalos. O mesmo encontra-se em uma situação de trabalho, com roupas condizentes com a mesma no momento do ato fotográfico.

Em um plano de detalhes temos a ceifadeira, que se considerada a economia de tempo, trabalho e ganho de produtividade com relação às foicinhas, ultrapassa essas ferramentas, já que uma única pessoa pode realizar de maneira mais rápida o trabalho que exigiria uma quantidade bem maior de mão-de-obra. É possível observar o trabalho da ceifadeira da marca Massey Harris, marca que se encontra em uma de suas “pás”. Na prática, com suas “pás” a mesma vai passando, cortando os pés de trigo e os lançando numa pequena plataforma que se encontra atrás da pessoa que conduz a ceifadeira. Logo após é necessário que alguém recolha o produto para ser beneficiado.

O plano de fundo proporciona a visualização de parte da lavoura ainda por colher, alguns coqueiros e a paisagem da Linha 11 Leste que se estende ao longe, com restos de mata e lavouras, bem como o céu com algumas nuvens.

No plano geral da imagem é possível ver a intencionalidade do fotógrafo em ressaltar o trabalho com a ceifadeira que se encontra imponente no centro da imagem, sem no entanto, deixar de ressaltar as belezas naturais da nova terra que o acolheu. E a possível diferenciação/*status* do sujeito que possui uma ceifadeira para a colheita, uma tecnologia mais produtiva/avançada que as foicinhas. Como já frisamos anteriormente, a chegada de uma nova tecnologia não necessariamente suprime o uso da anterior, mas as duas convivem juntas até que todos os sujeitos tenham acesso à mesma. Eduardo Jaunsem retratou muitas dessas novas tecnologias que, para além de enriquecer e ampliar o leque da cultura técnica de Ijuí, se tornam nessas imagens quase que um monumento sinônimo de diferenciação social. Algo também interessante é a preocupação de Jaunsem em retratar essas novas tecnologias e transformá-las em memória nas fotografias.



Imagem 22 – Ceifadeira puxada por bois (Coleção Eduardo Jaunsem, 1924).

Esta imagem também tomada da Linha 11 Leste, no ano de 1924, apresenta em um plano de detalhes novamente a ceifadeira de Jacó Nazarof, no entanto, agora puxada por dois bois e colhendo aveia. Os dois robustos bovinos que puxam a ceifadeira possuem em seus chifres algo que os une, fazendo com que os mesmos olhem unidos para frente, não permitindo que distanciem a cabeça um do outro. Possuem também um bucal, que é uma pequena cesta colocada em seus focinhos para que os mesmos não fiquem comendo durante o trabalho. Os mesmos puxam a ceifadeira através de uma atrelagem de madeira designada de jugo de nuca<sup>29</sup>, comumente chamada de canga, que é ligada à ceifadeira por uma espécie de eixo.

Em primeiro plano temos dois sujeitos, sobre a ceifadeira o senhor Jacó Nazarof e outro posando ao seu lado, ambos estão com roupas simples do cotidiano de trabalho na lavoura. No entanto, pararam momentaneamente seus afazeres, posando intencionalmente para a tomada da imagem fotográfica.

No plano de fundo podemos observar o restante da lavoura e uma mata que se estende horizontalmente no fundo da imagem.



Imagem 23 – Colheita com ceifadeira (Coleção Eduardo Jaunsem, sem data).

<sup>29</sup> Ver: MARCEL, Mazoyer; ROUDART, Laurence. **História das agriculturas do mundo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001. Especialmente a página 255.

Nesta imagem da Linha 11 Leste, embora não possua data, pode-se observar uma ceifadeira também puxada por bois em pleno trabalho. Em um plano de detalhes podemos visualizar que a tecnologia é a mesma usada na imagem em que a ceifadeira é puxada por cavalos, sendo que o produto colhido vai sendo depositado no solo. No entanto, nesta imagem uma técnica diferenciada está sendo utilizada, em que um sujeito vai à frente da ceifadeira retirando tocos, pedras e raízes que possam danificar ou atrapalhar o trabalho da mesma, o sujeito utiliza-se de um pequeno machado para realizar sua tarefa.

Podemos inferir, ainda observando um plano de detalhes, que essa é uma lavoura relativamente nova, pela necessidade de um sujeito ir à frente retirando os tocos do solo e pela existência de um toco maior à esquerda da imagem que parece parcialmente queimado.

No primeiro plano há os dois sujeitos que realizam seu trabalho com roupas condizentes com o mesmo no momento da tomada fotográfica. No plano de fundo há o que parece ser uma lavoura de milho e uma série de árvores.

O plano geral da imagem apresenta uma situação de trabalho já observada anteriormente nas outras imagens, no entanto, agora com uma técnica diferenciada. A disposição dos sujeitos, da ceifadeira, da lavoura e das árvores ao fundo dão um aspecto horizontal à imagem.



Imagem 24 – Ceifadeira puxada por trator (Coleção Eduardo Jaunsem, 1946).

Esta imagem produzida no ano de 1946, por Eduardo Jaunsem, na Linha 11 Leste, é muito interessante tanto pela imagem em si, técnica fotográfica, mas principalmente para um registro da cultura técnica construída em Ijuí. Em um plano de detalhes temos uma ceifadeira da marca Bautz puxada por um trator, que foi o primeiro que entrou na Linha 11 Leste. Pode-se visualizar, nesta imagem riquíssima de detalhes, o trator e a ceifadeira com suas “pás” de corte, que jogam o trigo para o lado esquerdo, onde o mesmo é atado em feixes e depois liberado ao solo. É possível observar os feixes dispostos na parte já colhida da lavoura, bem como observar pelo ângulo de tomada da imagem, toda a parte de engrenagens e correias da ceifadeira, constituindo-se, sob esses aspectos, numa interessante imagem.

No primeiro plano temos os dois sujeitos posando para a imagem ao lado do trator e da ceifadeira. A disposição dos dois, um ao lado do trator e o outro da ceifadeira dá-nos entender que um dirige o trator e o outro auxilia na ceifadeira.

A abertura da lente fotográfica e o ângulo de tomada da cena permitem que o plano de fundo se estenda até onde é possível avistar, numa bela composição, onde aparece a lavoura que se estende na imagem e à direita e à esquerda dois pedaços de mata que vêm como que fechar as laterais da imagem.

A entrada dos tratores e de ceifadeiras que já deixam o produto amarrado vem a se somar às técnicas anteriormente apresentadas. Não é possível afirmar que uma suprimiu a outra neste momento em Ijuí, já que nem todos tinham acesso ao trator e às máquinas mais sofisticadas. Novamente afirmamos, mais que suprimir técnicas menos produtivas, as mais produtivas vêm a somar com as demais, enriquecendo assim a cultura técnica agropecuária de Ijuí. À medida que as pessoas têm acesso a novas tecnologias e essas representem ganho de produtividade, como bem nos mostra Ester Boserup, a tendência é que as pessoas as adotem. No entanto, nesse momento, para além do ganho de produtividade, a adoção desse tipo de tecnologia representava um alto investimento que poucos estavam dispostos a arriscar fazer.

A intencionalidade do fotógrafo/imigrante Eduardo Jaunsem e possivelmente também dos retratados, donos do implemento em cena, é a de registrar o trabalho e a ascensão social dos imigrantes que conseguem adquirir, graças a seu trabalho, um implemento dos mais modernos para a época. A exemplo da ceifadeira da imagem 21, este trator é um monumento da vitória através do trabalho no “novo mundo” do imigrante/colono.





Imagem 25 – Colheitadeiras e caminhões (Coleção Eduardo Jaunsem, 1950).

Esta imagem, tomada da Vila Mauá-Ijuí na década de 1950, representa mais uma tecnologia e um conhecimento técnico que vem a diversificar a cultura técnica construída em Ijuí. Temos, em um plano de detalhes da fotografia, quatro colheitadeiras que realizam a colheita do trigo e já o beneficiamento inicial, pois além de colher os produtos já ocorre internamente na máquina a separação da palha dos grãos, o que sem sombra de dúvida representa uma economia de mão-de-obra.

A utilização de uma técnica desse tipo só é possível quando, como podemos visualizar no plano de fundo, a mata já praticamente não mais existe, restando somente os chamados capões de mato, e a lavoura está limpa, livre de tocos e resquícios de mata, bem como quando a área cultivada é relativamente grande e um alto investimento como este aponta para um retorno certo e rápido. A utilização de máquinas como o trator e as colheitadeiras só é possível em terrenos não muito acidentados, como os da imagem.<sup>30</sup>

---

<sup>30</sup> A região da Vila Mauá, assim como outras da colônia Ijuí, é uma área em que podemos encontrar alguns resquícios de campo, já que a colônia Ijuí encontra-se em uma área de transição entre o campo e a mata, com a predominância da última. A existência do campo pode ter auxiliado na possibilidade de se utilizar das colheitadeiras na área.

A disposição dessas imagens como que numa seqüência em que a próxima representa sempre um avanço tecnológico com relação a anterior é proposital e visa mostrar em primeiro lugar a construção sócio-cultural-ambiental de uma cultura técnica agropecuária em Ijuí. Se observarmos as imagens podemos perceber que a utilização de uma nova tecnologia somente é possível pelo somatório da supressão de obstáculos da natureza, os quais gradativamente vão diminuindo no plano de fundo, e do somatório dos conhecimentos socioculturais das pessoas que fazem com que uma técnica se some a outra no construir de uma cultura técnica. E, em segundo lugar, visa mostrar o que Treviño chamou de “*trayectoria tecnológica*” que não se refere a nada mais do que a maneira como se solucionam os problemas produtivos, dentro dos fatores de oferta e variação de demanda, gerando um avanço das inovações, dentro de um certo paradigma tecnológico.<sup>31</sup>

Como já mencionamos, a cultura técnica agropecuária construída no período 1890-1950 faz parte de um ato intencional do Estado de modernizar a agricultura. A cultura técnica desse período está inserida dentro de um estágio de evolução que só passará gradativamente a ser superada após as décadas de 1950 e 1960 e a Revolução Verde, que traz grande quantidade de maquinário, adubos e defensivos químicos. A cultura técnica de 1890-1950 é um somatório do conhecimento europeu e nacional, uma cultura híbrida, em que aumentos de produtividade são alcançados com aumento de área plantada. As inserções tecnológicas de tratores e demais máquinas no período são esparsas e como já assinalado, não são empregadas de maneira generalizada. Seguindo a proposição da trajetória tecnológica podemos até mesmo afirmar que a cultura técnica de 1890-1950 encontra-se inserida dentro de um paradigma tecnológico que só passará a ser superado pós 1950-60 com a construção de um novo paradigma baseado não mais no conhecimento europeu e nacional e de utilização de grande quantidade de mão-de-obra e baixa tecnologia, mas num conhecimento globalizado pelas multinacionais que visam a inserção de alta tecnologia e a utilização de pouca mão-de-obra.

A diversificação no que diz respeito ao que plantar é grande em Ijuí. No período pesquisado produziu-se praticamente de tudo, muitas vezes de maneira experimental, pois os colonos desconheciam os produtos possíveis de se desenvolver de acordo com o clima da região e mesmo o Estado necessitava fazer experimentos para selecionar variedades mais adaptadas ao clima, tipo de solo, etc. Isso pode ser percebido a partir dos dados de produtos exportados pela estrada de ferro, presentes nos relatórios da Intendência e da Prefeitura

---

<sup>31</sup> TREVIÑO, Leonel Corona. **La tecnología siglos XVI al XX**. México: UNAM, Oceano, 2004, 59-60 p. Tradução livre por Daniel Schneider.

Municipal, bem como é possível perceber que à medida que os anos passam, desde a criação da colônia, a diversificação dos produtos que Ijuí produz é maior.

No relatório da Intendência Municipal de 1902, por exemplo, o intendente municipal informa acerca da grande produção de milho, feijão, mandioca, batata-doce e inglesa, arroz, cana, vinho, trigo e que iniciou-se a *cultura do algodão*, cultura essa que não condiz muito com o clima frio do inverno do planalto gaúcho, mas que foi introduzida na região e, segundo o mesmo relatório, tem produzido muito bem com tendência a aumentar a área de seu plantio. Já no relatório de 1904 tem-se um produto surgindo na colônia, produto que irá figurar mais tarde como o carro-chefe das exportações de Ijuí – a banha, produzida a partir da gordura suína.

No relatório de 1912, quando já havia a estrada de ferro, existem dados mais exatos dos produtos exportados, podendo-se inclusive saber a quantidade de produto exportada mês a mês durante o ano. No entanto, esse não é um dado que nos preocupa diretamente neste trabalho, mas sim o que era produzido e com que conhecimento, embora percebamos que as quantidades exportadas possam revelar uma possível especialização e escolhas no momento de produzir, optando-se pelos produtos mais rentáveis. Em 1912 foram exportados de fevereiro a dezembro os seguintes produtos: feijão, milho, erva-mate, batatas, farinha de mandioca, farinha de milho, salame, galinhas, trigo, banha, palanques, alfafa, aguardente, cerveja, carroças, fumo em corda, couros vacuum, couros, arroz com casca, arroz limpo, ovos, madeiras de lei, táboas, manteiga, toucinho, queijos, amendoim, pepinos, cebolas, cera, lã, vinho, pecuária<sup>32</sup>, entre outros, o que nos revela o quão diversificada era a produção agropecuária de Ijuí, revelando também uma diversificação da cultura técnica agropecuária. Alguns produtos chamam a atenção em virtude da diferenciação quanto a maneira como são beneficiados antes de serem remetidos para fora do município, como o caso do arroz com casca e arroz limpo, o que revela a existência de moinhos que faziam esse tipo de trabalho e uma agregação de valor ao produto natural. Há também outros produtos que revelam certo grau de industrialização que auxiliava no beneficiamento da produção agropecuária, como a manteiga, toucinho, cera, queijos, vinho, cerveja, aguardente, entre outras, bem como certos produtos exportados que revelam a sua produção na colônia, como carroças, levando a perceber a existência de pessoas com esse conhecimento específico dentre os moradores.

---

<sup>32</sup> Esse termo foi retirado exatamente como se encontra no relatório e possivelmente tenha sido utilizado para se referir aos animais vivos exportados, já que muitos dos produtos mencionados, como toucinho, queijo, são produtos ou sub-produtos da produção pecuária.

Nos relatórios seguintes poucos produtos irão se somar aos citados no relatório de 1912 no ramo da agropecuária, como por exemplo, o mel, couro de veado, couro de anta, que aparecem pela primeira vez nos relatórios em 1913. Esses dois últimos revelam certa importância econômica e a quantidade de animais de caça abatidos. Bestas são mencionadas em 1914, e assim por diante, o que também revela que os conhecimentos que os sujeitos sociais construíram ao longo dos 22 anos de formação da colônia definiram uma cultura técnica agropecuária que pouco irá sofrer mudanças até por volta de 1950-60, quando outra cultura técnica é construída.

Embora muitos outros produtos tenham sido produzidos, como apresentamos acima, nossa intenção é nos determos em alguns produtos específicos, que são aqueles que alcançaram um grau de importância tal que foram alvo das lentes dos fotógrafos imigrantes. Tal escolha decorre da possibilidade de visualizar o cotidiano da colônia e a utilização de determinadas técnicas e tecnologias, permitindo assim assinalar coisas que a documentação escrita não permite percebermos.

No florescer a terra o próximo passo é o recolhimento dos produtos da lavoura e o beneficiamento inicial dos mesmos, que em geral compreende a separação dos grãos da casca e palha. Nesse processo é possível observar o que já defendemos: que a cultura técnica construída pela interação/hibridismo dos sujeitos sociais entre si, não sofre grandes alterações, somente há em alguns momentos a inserção de uma nova tecnologia.



Imagem 26 – Recolhimento do trigo (Coleção Eduardo Jaunsem, sem data).

Esta imagem, embora não possua data de produção, não sendo possível sabermos que período compreende, apresenta em um plano de detalhes algo que é significativo para nosso trabalho, que é o próximo passo após a colheita – levar os produtos colhidos até o local onde será feita a trilhagem. Pode-se observar as carroças puxadas por bois que estão cheias do produto recolhido, mais alguns montes pequenos à frente e um bem maior à direita da imagem.

No primeiro plano algumas pessoas posam para a fotografia, há uma pessoa em cada carroça. Um homem no centro da imagem, e mais algumas pessoas sobre e ao lado do monte de produtos à direita da imagem, todas usam roupas do cotidiano de trabalho.

O plano de fundo, em virtude do terreno que serviu de recorte para a imagem ser bastante plano, permite que a visão se estenda até o ponto em que o foco da imagem não permite visualizar mais nada, apresenta de significativo somente um trator com uma ceifadeira.

O plano geral desta imagem horizontalizada pela disposição dos sujeitos, dos produtos, das carroças e da linha do horizonte que cria um contraste entre o céu claro e a colônia que é ligeiramente mais escura, transmite-nos a sensação do trabalho dos colonos.



Imagem 27 – Debulha do trigo com cavalos (Coleção Eduardo Jaunsem, 1926).

A imagem acima produzida por Eduardo Jaunsem, em 1926, numa tomada da Linha 11 Leste apresenta em primeiro plano quatro pessoas desenvolvendo a rastelagem dos produtos agrícolas que estão sendo beneficiados. Todos trajam roupas simples e desenvolvem seus ofícios sem preocupar-se com a presença do fotógrafo. Possuem em suas mãos ancinhos, provavelmente confeccionados por eles mesmos, já que esses se constituíam num dos mais simples instrumentos agrícolas.

Em um plano de detalhes temos a técnica utilizada pelos sujeitos sociais, que é a debulha do trigo utilizando-se dos cavalos. Pode-se perceber na imagem que atrás das pessoas se encontram os cavalos que pisotearam o trigo, exercendo pressão sobre suas espigas para que os grãos se desprendessem das mesmas. Nessa técnica algo é disposto sobre o solo para que os grãos não se percam, em seguida o trigo é colocado nesse espaço, que na imagem acima está delimitado por uma espécie de barreira feita com tábuas. Os cavalos pisoteiam o trigo até que ocorra a separação da palha, que depois é retirada pelos sujeitos com os ancinhos, os grãos ficam dispostos sobre a proteção colocada sobre o solo.

O plano de fundo da imagem produzido a partir da abertura da lente fotográfica apresenta em sua composição algumas árvores, algo que se assemelha a uma mata. O restante da lavoura à direita e à esquerda parece cultivado por outro produto, podendo-se perceber que está plantado em fileiras bem dispostas.

O plano geral da imagem traz a inscrição do fotógrafo sobre a fotografia com vistas a transmitir aos leitores da imagem uma informação específica acerca da técnica utilizada na colheita do trigo.

Embora nas coleções pesquisadas não haja nenhuma imagem que mostre a utilização dessa técnica, na entrevista concedida por Agostinho Dezordi a Adelino Massarolo, no ano de 1975<sup>33</sup>, o mesmo afirma que antes dos *colonus* se utilizarem da debulha dos produtos por cavalos como na imagem acima, estes se utilizavam do manguá. Somente mais tarde sujeitos sociais passaram a se utilizar dos animais e de trilhadeiras.

Depois, com o tempo surgiu o tal de batedor que naquela época eles chamavam este tal de batedor que batiam o feijão e batiam o trigo, por exemplo o tal de vereário. Era duas madeiras de mais ou menos um metro e pouco de comprimento, o tal de manguá, bom uns diziam vereário em italiano, quer dizer que depois deram o nome de manguá. Então, eram duas madeirinhas de um metro e vinte, um metro e trinta de comprimento atadas com um tento ou com uma cordinha [...].<sup>34</sup>

<sup>33</sup> MADP – Fitas cassetes transcritas, transcrição da Fita n. 3.

<sup>34</sup> O funcionamento do manguá é relativamente simples. A pessoa que iria manuseá-lo segurava em uma das pontas (pedaço de madeira) e então fazia o movimento para que a outra ponta (pedaço de madeira) batesse nos produtos, fazendo assim com que os grãos se soltassem da palha.



Imagem 28 – Moenda de cana-de-açúcar (Coleção Eduardo Jaunsem, década de 1920).

Esta imagem confeccionada pelo fotógrafo Eduardo Jaunsem, na década de 1920, de uma moenda de cana-de-açúcar, apresenta uma série de pessoas posando para a imagem fotográfica ao lado de uma moenda de cana. Todos trajam roupas um tanto quanto sofisticadas, os homens com chapéus de feltro, roupas grossas, as mulheres com lenços na cabeça, algumas com lenços brancos e outra com lenço escuro. Todos os sujeitos posam para a imagem olhando diretamente para a câmera, alguns seguram os pés de cana-de-açúcar, outros somente posam próximos à moenda e intencionalmente buscam construir a imagem de que são trabalhadores e desenvolvem um ofício específico.

Em um plano de detalhes é possível vislumbrarmos a moenda, construída provavelmente na própria colônia, toda em madeira. A mesma possui três cilindros, com engrenagens na parte de cima, que faz com que o movimento de um deles ocasione o movimento dos demais. Os cilindros são movidos em virtude da movimentação em círculo dos cavalos atrelados a uma espécie de eixo preso a um dos três cilindros. Os cilindros moem a cana que é colocada entre eles, passando, em geral, pelos dois espaços produzidos entre os cilindros da esquerda e direita, aproximando-se do cilindro central. Com isso, o suco/caldo da cana vai para baixo numa espécie de calha, onde escorre, sendo retido então em bacias ou em

algo colocado no final da calha. Posteriormente o produto será transformado em melado, cachaça ou outro derivado.

O plano de fundo da imagem é fechado pela elevação do terreno onde se pode observar algumas árvores e uma vegetação mais baixa.



Imagem 29 – Trilhagem do trigo (Coleção Eduardo Jaunsem, 1938).

Esta imagem desvela a trilhagem de trigo na Linha 11 Leste no ano de 1938. Tem em primeiro plano uma grande quantidade de pessoas que através do que possivelmente seja um mutirão desenvolvem o trabalho. Todas usam roupas do dia-a-dia do trabalho rural, algumas mais a frente que parecem ser mulheres pararam momentaneamente seus afazeres e olham em direção ao fotógrafo, os demais parecem não se importar com a presença do fotógrafo. É possível observar ainda no primeiro plano a divisão de tarefas, em que cada sujeito desenvolve um trabalho específico, bem como a presença de homens e mulheres trabalhando.

Num plano de detalhes, chama-nos a atenção a trilhadeira que é usada para a separação dos grãos da palha do trigo e os cavalos que geram a energia necessária para que a trilhadeira funcione. Os cavalos dispostos em círculo ao andarem fazem com que o eixo ao qual estão atrelados gire, girando assim também a polia presa a um eixo na trilhadeira, que faz



com que os demais componentes internos da mesma trabalhem. A utilização desta tecnologia faz necessária a presença de um sujeito para fazer com que os cavalos trabalhem.

O plano de fundo permite-nos apreciar a mata que se desenvolve horizontalmente na imagem, bem como possibilita imaginar as belezas das matas que existiam na região antes da chegada do imigrante.



Imagem 30 – Colheita e trilhagem do arroz (Coleção Eduardo Jaunsem, 1947).

A imagem acima, produzida no ano de 1947, na Linha 11 Leste de Ijuí, no primeiro plano traz uma série de pessoas realizando os trabalhos de colheita e trilha do arroz. Esta imagem é *sui generis* em virtude da possibilidade de observarmos tanto a colheita quanto a trilha em uma mesma imagem. No centro e direita da imagem encontram-se as pessoas que colhem o arroz, os sujeitos estão levemente curvados para desenvolver o seu trabalho, à esquerda da imagem encontram-se os sujeitos que utilizam-se do ventilador para limpar o arroz após a debulha. Todos os sujeitos continuam seus afazeres apesar da presença do fotógrafo que os captura com a objetiva da câmera.

Em um plano de detalhes tem-se a lavoura de arroz à direita já colhida e mais à esquerda a parte ainda aguardando a colheita. Ao contrário das imagens da colheita do trigo pode-se ver que durante a colheita do arroz os sujeitos encontram-se menos curvados e que

consequentemente cortam o arroz somente alguns centímetros abaixo de onde se encontra o cacho que armazena as sementes. Ainda é possível visualizar o ventilador que limpa o arroz e parte do arroz já limpo disposto pelo chão sobre o que parecem ser lonas, que evitam o contato direto do arroz com o solo.

O plano de fundo permite a observação de uma série de árvores que formam uma mata que se estende também pelas laterais da imagem como que fechando os planos da mesma.

O arroz geralmente se divide em basicamente dois tipos/qualidades – o que se desenvolve em terreno seco, chamado arroz de sequeiro e o tipo que se desenvolve em terreno alagado, sendo que o último, em geral, é a espécie mais conhecida. Nem a imagem acima, nem mesmo sua ficha catalográfica permite sabermos qual a espécie cultivada neste caso. No entanto, traz uma riqueza de detalhes que permite ao leitor da imagem observar praticamente todas as etapas de colheita e beneficiamento do arroz, o que vem, mais uma vez, a ressaltar a importância documental das imagens fotográficas enquanto locais de memória<sup>35</sup> e seu auxílio no resgate do passado, aqui, sob pelos menos três aspectos: a) da cultura material; b) do cotidiano de uma colônia de imigração; e c) da cultura técnica.



Imagem 31 – Trilhagem do trigo (Coleção Eduardo Jaunsem, década de 1930).

---

<sup>35</sup> LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 2003.

Esta imagem, tomada na década de 1930, apresenta também como tema central da composição fotográfica a trilha do trigo, apesar de já termos apresentado anteriormente uma imagem com o mesmo tema, mesma tecnologia/técnica. Esta imagem traz algo significativo no que diz respeito à construção de uma cultura técnica agropecuária.

Nesse sentido, se atentarmos para um plano de detalhes pode-se observar os produtos sendo trilhados, como na imagem anteriormente apresentada. No entanto, devemos nos deter na parte à frente dos cavalos e da trilhadeira, onde se encontram outras duas culturas sendo desenvolvidas concomitantemente. Apesar de não poder se definir exatamente quais são as duas culturas, observando a imagem é possível perceber que as mesmas se assemelham muito a do milho e do feijão. Esta imagem é muito significativa sob esse aspecto, já que é a única imagem pertencente às coleções pesquisadas que permite a observação desse detalhe.

No primeiro plano temos pessoas que trajando roupas do cotidiano do trabalho rural desenvolvem seus afazeres. Já no plano de fundo é possível observarmos coqueiros, uma mata e mais à direita uma paisagem que parece ser agrícola.

No plano geral da imagem é possível perceber algo característico da técnica fotográfica de Jaunsem – a abertura da lente fotográfica, que possibilita capturar o tema central da imagem, mas também uma série de outros temas/coisas que acabam sendo fotografados. Mesmo algumas vezes não tendo uma relação direta com o tema central da imagem, permitem visualizar muitos aspectos de grande relevância acerca do cotidiano da colônia de imigração. Isso vem, novamente, a provar a riqueza documental das imagens fotográficas e o papel dos fotógrafos imigrantes que se ocuparam em capturar por meio da lente de suas câmeras a construção de uma colônia de imigração e seu cotidiano, produzindo uma rica cultura fotográfica no sul do Brasil.



Imagem 32 – Trilhagem com motor (Coleção Eduardo Jaunsem, 1940).

Nesta imagem temos um avanço tecnológico pois se passou da tração animal para a tração mecânica. Em um plano de detalhes pode-se ver a trilhadeira, à direita da imagem podemos visualizar o motor movido a “gás pobre” ou “gasogênio”, que se encontra entre os dois núcleos de pessoas. A mudança da tração animal para a tração mecânica representa um ganho de produtividade e uma economia de tempo e trabalho, pois o motor produz obviamente mais força motriz que os animais e no momento da trilhagem não é necessário, como nas imagens anteriores, alguém cuidando para que os animais continuem a trabalhar. Também, o motor após desligado não precisa continuar sendo alimentado e cuidado, somente é necessário “alimentá-lo” quando está em funcionamento, em outros momentos somente uma manutenção é necessária. Ainda em um plano de detalhes é possível observar as sementes já separadas da palha em frente aos sujeitos sentados à direita da imagem.

No primeiro plano da imagem tem-se a possibilidade de notar três núcleos de pessoas bem definidos: o primeiro, daquele sujeito que se encontra à direita da imagem, na parte da trilhadeira onde a palha é eliminada. O mesmo é responsável pela retirada, que eventualmente não é feita pela própria máquina, e organização da palha, um trabalho certamente difícil em função da exposição constante à grande quantidade de pó. O segundo núcleo é formado pelos sujeitos que se encontram na outra ponta da trilhadeira, que são responsáveis por alimentar a

mesma com os produtos agrícolas que essa deve trilhar, cuidando sempre para que a quantidade de produtos não supere as possibilidades de trilha da máquina, evitando que a mesma tranque. Pode-se perceber dois trabalhos sendo efetuados: o dos sujeitos que colocam os produtos na máquina e o dos sujeitos que trazem os produtos para os primeiros. Um terceiro núcleo é formado pelos sujeitos que se encontram à direita, sentados sobre os produtos ainda por trilhar, enquanto todos os demais desenvolvem seus afazeres sem se importar com a presença do fotógrafo, um desses sujeitos olha diretamente para a câmera.

No interessante plano de fundo pode-se observar uma série de paisagens diversificadas, que somadas formam a paisagem da colônia de imigração no ano de 1940. Mesclam-se as paisagens agrícolas, paisagens de mata, confirmando nossa hipótese de que a cultura técnica construída nesse período em Ijuí possui estreita ligação com o meio-ambiente, já que à medida que esse cede espaço para a lavoura, novas tecnologias podem ser utilizadas. Nesse período estudado há ainda a mescla de paisagens agrícolas e paisagens de mata na colônia, sendo que a última, gradativamente, perde espaço para a primeira, já que nesse período um necessário incremento na produção não era feito a partir de uma adubação ou uso de novos produtos químicos, mas sim, por um aumento da superfície cultivada.



Imagem 33 – Trilhagem com caminhão (Coleção Eduardo Jaunsem, 1939).

Eduardo Jaunsem, nesta imagem que confeccionou em 1939, capturou mais uma tecnologia que vem a se somar à cultura técnica de Ijuí. Pode-se notar pelas datas das imagens fotográficas estudadas, que uma técnica ou tecnologia não substitui inteiramente a outra, mas que várias são utilizadas ao mesmo tempo, num processo em que a cultura técnica vai abrindo seu leque de possibilidades, diversificando-se, até que uma nova cultura técnica, como já mencionado, na década de 1950-60, começará a substituir a até então vigente, um processo que não representa uma ruptura, mas uma substituição gradual de uma pela outra.

No primeiro plano da imagem temos uma série de pessoas que a exemplo das imagens anteriores efetuam a trilha do trigo, numa divisão de trabalho em que cada um realiza uma atividade específica. Todos trajam roupas simples, o que vem a provar ainda mais a situação de trabalho na colônia em que foram fotografados.

Um plano de detalhes traz a inovação tecnológica que é a tração, fazendo com que a trilhadeira trabalhe. Nesta imagem a tração é produzida pela roda de um caminhão, apresentando um funcionamento bem simples. O eixo traseiro do caminhão, bem como seu rodado é levantado a alguns centímetros do chão para que não ocorra o contato das rodas com o solo. Neste caso uma das rodas é retirada e colocada em seu lugar uma polia que faz girar a correia que gera a energia motriz necessária para a trilhadeira funcionar, em seguida o motor do caminhão é ligado e engrenado, fazendo com que a roda gire na rotação adequada para que a trilhagem seja possível.

No plano de fundo é possível observar a propriedade rural onde os produtos agrícolas estão sendo inicialmente beneficiados, o que revela uma diferença em relação às outras imagens da trilha já observadas. Algo que assinala para outro trabalho efetuado anteriormente, que é o transporte dos produtos da lavoura até a sede da propriedade, que é muito menos penoso quando os produtos são trilhados na própria lavoura, bem mais próximo do local onde são colhidos. O plano de fundo, ao mesmo tempo em que é composto, também é fechado pelas construções e árvores pertencentes à colônia.

O que é comum a todas as imagens da trilha dos produtos agrícolas é a grande quantidade de pessoas presentes neste trabalho e capturadas pela objetiva dos fotógrafos. Esse trabalho, em geral, era feito com a ajuda de vizinhos, familiares e amigos, num claro processo de ajuda mútua, em que possivelmente o mutirão (técnica cabocla) é utilizado pelos colonos, algo que vem a ressaltar o aspecto híbrido dessa cultura técnica.

O beneficiamento inicial dos produtos agrícolas de maneira geral ocorre na própria propriedade rural, sendo realizado através do trabalho familiar, do mutirão e visa uma preparação prévia do produto para posteriormente ser realizado o beneficiamento final, que é a transformação da matéria-prima nos produtos secundários, por exemplo, a transformação do trigo em farinha de trigo, da cana-de-açúcar em cachaça. Algumas vezes o beneficiamento final objetiva a venda total dos produtos, no entanto, o que geralmente deveria acontecer era o beneficiamento final do produto para o consumo da própria família e a venda de excedentes para a compra de produtos como, por exemplo, o sal que a colônia não produz. À medida que a colônia se desenvolve há uma especialização da produção, essa especialização visa quase que exclusivamente a venda, como os relatórios da Intendência e da Prefeitura Municipal bem nos mostram, já que desde os primeiros relatórios as informações acerca das exportações é constante. No entanto, após a chegada da estrada de ferro e o desenvolvimento da colônia podemos observar um aumento da exportação, uma maior exatidão dos dados dessa e um aumento nos produtos exportáveis, como já mostramos anteriormente.

Neste capítulo não nos debruçaremos em análises do beneficiamento final dos produtos. Quanto aos dados de exportação, embora importantes em nosso trabalho, não são o objeto central de análise, por isso mesmo passaremos ao largo deles. Passaremos agora a direcionar nossa atenção à produção de alguns produtos que nas fotografias, devido ao seu número, ocupam um segundo grau de importância: as frutas e os animais. Dos últimos, a criação de suínos em Ijuí alcançou grande importância. Jean Roche, um estudioso da imigração, chegou mesmo a afirmar que Ijuí é uma colônia de imigração diferenciada das demais, pois em pouco tempo se especializou na produção de banha, não se enquadrando assim na sua estrutura de análise do desenvolvimento das colônias de imigração alemã do Rio Grande do Sul.<sup>36</sup>

## 2.2 Florescer a terra: a produção frutífera

A produção frutífera já foi observada na família de fruticultores Hoffmann, na primeira imagem deste capítulo. Esta família ocupou-se diretamente da produção frutífera, a

---

<sup>36</sup> Ijuí foi durante algum tempo considerada uma colônia de imigração alemã devido ao grande número de imigrantes desta etnia que se destinaram a essa colônia. Ver: ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, v. I e II, 1969. LAZAROTTO, Danilo. **História de Ijuí**. Ijuí: Unijuí, 2002. CALLAI, Jaeme. **A agricultura na história de Ijuí**. Ijuí: Unijuí, 1987. WEBER, Regina. **Os inícios de industrialização em Ijuí**. Ijuí: Unijuí, 1987.

imagem data de 1928 e no jornal Correio Serrano de 23 de junho de 1934, aparece uma propaganda da:

Fazenda Frutífera de H. Luiz Hoffmann, Ijuí. Vende-se qualquer quantia de árvores, na altura de 1,50m, 4 qualidades de Kaki, pé 1\$500, 4 qualidades de Pêra (japoneza) sobre cavalo de pêra pé 2\$500, Laranja de umbigo, pé 1\$ e 1\$500, etc. Catálogo para o ano de 1934. Premiado com medalha de Ouro na Exposição de Cruz Alta. Santa Rosa: Grande Prêmio. Carazinho: Diploma de (*ilegível no original*) e Medalha de Ouro.

A transcrição do Correio Serrano revela por um lado a diversidade de mudas frutíferas produzidas pela Fazenda Hoffmann, que apresenta várias variedades de mudas da mesma espécie, possuindo inclusive catálogo de mudas, o que revela a possível venda de mudas para outras cidades do Estado. Outro ponto interessante é quanto aos prêmios recebidos nas exposições regionais.

Essas exposições têm um papel de suma importância na premiação dos produtores, especialmente imigrantes, que conseguem prosperar e alcançar uma produção maior ou melhor. Uma premiação que visa mostrar a capacidade de o Brasil produzir e prosperar, o mundo agrário brasileiro, aquele que é a representação do moderno, o imigrante europeu.



Imagem 34 – Família de viticultores<sup>37</sup> (Coleção Família Beck, 1910).

<sup>37</sup> Retirada de CANABARRO, Ivo Santos. **A construção da cultura fotográfica no sul do Brasil: imagens de uma sociedade de imigração.** Rio de Janeiro: Tese (Doutorado em História) UFF, 2004.



Na imagem acima podemos observar em primeiro plano a família de imigrantes italianos, etnia conhecida pela produção vinícola, todos trajando belas roupas, as mulheres usando saias e vestidos, uma com chapéu enfeitado com flores, as outras com arranjos muito parecidos nos cabelos, algumas com sombrinhas, outras com leques. O senhor na imagem tem um longo bigode e usa, a exemplo das mulheres, roupas bastante sofisticadas, lenço no pescoço, um acessório muito utilizado pelos gaúchos e chapéu, todos com roupas que cobrem todo o corpo e repletas de acessórios e enfeites. Numa busca por ressaltar a produção vinícola da família, os sujeitos possuem em suas mãos garrafas e copos com vinho. Podemos inferir acerca da intencionalidade da cena que pode, como já assinalado, ressaltar a produção vinícola com vistas a identificar a etnia da família e os frutos do seu trabalho.<sup>38</sup>

Num plano de detalhes atrás das personagens que compõem a cena podemos visualizar as videiras, cuja produção se desenvolve relativamente longe do solo, sustentadas por escoras de madeira. Essa técnica de cultivar a videira faz com que os cachos de uva se desenvolvam logo abaixo das folhas, sendo protegidas do sol e tornando-se assim, relativamente fáceis de colher.

No plano geral desta imagem da década de 1910, a composição da imagem visa passar a impressão do trabalho da família na produção de uva e vinho.

A produção de frutas em geral não deveria se destinar à exportação, visto que, em nenhum relatório de exportação do município é mencionada a exportação desse produto, somente a produção de vinho aparece algumas vezes, por exemplo, no Censo de 1896, realizado no município, foram contabilizadas sete pipas de vinho produzidas em todo o município. Já em 1912 a quantidade de vinho exportado foi de cinco pipas e 3/10, não permitindo assim termos dados mais precisos acerca da sua produção. Somente podemos observar que eram produzidas uvas em virtude das fábricas de vinho que existiam no município: 51 em 1914, 29 em 1925, 30 em 1934 e 19 em 1939. Ainda no Censo de 1896 há a informação de que a área de pomares no município é de 1.000,000m<sup>2</sup> (100 hectares) e a de vinhedos é de 5.000,000m<sup>2</sup> (500 hectares). Esses dados embora não permitam nenhuma inferência mais precisa, atentam para a produção de frutas e uva, especialmente, desde os primeiros anos da colônia. Gradativamente, a produção vinícola deve ter diminuído, como os dados de 1939 demonstram, passando a ser apenas para o consumo dos produtores e pouca

---

<sup>38</sup> SCHNEIDER, Daniel. **A tentativa de construção de uma representação identitária imigrante no sul do Brasil**: imagens da colônia Ijuí. UFSC, 1997 (mimeo).

venda a terceiros em virtude da especialização produtiva, a partir da qual os produtores acabaram optando por possíveis culturas mais rentáveis.

Embora a produção frutífera não tenha alcançado grandes somas é um conhecimento que vem a ampliar ainda mais o leque das técnicas e tecnologias da cultura técnica agropecuária de Ijuí no período 1890-1950.

A criação de animais alcançou níveis muito maiores que a produção frutífera. As coleções fotográficas pesquisadas também apresentam um número bem maior de imagens acerca da criação de animais. Nestas imagens fotográficas as técnicas utilizadas na criação, bem como o que criar, são informações constantes, constituindo assim uma rica fonte de dados.

### 2.3 Florescer a terra: a criação de animais

A criação de animais foi uma constante na colônia Ijuí. Desde os primeiros anos os animais criados pelos colonos são contabilizados nos relatórios da Intendência Municipal, bem como em Censos realizados na colônia. A contagem efetuada em 1896 contabilizou os habitantes e informações agropecuárias importantes, revelando alguns aspectos do desenvolvimento da colônia seis anos após sua fundação.

Tabela 2: Questionário de 1896 – Dados da Produção Agropecuária<sup>39</sup>

Bovinos	1.350
Muar	124
Cavalar	974
Suíno	6.900
Ovinos	20
Caprinos	270
Galinhas	61.545
Patos	15.320
Perus	1.370
Colméias	5.950

<sup>39</sup> Tabela produzida por Daniel Schneider a partir de dados do Questionário ano 1896 – Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP), Ijuí/RS – Arquivo Ijuí (A.I.) 1.1 Pasta 5, Documento 12, página 3.

Segundo dados do mesmo censo, a área ocupada por lotes rústicos seria de 267.102,500m<sup>2</sup> (26.710,25 hectares), dado que pode ser comparado com o espaço de pastagens que era de 50.000,000m<sup>2</sup> (5.000 hectares), enquanto que o destinado ao cultivo de cereais era de 60.000,000m<sup>2</sup> (6.000 hectares) e o espaço destinado ao cultivo de vinhedos, pomares, canaviais, hortas era de 23.000,000m<sup>2</sup> (2.300 hectares). Esses dados revelam que o espaço já transformado deveria ser usado, em sua grande maioria, para o plantio de produtos para a subsistência da família do colono, embora a produção animal ocupe o segundo lugar no que diz respeito à transformação da paisagem. Percebe-se que a finalidade da transformação da paisagem é para a produção de gêneros alimentícios outros que não de origem animal.

Os animais que se encontram em grande número, como porcos, aves e colméias poderiam ser criados em espaços menores, menos transformados, ou como as colméias mesmo na mata. Telmo Marcon<sup>40</sup>, quando estuda os caboclos, cita que a criação dos animais por esses era feita sem a utilização de cercados ou espaços que delimitassem seu espaço de circulação, técnica que pode ter sido adotada em Ijuí, embora não ocorra registro nenhum do acima afirmado.

As imagens fotográficas novamente constituem-se em uma fonte privilegiada para o estudo da agropecuária de Ijuí. A exemplo das imagens da produção agrícola existem entre os acervos pesquisados uma grande quantidade de imagens, cujo tema central gira em torno da criação de animais. Essas imagens do mundo rural buscam ressaltar a transformação da paisagem pelo colono, seu progresso. São construções imagéticas que refletem bem o espírito da época, bem como auxiliam na construção da representação do imigrante europeu como símbolo do moderno, de uma nova dinâmica aplicada à agropecuária no sul do Brasil, como a supremacia do moderno sobre o arcaico. Sob a ótica desses aspectos devemos analisar essas imagens e assim buscar compreender, para além do que foi eternizado nos planos das imagens, o que as mesmas buscam simbolizar.

---

<sup>40</sup> MARCON, Telmo. **Memória, história e cultura**. Chapecó: ARGOS, 2003.



Imagem 35 – Criação de porcos (Coleção Eduardo Jaunsem, sem data).

Esta imagem produzida pelo fotógrafo Eduardo Jaunsem, embora não possua data, revela alguns aspectos interessantes sobre os inícios da agropecuária em Ijuí. Um plano de detalhes revela a criação de porcos com espaço delimitado por uma cerca, construída com alguns postes de madeira e tela de arame. Dentro desse espaço os porcos circulam livremente, bem como são alimentados. De maneira geral, os porcos apresentam-se com o mesmo tamanho, certa uniformidade que revela a possível mesma idade dos suínos, mesma alimentação e possível mesmo período do nascimento, o que de certo modo permite inferir que a sua criação era para o abate e venda da carne e subprodutos, principalmente a banha.

Ainda direcionando o olhar para um plano de detalhes é possível observar que o espaço em que os porcos são criados, assim como a lavoura de milho que se desenvolve logo atrás do espaço destinado aos porcos foi recentemente aberta, sendo ainda possível a visualização dos troncos das árvores queimados entre o milho e entre os porcos.

O plano de fundo é composto pela lavoura de milho. O plano geral da imagem nos transmite a impressão da mata vencida pelo trabalho do colono e a prosperidade da terra antes inculca, que agora recebe a produção agropecuária, também revela um aspecto já mencionado, da técnica fotográfica de Eduardo Jaunsem: a abertura da lente fotográfica, que permite ver além do tema central da imagem.

A importância da aquisição de animais e a sua produção também estão presentes na imagem, já que a fotografia não era algo corriqueiro na vida das pessoas, mas uma espécie de celebração, ato para o qual as pessoas se preparavam, vestiam suas melhores roupas. A fotografia da criação de porcos e a não-presença de nenhuma pessoa nos planos da imagem revela algo interessante e de certa forma incomum, que visa mostrar a prosperidade e o trabalho do sujeito proprietário da unidade produtiva.



Imagem 36 – Cercado para criação de porcos (Coleção Família Beck, sem data).

Esta imagem pertencente à Coleção Família Beck também apresenta como tema central de sua composição a criação de porcos, nesse caso, do maior produtor de porcos de Ijuí, João Michel. No primeiro plano pode-se observar os dois sujeitos que se encontram ao longe trajando camisas brancas, calça ligeiramente mais escura que a camisa e chapéu, ambos têm em suas mãos balaios nas quais provavelmente levaram alimentos para os porcos. Os sujeitos posam para a imagem olhando na direção do fotógrafo, buscando representar-se como trabalhadores/criadores de porcos, pois encontram-se com material de trabalho nas mãos e posaram para a imagem próximos aos porcos.

Um plano de detalhes apresenta-nos os porcos se alimentando provavelmente do que parecem ser sementes de coloração mais clara que a terra espalhadas pelo chão entre os

animais. Pode-se observar uma grande quantidade desses dispostos na imagem. Todos possuem tamanho e cor parecidos, o que vem assinalar, como na imagem anterior, a uniformidade da criação que certamente era voltada para o mercado. Atrás dos sujeitos podemos perceber a existência de uma cerca feita de tábuas ora dispostas verticalmente, ora horizontalmente, a distância das mesmas da posição do fotógrafo possibilita observar quão grande era o espaço destinado à criação suína pelo colono.

O plano de fundo é composto por uma série de árvores, coqueiros, a cerca e o céu claro que produz uma quebra na coloração da fotografia um pouco acima do meio da imagem.

No plano geral a técnica do fotógrafo é ressaltada, o foco principal direcionou-se sobre os porcos, mas a abertura da lente põe também os sujeitos em evidência, ressaltando assim o papel desses enquanto criadores/trabalhadores da criação suína. A lateral direita da imagem é fechada pela abertura da câmera, no entanto é possível notar que a criação de porcos não se limita somente ao espaço de recorte da imagem, mas sim, que ela se estende para além desse. A disposição dos porcos, a presença dos sujeitos atrás desses e a cerca ao fundo produzem uma bela sensação de profundidade na imagem.



Imagem 37 – Família e a criação de porcos (Coleção Família Beck, 1942)

Em primeiro plano nesta imagem produzida pela Família Beck, tomada em 1942, tendo como espaço de recorte uma propriedade familiar na Linha 4 Oeste, vemos a família se colocando próxima aos suínos. Disposta horizontalmente, da esquerda para a direita, temos uma mulher que usa um vestido, chapéu de palha, uma das mãos na cintura e a outra segue a linha do corpo, ao seu lado outra mulher, também com vestido, chapéu de palha, ambas as mãos seguem a linha do corpo. Em seguida temos um menino trajando calças curtas, camiseta e um pequeno chapéu, o mesmo encontra-se sobre parte do cercado de madeira em que os porcos se encontram para alcançar uma estatura próxima a dos adultos. Ao seu lado encontra-se provavelmente sua mãe que o sustenta com uma das mãos, também usando vestido e chapéu que a mesma segura com uma das mãos. Ao seu lado encontra-se o patriarca da família, trajando chapéu e camisa clara. Todos os sujeitos posam claramente para a imagem, buscando construir uma representação do trabalho com os suínos, de orgulho e *status* com sua produção.

Um plano de detalhes mostra os grandes e gordos suínos que se encontram dentro de um cercado de madeira bem rústico. Num plano de detalhes através da inscrição do fotógrafo sobre a imagem é possível saber o peso médio dos porcos: 226 kg, o número total de porcos 26 e o peso total da vara de porcos 5.869 kg. Algo que vem a demonstrar a seleção de raças, neste caso a Duroc, empenhada pelo governo municipal, assunto a ser analisado no capítulo seguinte.

No plano de fundo visualiza-se o restante da propriedade familiar com galpões, cobertos com tabuinhas e bem à direita algumas árvores que se desenvolvem na propriedade.

O plano geral da imagem horizontalizado pela disposição do cercado e dos porcos tem presente a importância dos animais para a família, bem como a necessidade de ressaltar a quantidade produzida, que encontra-se inscrita sobre a imagem.



Imagem 38 – Colméias (Coleção Família Beck, 1915).

No primeiro plano desta imagem, composta em 1915, na Linha 3 Oeste, posa para a imagem o colono trajando roupas simples, com camisa e calça, mãos na cintura, um calçado que se aproxima muito dos tamancos poloneses. O mesmo posa levemente virado para a esquerda da imagem, como que se apontasse com o posicionamento do seu corpo para as colméias que se encontram atrás dele.

Em um plano de detalhes está presente a técnica da criação de abelhas da época, na qual as colméias dispostas horizontalmente na imagem são protegidas por uma cobertura feita com tabuinhas e encontram-se elevadas do solo. O plano de fundo é completamente fechado pelas colméias, a vegetação que se estende atrás dessas praticamente não é possível visualizar.

No plano geral da imagem a importância atribuída às colméias pelo colono, bem como a intencionalidade de construir uma imagem do trabalho desse com as abelhas, são claramente visíveis.





Imagem 39 – Granja leiteira (Coleção Família Beck, sem data).

Nesta imagem foi capturada uma granja leiteira de Ijuí. Em primeiro plano há um grande número de pessoas à esquerda da imagem, todas colocadas uma ao lado da outra, formando como que uma meia lua na imagem. Na frente dos animais da granja dois meninos posicionam-se olhando na direção onde o fotógrafo e sua câmera estão posicionados. Os sujeitos posam para a imagem fotográfica como que cedendo espaço aos animais que assim passam a ter um maior grau de importância no tema da imagem.

Um plano de detalhes apresenta o plantel de gado leiteiro da granja, que se encontra disperso ocupando quase toda a imagem. Na frente dos animais há um filete de água cortando horizontalmente a imagem, que pode ser proveniente de uma fonte natural servindo de bebedouro para os animais. No plano de fundo temos o que possivelmente seja o estábulo onde os animais são ordenhados. Há também uma série de árvores que dão um aspecto horizontal para a imagem.

No plano geral, o somatório da maneira e local como o fotógrafo se posiciona, fazendo a tomada fotográfica de um ponto mais elevado em relação às pessoas e aos animais. A maneira como as pessoas se posicionam e os animais se encontram, produz uma curiosa sensação de profundidade na imagem, fato que nos permite aproximá-la da imagem da criação

de porcos anteriormente apresentada. Como as duas imagens pertencem à coleção Família Beck, essas nos revelam a técnica dos fotógrafos que ajudaram a construir uma cultura fotográfica no sul do Brasil.



Imagem 40 – Criação de gado (Coleção Eduardo Jaunsem, 1940).

Esta imagem foi produzida em 1940 pelo fotógrafo Eduardo Jaunsem e apresenta como tema central a criação de gado. As rezes estão em um plano de detalhes, uma delas ocupa o centro da imagem, havendo também mais duas à esquerda e outra à direita da imagem. Os animais se encontram em uma pastagem composta que se estende ao longe, não sendo possível determinar onde ela termina.

O plano de fundo é composto pelo campo, alguns capões de mato e uma vegetação que pela distância do ponto em que o fotógrafo se encontra não é possível identificar qual a espécie.

A composição dessas imagens, como vem sendo ressaltado, auxilia na construção da representação do imigrante como um sujeito trabalhador, o modernizador desse espaço inculto, da imagem do *colonus*. A necessidade de ressaltar os frutos do trabalho do colono também se fazem presentes, muitos dos aspectos que constituem a cultura fotográfica a que

essas coleções pertencem contribuem para isso. Os fotógrafos também são imigrantes e buscam construir representações imagéticas dos seus pares, ressaltando suas virtudes, os frutos do seu trabalho e seu progresso, imagens em que a família, a terra, o trabalho, são aspectos centrais e que compõem parte da representação acerca do colono.

Para além disso, no entanto, as imagens fotográficas constituem-se num aparato de fixação da memória coletiva<sup>41</sup> e, nesse sentido, sua importância é ressaltada na medida em que por uma reação físico-química fixam em planos uma memória que aqui nesse trabalho foi construída por sujeitos que ocuparam a região em um período específico do passado, aqui recortado entre os anos 1890-1950. Passam assim, para a posteridade, aspectos do cotidiano<sup>42</sup> desses sujeitos que a documentação escrita não permite conhecermos, buscando ressaltar a ascensão do imigrante que “venceu” a partir do trabalho e prosperou no novo mundo.

Permite-nos também conhecer a relação dos sujeitos com o espaço em que viviam, com a terra e aqui o ponto mais importante de nosso trabalho – técnicas e tecnologias que são constituídas por uma construção sócio-cultural-ambiental. Ocorre então um processo híbrido que, relacionando-se com o meio-ambiente, concorre para a construção de uma cultura técnica agropecuária, utilizada no cotidiano desses sujeitos, os quais estão preservados enquanto memória dessa sociedade nas imagens fotográficas.

Agora, após compreender as nuances que a cultura técnica agropecuária de Ijuí (1890-1950) apresentou, passaremos a compreender como essa moderna agropecuária foi constantemente “modernizada” e como ela teve, algumas vezes, de se render ao arcaico.

---

<sup>41</sup> LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 2003.

<sup>42</sup> Ver: HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

### Capítulo 3 – MODERNIZAR E DISCIPLINAR O MODERNO

No processo de construir uma agricultura dita moderna no noroeste do Rio Grande do Sul, especialmente na construção sócio-cultural-ambiental de uma cultura técnica agropecuária naquela que inicialmente foi a colônia Ijuhy<sup>1</sup> e, posteriormente, tornou-se o município de Ijuí, muitos atores sociais tiveram sua parcela de participação. A chamada “Colméia do Trabalho”<sup>2</sup> construiu-se com a participação de várias etnias de origem européia, mas também dos nacionais (caboclos) e o Estado, aos quais vieram a se somar outras, como os negros e árabes, entre outros.<sup>3</sup>

Todos os que já se encontravam em Ijuí no período 1890-1950, participaram na construção da cultura técnica agropecuária. No entanto, como já tratado, essa não se apresenta como um processo em que podemos apontar um término. Embora a representação do imigrante europeu construída no período era a imagem do moderno, a capacidade para operar a modernização da agropecuária rio-grandense e a transformação do inculto em paisagem cultural, esse não engendrou tal tarefa sozinho. O conhecimento do nacional esteve presente através de um hibridismo cultural, mas também outro sujeito teve papel decisivo – o Estado, que constantemente inseria em Ijuí saberes técnicos e tecnológicos com vistas a melhorar, disciplinar ou até mesmo modernizar o moderno.

Autores como Paulo Afonso Zarth e Jean Roche<sup>4</sup> afirmam acerca da necessária presença do Estado nas colônias de imigração européia, principalmente em colônias estatais,

---

<sup>1</sup> Até 1912 quando alcançou sua emancipação político-administrativa.

<sup>2</sup> Designação que recebe Ijuí. Ver: WEBER, Regina. **Os operários e a colméia: trabalho e etnicidade no sul do Brasil**. Ijuí: Unijuí, 2002.

<sup>3</sup> Atualmente celebra-se a Expo-Ijuí, a festa das etnias, na semana de aniversário da criação da colônia, em que as várias etnias que auxiliaram na composição étnica são ressaltadas.

<sup>4</sup> ZARTH, Paulo Afonso. **História agrária do Planalto gaúcho 1850-1920**. Ijuí: Unijuí, 1997. ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.

chegando mesmo a afirmar que a ausência desse levou colônias, como a de São João das Missões a desaparecerem. Na colônia Ijuí, além da presença marcante do Estado na construção da infra-estrutura da colônia, este também, sob diversas formas, auxiliou na construção de uma cultura técnica agropecuária, trouxe sempre inovações tecnológicas, importou sementes, fez a seleção dessas, auxiliou no combate a pragas, como formigas e gafanhotos, adquiriu reprodutores de raça, enfim, deu um suporte técnico-tecnológico que muito auxiliou os colonos.

Embora sob diversos aspectos é difícil ou até mesmo impossível saber com exatidão qual o grau de penetração dessas novas tecnologias ou até mesmo perceber até que ponto essas inovações influenciaram a vida dos *colonos*, podendo-se afirmar que foram conhecimentos que circularam pela colônia. Nesse sentido, podemos inferir que muitos desses conhecimentos os colonos adotaram ou passaram a conhecer, podendo, vir assim, a fazer parte do leque de conhecimentos que os sujeitos sociais poderiam fazer uso em algum momento do cotidiano de trabalho rural.

Também será alvo de nossos olhares neste capítulo, os sujeitos que produziam tecnologias na própria colônia, aqueles colonos que na Europa provavelmente desenvolviam trabalhos que lhes deram conhecimentos de carpintaria, ferraria, conhecimentos que passaram a ser utilizados em sua nova terra.

Passaremos então neste capítulo a direcionar nossa atenção a essas inovações técnico-tecnológicas propostas na colônia Ijuí, pelo Estado, mas também as tecnologias produzidas pelos próprios colonos. Também abordaremos alguns problemas/obstáculos que a natureza ofereceu aos sujeitos sociais que cultivavam a terra e de como os *colonos* se beneficiaram de alguns aspectos naturais para implantar uma dita agricultura moderna.

### **3.1 O *Colonus* Constrói o Moderno**

No capítulo anterior nos debruçamos na análise das técnicas, tecnologias e conhecimentos que compuseram a cultura técnica agropecuária de Ijuí no período 1890-1950. Agora vamos rapidamente direcionar nossa atenção àqueles sujeitos que construíam essas tecnologias, sujeitos que detinham conhecimentos acerca da construção de instrumentos agrícolas, bem como daremos atenção à industrialização/beneficiamento dos produtos.

Se a representação do moderno era o imigrante europeu e, conseqüentemente, a representação da agricultura moderna era a de moldes europeus, é possível afirmar que esses sujeitos construtores dessas tecnologias, eles mesmos *colonos*, pois seu primeiro e principal papel no Brasil era ocupar as áreas de matas do sul do Brasil e fazer nelas prosperar uma agricultura vista como moderna, quando constroem essas tecnologias utilizadas e conhecidas na Europa passam a também construir o “moderno”.

A presença desses sujeitos está assinalada pelos relatórios da Intendência e da Prefeitura Municipal que sempre se preocupou em relatar os progressos de Ijuí e de mencionar em seus relatórios o número de fábricas, marceneiros, carpinteiros, enfim, como Regina Weber<sup>5</sup> pontua, os inícios da industrialização de Ijuí. Os fotógrafos imigrantes também retrataram por vezes esses sujeitos, seus instrumentos de trabalho e os objetos por eles produzidos, constituindo-se estas nas principais fontes que utilizaremos.

Regina Weber<sup>6</sup> assinala que as indústrias que se desenvolveram desde a fundação de Ijuí não tiveram o caráter de “artesanais”. Essas, em geral, foram pequenas indústrias onde se utilizava principalmente a mão-de-obra familiar. A industrialização de Ijuí, segundo ainda Regina Weber<sup>7</sup>, possui ligação direta com a agropecuária, entretanto, não deriva desta, pois não se limita ao mercado colonial, mas se orienta para um consumo regional e nacional. Direcionaremos nossa atenção, no entanto, somente para esse ponto bem observado pela autora, o da ligação das indústrias com a agropecuária, principalmente no que se refere aos ramos da transformação de matérias-primas e da construção de utensílios/instrumentos agrícolas.

Regina Weber pontua como sendo na década de 1930 o período em que já se pode visualizar um pequeno parque industrial<sup>8</sup> em Ijuí. No entanto, desde o início da colônia, pequenas indústrias, principalmente de transformação e beneficiamento de produtos já existiam na área rural do município, sendo uma atividade desenvolvida pelos colonos concomitantemente com a agropecuária.<sup>9</sup>

---

<sup>5</sup> WEBER, Regina. **Os inícios de industrialização em Ijuí**. Ijuí: Unijuí, 1987.

<sup>6</sup> Id., *ibid.*

<sup>7</sup> Id., *ibid.*

<sup>8</sup> Id., *ibid.*

<sup>9</sup> Não devemos também deixar de mencionar a “indústria” da erva-mate desenvolvida pelos nacionais, se podemos nos referir a ela assim, a qual já existia muito antes da chegada dos imigrantes de origem européia e seus descendentes na região.

Em uma das fitas cassetes transcritas do MADP<sup>10</sup>, Danilo Lazarotto, entrevistando no ano de 1983, os senhores Alfredo e Henrique Tybusch, formula uma pergunta que atenta para o acima mencionado: “E também logo de início (2 ou 3 anos) começaram – digamos – o artesanato, ferreiros, carpinteiros.” E os entrevistados responderam que naquele tempo tinha de tudo, ferraria, carpintaria, marcenaria.

Os relatórios da Intendência Municipal mostram bem essas “indústrias” de transformação logo nos primeiros anos de Ijuí. No relatório do ano de 1899 entre os produtos de exportação do município figuram a banha, fumo em folha e em corda, farinha e manteiga<sup>11</sup>. Em 1900 o relatório informa sobre a existência de 56 estabelecimentos industriais, sem, no entanto, explicitar quais são. O mesmo relatório informa que entre os principais produtos de exportação estão o vinho, a banha, o fumo em folha e em corda, a farinha e a manteiga. Dados que claramente mostram algumas das indústrias de beneficiamento e transformação dos produtos na colônia Ijuí. Muito possivelmente, os dados dos relatórios não mencionam, sejam indústrias que se desenvolvem nas próprias propriedades rurais, fruto de um conhecimento de beneficiamento parte da bagagem cultural dos sujeitos sociais, que plantam videiras e transformam a uva em vinho, que criam suínos e da gordura desse produzem a banha, dos sujeitos que cultivam os produtos destinados à produção de farinha. Quanto ao fumo em folha ou em corda, para além de uma transformação do produto bruto podemos perceber uma diferenciação entre dois modos de comercializar o mesmo produto, e a exemplo de todo processo de transformação de produtos *in natura* em produtos “industrializados” permite ao seu produtor optar pela venda de um ou de outro, levando em consideração principalmente os fatores: valor do produto, tempo para produção e quantidade produzida.

O valor do produto já previamente transformado, em geral, é maior que do produto *in natura* pois há uma agregação de valor. No entanto, para a “industrialização” é necessário, nesse período, que parte dos trabalhadores da família que é responsável por manter a unidade produtiva rural, cultivando produtos agrícolas e criando animais, dedique seu tempo, ou seja, passe a se direcionar ao beneficiamento de produtos, algo nem sempre possível, pois como já observamos no capítulo anterior, a cultura técnica desse período exigia uma grande quantidade de trabalhadores. Somente com uma especialização produtiva, ou seja, somente

---

<sup>10</sup> Fita Cassete transcrita n. 295.

<sup>11</sup> A banha mais tarde se tornaria o carro-chefe das exportações do município. A “farinha” aqui mencionada possivelmente seja a de milho, um dos primeiros produtos cultivados pelos colonos, produto esse também já conhecido dos nacionais. Aí, muito possivelmente, outro ponto do hibridismo cultural entre esses se faz presente.

produzindo grande quantidade de determinado produto e é claro, tendo esse preço atraente, é que acontecerá essa transferência de trabalhadores.

Embora Ijuí tenha se especializado na produção de banha e muitos colonos tenham se especializado em produzir algum produto específico, por exemplo, o trigo, tendo nesse produto sua principal fonte de renda, em geral, a policultura foi a predominante, plantava-se de tudo para a subsistência da família. Para além da especialidade produtiva a venda, neste período (1890-1950) era, em geral, somente dos excedentes.

No relatório do ano de 1903 os dados de indústrias em Ijuí são um pouco mais detalhados. Há nesse momento na colônia 28 engenhos de aguardente e grande número de colonos produzindo rapadura e melado, 27 moinhos hidráulicos, duas serrarias a vapor e uma hidráulica, cinco curtumes, 10 ferrarias, duas fábricas de salame, três cervejarias, três atafonas de farinha de mandioca, três marcenarias, sendo a banha o principal produto de exportação.

Já em 1912, os dados são os seguintes: 28 moinhos hidráulicos de milho, trigo e centeio e quatro moinhos a vapor para os mesmos produtos, 42 engenhos de cana-de-açúcar, 11 fábricas de cerveja e gasosa, duas fábricas de banha, 19 ferrarias e fábricas de carroças, cinco curtumes, três fábricas de farinha de mandioca, seis funilarias, quatro engenhos de arroz<sup>12</sup> e o mesmo número de engenhos de arroz hidráulicos.

Os dados de 1912 apresentam uma diferenciação quanto aos anos anteriores. Nesse momento, construir o moderno por parte dos colonos já não é somente beneficiar os produtos, mas também fabricar e consertar ferramentas. Se um dos objetivos de criar colônias nas áreas de matas do Rio Grande do Sul era a de implantar uma agricultura moderna que abastecesse as demais regiões do Estado com gêneros alimentícios de primeira necessidade, pode-se afirmar que este objetivo, pelo menos na colônia Ijuí, foi alcançado já nos primeiros anos de existência da colônia. Os sujeitos sociais/*colonos* construíram o moderno para além do simplesmente cultivar a terra, mas com a bagagem cultural que possuíam construíram também o moderno no beneficiar os produtos a serem exportados. E a partir de 1912 também passam a construir o moderno quando produzem as próprias ferramentas utilizadas na agropecuária.

Passaremos a partir de agora, onde podemos observar essa diferenciação comentada acima, a apresentar alguns dados por décadas, até porque as alterações a partir de então são

---

<sup>12</sup> O relatório não menciona qual a força utilizada para mover esses moinhos de arroz, no entanto, podemos inferir que fosse animal.



poucas. Também porque nosso objetivo é mostrar que houve essa relação das indústrias de beneficiamento e a agropecuária e que também houve a construção do moderno pelos próprios sujeitos denominados *colonos* e não uma análise minuciosa de dados de exportação.

Em 1922 os dados relativos à exportação nos oferecem vestígios dos rumos que a tomou a relação indústria de beneficiamento e agropecuária. Neste ano foram exportados: banha, arroz com casca e arroz limpo, fumo em folha e em corda, manteiga, queijo, erva-mate, couro, mel, cera, farinha de mandioca, farinha de trigo, farinha de milho, café moído, caramelos, licores, sabão, sebo, crina, entre outros. E em 1931: banha, cera, fumo em folha e corda, erva-mate, manteiga, arroz limpo, arroz com casca, queijos, mel, crina, sola, couro, café moído, caramelos, farinha de mandioca, farinha de trigo, farinha de milho, salame, aguardente, entre outros.

Com relação aos produtos exportados há poucas alterações de ano para ano, o que nos permite inferir que a produção agropecuária tinha alguns rumos definidos, pré-estabelecidos e ocorria por parte dos *colonos* a opção por determinados produtos, possivelmente mais rentáveis que os outros. Os produtos mencionados acima foram industrializados, sendo subprodutos de outros *in-natura*. Para essa industrialização se fazem necessárias certas técnicas, tecnologias e conhecimentos específicos, que se somam aos apresentados no capítulo 2 e compõem também a cultura técnica da agropecuária de Ijuí, pois estão estreitamente ligados ao florescer a terra. Outro ponto que podemos levantar a partir dos dados de 1922 e 1931 é o que já mencionamos acima, para além de uma simples especialização, principalmente da produção de banha, produzia-se praticamente de tudo em Ijuí. Obviamente a banha se apresentou como o produto mais rentável e seu volume de exportação foi maior, no entanto, há um predomínio da policultura.

No relatório da Prefeitura Municipal de 1931 há também uma série de dados das indústrias de Ijuí que são as seguintes: dois moinhos hidroelétricos<sup>13</sup>, 45 moinhos hidráulicos, três moinhos a vapor, uma serraria hidroelétrica, 27 serrarias a vapor, 28 serrarias hidráulicas, quatro marcenarias hidroelétricas, duas marcenarias a vapor, duas marcenarias hidráulicas, 15 marcenarias simples, duas carpintarias hidroelétricas, cinco carpintarias a vapor, sete carpintarias hidráulicas, 11 carpintarias simples, 90 engenhos de cana, 39 ferrarias, 12 curtumes, 16 selarias, cinco fábricas de cerveja e gasosa, quatro fábricas de licor e vinagre, 32

---

<sup>13</sup> O termo “hidroelétrica” foi retirado como se encontra no relatório da Prefeitura Municipal e refere-se à energia elétrica produzida pela usina hidroelétrica do município, construída na década de 1920 e que ainda é hoje é possível visitar e conhecer.

fábricas de vinho, 13 fábricas de salames e presuntos, quatro fábricas de café e caramelos, quatro fábricas de sabão, uma refinaria de banha, oito descascadores de arroz, 13 prensas para alfafa, entre outras.

Ao compararmos esses dados com os de exportação é possível perceber que muitos dos produtos exportados não têm nenhuma indústria específica para sua produção mencionada acima. Algo que nos permite inferir, acerca do que anteriormente foi mencionado, que muitos dos produtos exportados, sub-produtos de outros *in natura*, eram beneficiados na própria propriedade rural familiar, não figurando assim entre as indústrias do município.

Os dados acima apontam além do beneficiamento dos produtos agropecuários para a existência de fábricas/indústrias<sup>14</sup> que produziam um ferramental agropecuário, como por exemplo, as selarias, marcenarias e carpintarias. Essas fábricas/indústrias produziam, além do consumo da própria colônia, também para a exportação, principalmente carroças de duas e quatro rodas que figuram constantemente a partir de 1912, quando os dados de exportação do município são mais detalhados entre os produtos exportados.



Imagem 41 – Carpinteiros (Coleção Família Beck, sem data).

---

<sup>14</sup> Utilizamos os dois termos pois nos dados mencionados acima foi transcrito como se encontra no relatório da Prefeitura Municipal o termo “fábrica”. No entanto, Regina Weber utiliza para os mesmos estabelecimentos o termo “indústria”.

Na imagem acima é possível visualizar, em primeiro plano, três sujeitos posando junto a objetos por eles mesmos produzidos. Um deles encontra-se sentado com uma cuia de chimarrão na mão e olha diretamente para a câmera fotográfica, os outros dois sujeitos possuem instrumentos de trabalho em suas mãos e um deles desvia o olhar da câmera.

Em um plano de detalhes é possível observar os objetos produzidos pelos carpinteiros: cangas, arados, rodas de carroça, pipas, carrocerias. Os objetos produzidos pelos sujeitos são os utilizados pelos colonos no trabalho cotidiano rural e bem representam parte da construção do moderno.

O plano de fundo da imagem é composto por árvores e o céu. No plano geral da imagem pode-se perceber a intencionalidade dos carpinteiros de mostrar os objetos produzidos por eles.

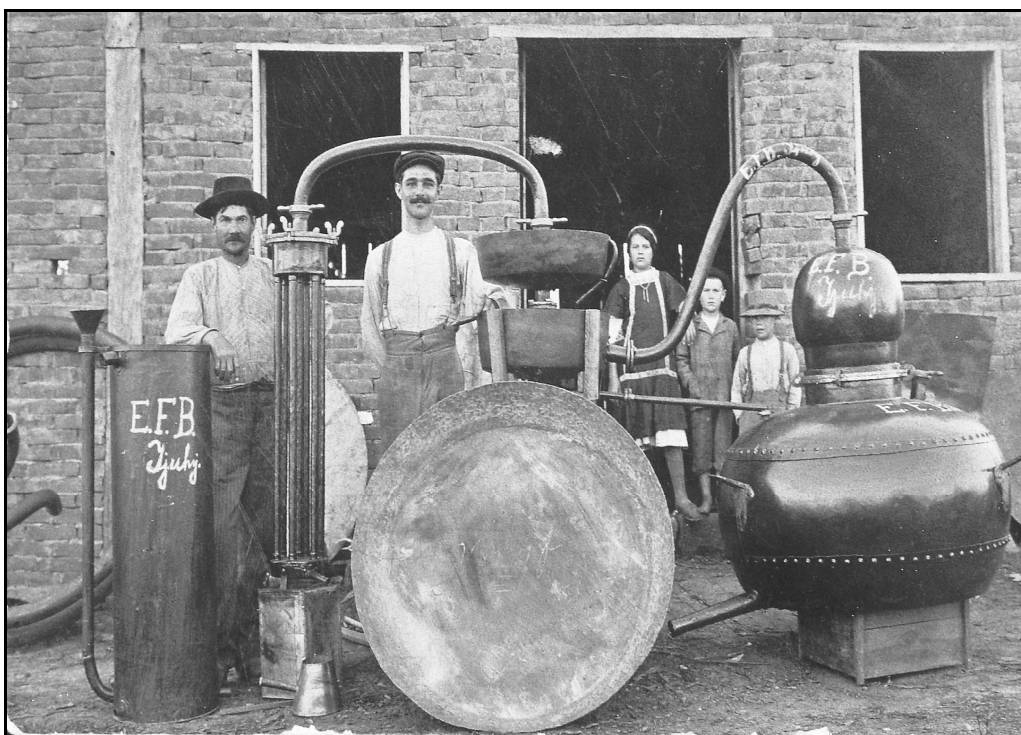


Imagem 42 – Fábrica de alambiques (Coleção Família Beck, 1915).

Nesta imagem de uma fábrica de alambiques, datada de 1915, em primeiro plano podemos observar a família que posa orgulhosa junto aos objetos por eles mesmos produzidos. Em um plano de detalhes, temos os alambiques para fabricação de aguardente.

O plano de fundo é composto pela fachada da fábrica de alambiques. No plano geral da imagem podemos perceber que a intencionalidade do fotógrafo e dos sujeitos que posam para a imagem foi a de mostrar os objetos produzidos pelos sujeitos sociais.

A imagem da fábrica e dos objetos produzidos pelos sujeitos, permitem-nos perceber em primeiro lugar a existência das indústrias familiares e, em segundo lugar, a construção do moderno pelos próprios sujeitos que deveriam ser *colonos*.

Rapidamente atentamos para a construção do moderno pelos *colonos*, agora passaremos a observar como o Estado auxiliou na construção e no disciplinar da agropecuária moderna.

### **3.2 O Estado Moderniza e Disciplina o Moderno**

Como fruto da intervenção estatal nas matas do noroeste do Rio Grande do Sul, próximo à cidade de Cruz Alta e à bacia do rio Ijuí, em 1890 inicia-se a construção da colônia estatal de imigração européia Ijuí, uma colônia mista, ou seja, destinada a receber imigrantes europeus de diversas nacionalidades.

Para além do simples papel de construir a “colônia”, o Estado também se fez presente no construir uma agropecuária dita moderna em Ijuí. Seu papel inicia-se com a vinda dos imigrantes, esses sujeitos seriam os responsáveis por construir essa moderna agricultura, no entanto, sem a presença do Estado, como veremos, sua tarefa seria bem mais penosa e, quem sabe, não alcançaria o resultado que alcançou.

A presença do Estado se deu por algumas vias específicas, como pelo auxílio dado com ferramentas para os colonos quando da sua chegada em Ijuí; com a compra e distribuição de sementes, formicidas, auxílio para a extinção de “saltões” (gafanhotos); compra de reprodutores de raça; a criação da chamada “Colônia Modelo”, que operou principalmente no melhoramento de raças e contribuiu para disciplinar a produção agropecuária.

Embora o papel do Estado na construção de Ijuí tenha sido enorme, podendo inclusive futuros trabalhos se dedicarem somente a esse tema, em nosso trabalho este não é o foco central de análise, sendo assim, não aprofundaremos nossa análise neste aspecto. Iremos somente mencionar alguns fatos que consideramos mais relevantes acerca do papel do Estado na construção da cultura técnica agropecuária em Ijuí no período 1890-1950.

Para além do construir de uma infra-estrutura da colônia o Estado auxiliou os imigrantes com ferramentas, que se constituíram nas primeiras tecnologias que vieram a compor a cultura técnica agropecuária de Ijuí. Aos sujeitos que compravam lotes o Estado vendia desde serras, serrote, ferro taboinha<sup>15</sup>, trados, limas, travadeira, machadinho, machado, foice, facão, enxada, pá, pregos, sendo que os seis últimos quase todos os *colonus* compravam.<sup>16</sup>

Outro papel que o Estado assumiu foi o de inserir sementes selecionadas de cultivares agrícolas. Em 1902 o Estado forneceu 28 sacos de trigo para semente de três variedades: russo, italiano e francês. Há a informação de que o trigo da variedade “pinhal” produziu muito bem em Ijuí.

No relatório de 1903 é informado acerca da distribuição de 600 mudas/bacelos de parreiras das seguintes qualidades: tramines, cabernet, sauvignon, portuguesa negra, cabernet francesa, silvanes verde e kulander, mudas que haviam sido fornecidas pela Estação Agronômica do Estado. Foram no mesmo ano distribuídos 400 bacelos fornecidos por colonos de Ijuí das variedades: portuguesa negra, sauvignon branca, cabernet sauvignon, cunighan, goethe, pseudo martha, moscatel, raboza e duas variedades de uva branca para mesa, e ainda 4.000 bacelos de parreira isabella.<sup>17</sup>

Ainda em 1903 foram remetidos pela diretoria da colônia aos *colonus* 40 sacos de trigo para semente. E foram fornecidas mudas de cana-de-açúcar de Pernambuco ou da Bahia<sup>18</sup>, também foram recebidas sementes de novas qualidades de batata inglesa, sementes de algodão e de fumo.

Pelos dados acima pode-se ter uma noção do papel do Estado na construção da cultura técnica agropecuária de Ijuí. Seu papel era o de fornecedor de sementes e utensílios agrícolas. Por vezes, as sementes fornecidas parecem servir como que para experimentação, como no caso de sementes de algodão e da cana-de-açúcar do nordeste. O algodão não se adapta ao frio intenso registrado no inverno na região, bem como a cana proveniente de áreas onde o calor predomina possivelmente não tenha boa adaptação.

---

<sup>15</sup> Ferro utilizado para lascar a madeira e fazer as taboinhas para a cobertura de casas.

<sup>16</sup> Relatório Relativo à Cobrança da Dívida da Colônia de Ijuí. A. I. 1.1 Pasta 6.

<sup>17</sup> A grafia dos nomes das variedades de parreiras, bem como das demais, foi mantido como se encontra nos relatórios do poder público municipal de Ijuí.

<sup>18</sup> Transcrevemos como se encontra no Relatório da Intendência de 1903, onde o relator não tinha certeza do local de procedência das mudas.

Em 1911 foram enviados para Ijuí pela Inspetoria Agrícola do 10º Distrito sementes de trigo das variedades barletta e russo.

O envio e distribuição de sementes, formicidas e veneno para gafanhotos era uma constante por parte do Estado.

Para além de o Estado ter se dedicado ao envio de sementes de cultivares agrícolas, principalmente de trigo, e ter auxiliado na introdução de novas espécies, em Ijuí sua ação se deu de forma mais intensa no fomento e melhoramento agropecuário após a criação da Colônia Modelo.

A Colônia Modelo foi um empreendimento dirigido pela Cooperativa Agrícola Ijuhyense Ltda, auxiliado pela municipalidade e pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul. Ela foi criada com o intuito de selecionar sementes e proceder no melhoramento genético de raças bovinas, eqüinas, suínas, entre outras.

O Intendente do Município Cel. Antonio Soares de Barros no relatório da Prefeitura Municipal de 1929 assim se referiu à Colônia Modelo quando solicitou ao Conselho Municipal a liberação da verba para o auxílio a essa.

O município que é agrícola em sua grande maioria, precisa continuar seleccionando sementes adequadas a seu solo e de accordo com a experiência, escolher as que mais convenham à sua terra uberrima de onde se possa usufruir as maiores vantagens e benefícios na produção, ao mesmo tempo, como suíno e, por esse motivo, resolvi auxiliar a fundação da “Colônia Modelo”, amparada pela Cooperativa e Governo do Estado, por considerar que é o meio mais pratico para attingir o fim desejado, mais e mais desenvolvendo o programma de acção a que a municipalidade há muito tempo se tem votado nesse sentido. E para consecução desse patriótico empreendimento peço ao nobre conselho votar a verba necessária.<sup>19</sup>

Pelas palavras do intendente podemos perceber o grau de importância que a municipalidade atribuía ao melhoramento de raças e sementes, bem como, via na Colônia Modelo o potencial para executar essa tarefa. A Colônia Modelo, criada em 1929, funcionou mantida pelo Estado, pela municipalidade e pela Cooperativa Agrícola Ijuhyense até o ano de 1938, quando a Prefeitura Municipal, responsável pela maior soma de capital aplicado, resolveu liquidá-la. Iremos rapidamente direcionar nossa atenção para esse papel do Estado em auxiliar os *colonos* a construir uma moderna agropecuária e mostrar o papel da Colônia Modelo no construir uma cultura técnica agropecuária em Ijuí.

---

<sup>19</sup> A. I. 1.2 Pasta 15 Relatório de 1929.

Em 1931, a Colônia Modelo já produzia animais de raças em uma quantia tal que além de auxiliar os criadores de Ijuí podia mandar espécies para outras cidades do Estado, como: Santa Rosa 18 suínos, Santo Ângelo um suíno, São Luiz Gonzaga cinco suínos, Tupanciretan<sup>20</sup> um suíno, Cruz Alta três suínos, Carasinho<sup>21</sup> oito suínos, Santa Cruz do Sul um suíno e Boa Vista do Erechim 12 suínos, além de três suínos para Chapecó, em Santa Catarina. Esses suínos eram principalmente da raça Duroc-Jersey que com 10 meses de idade já podiam ser exportados com cerca de 100 a 120 kg.

No ano de 1932, na Colônia Modelo, existiam os seguintes animais: cinco touros da raça holandesa, três vacas e três terneiros da mesma raça, dois touros da raça Jersey, uma vaca e dois terneiros também dessa raça, nove cachacos (machos) da raça suína Duroc-Jersey, bem como 34 porcas e 135 leitões da mesma raça. Além destes haviam também vários exemplares da raça Pollan-china, Macau e Canastro Pelado, todas raças suínas, e já estavam chegando a Ijuí carneiros das raças Lincoln e Merino.

Esses plantéis eram utilizados para o melhoramento das raças do município de Ijuí e até mesmo de outros municípios do Estado do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, algo que vem mostrar parte do papel do Estado na construção de uma cultura técnica agropecuária no sul do Brasil. Sem a intervenção estatal no melhoramento de raças os *colonos* dificilmente conseguiriam neste período (década de 1930) atingir um grau de especialização produtiva tal que pudessem adquirir reprodutores de raça como os que a Colônia Modelo possuía. Mas com o auxílio da Colônia Modelo puderam operar esses melhoramentos e fazer com que Ijuí se especializasse na produção de banha como se especializou, sendo um dos municípios maiores produtores do Estado.

Operar no melhoramento de raças no município, no entanto, não se deu somente com os suínos, mas também com o gado leiteiro, composto principalmente pelas raças Holandesa, Suíça e Jersey, como o relatório de 1934 menciona. A produção leiteira dessas raças destinava-se principalmente à produção da manteiga, sendo duas as principais instalações para a sua preparação – a Sociedade de Laticínios Ijuhyense Ltda e a Casa Franke.

O técnico da Colônia Modelo no ano de 1934 também fez uma remodelação na criação de galináceos, especializando-se na criação das seguintes raças: Gigante Negra de Jersey –

---

<sup>20</sup> Grafia como aparece no relatório da Prefeitura Municipal de 1931.

<sup>21</sup> Id., *ibid.*

aves de carne, Rhode Isl. Vermelhas – aves de carne e poedeiras, e Leghorn Brancas – poedeiras.<sup>22</sup>

Em 1935 foi realizada uma Exposição em Porto Alegre em comemoração aos 100 anos da Revolução Farroupilha. Essas exposições eram uma constante no Estado e aconteciam quase que anualmente, servindo, principalmente, para mostrar o seu progresso e desenvolvimento. Nessas exposições a produção agropecuária tinha destaque. Os produtores de Ijuí participavam constantemente, sendo premiados praticamente em todas elas.

Nessa exposição, a Colônia Modelo foi premiada com Diploma de Honra e um reprodutor suíno da raça Duroc-Jersey recebeu o primeiro prêmio da raça.

No relatório da Prefeitura Municipal de 1935 podemos perceber pelas palavras do Intendente o papel alcançado pela Colônia Modelo:

Além de promover systematicamente a melhoria dos rebanhos leiteiros, suínos e eqüinos a Colônia Modelo tem feito experiências de adaptação de gramíneas importadas e está, agora alargando a sua actuação para a avicultura, industria que pode proporcionar excellentes rendas aos colonos.

Este resumidamente foi o papel da Colônia Modelo, um estabelecimento que desde a sua fundação deveria, como seu nome sugere, servir de modelo aos *colonos* do município. Seu papel na construção da cultura técnica agropecuária foi de suma importância, principalmente no que diz respeito ao melhoramento de raças animais.

Sucintamente, o papel do Estado, seja através do governo federal, estadual ou municipal, como podemos perceber, foi muito além da construção da infra-estrutura da colônia e da busca dos imigrantes, seu papel se estendeu à modernização da agropecuária dita moderna, com a inserção de sementes e animais selecionados.

Se Zarth<sup>23</sup> afirma que a vinda dos imigrantes de origem européia e a criação de colônias foi uma tentativa de modernização agropecuária por parte do Estado, podemos claramente afirmar que essas constantes investidas do Estado são uma tentativa de modernizar o dito moderno, o qual muitas vezes teve de se dobrar ao considerado arcaico, como veremos.

---

<sup>22</sup> A grafia dos nomes das raças foi retirado como se encontra no relatório da Prefeitura no ano de 1934.

<sup>23</sup> ZARTH, Paulo Afonso. História regional/história global: uma história social da agricultura no noroeste do Rio Grande do Sul (Brasil). **História debates e tendências**. Passo Fundo: v. 1, n. 1, p. 109-128, jun. 1999.



### 3.3 O Moderno se Dobra ao Arcaico

A representação do nacional, caboclo como símbolo do arcaico e atrasado, como afirma Naxara<sup>24</sup>, representação construída a partir daquilo que ele não é – europeu, auxiliou na construção de uma representação do espaço em que esse vivia – o campo, espaço assim como seu ocupante, considerado atrasado e arcaico. No sul do Brasil essa representação do nacional auxiliou na construção de uma representação do imigrante europeu não-ibérico, ao contrário do nacional, como sendo o moderno, representações que de certa forma se completam e representam uma mentalidade presente na elite nacional na passagem do século XIX ao XX e no início deste último século.<sup>25</sup>

O campo é representado como um espaço onde a inércia do nacional está presente, um espaço inculto. Nesse espaço a natureza deve ser vencida e deve ceder lugar à uma moderna agricultura. O espaço inculto deve ser transformado em paisagem agrícola, moderna.

Nesse sentido temos em dois extremos: o arcaico, que é a visão construída acerca do espaço agrário brasileiro; e o moderno, a representação que foi construída do imigrante europeu e sua agricultura e a necessária passagem do arcaico ao moderno.<sup>26</sup> No entanto, essa passagem não se deu de forma simples, sob muitos aspectos vencer o arcaico foi, até certo ponto, mais fácil, mas sob outros tantos aspectos o moderno teve de se dobrar ao arcaico.

Um primeiro passo para o arcaico tornar-se moderno foi a transformação da área de mata em paisagem agrícola, tarefa, embora árdua, realizada pelo imigrante em um período de cerca de menos de 50 anos, período muito curto se comparado com o necessário para a constituição das matas que existiam na região. Machados, serrotes e o fogo venceram a natureza<sup>27</sup> inerte à ação do imigrante rapidamente. Como podemos observar nas imagens fotográficas apresentadas anteriormente, transformou-se a área de matas em paisagem agrícola. No entanto, a transformação da mata em paisagem agrícola teve seu preço. A destruição da flora acarretou prejuízos à fauna da região. Muitos animais que viviam nas matas antes predominantes perderam seu habitat natural, bem como houve uma quebra na

<sup>24</sup> NAXARA, Maria Regina Capelari. **Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro 1870/1920**. São Paulo: Annablume, 1998.

<sup>25</sup> Essas representações como assinalamos anteriormente são por nós consideradas extremamente preconceituosas, tanto para com o nacional como para o europeu.

<sup>26</sup> Ver: ZARTH, Paulo Afonso. **Do arcaico ao moderno: o Rio Grande do Sul agrário do século XIX**. Ijuí: Unijuí, 2002.

<sup>27</sup> Sobre isso é interessante ver: DEAN, Warren. **A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

cadeia alimentar e muitos desses animais perderam seus predadores naturais, acarretando um desequilíbrio ecológico.<sup>28</sup> Não havendo mais o habitat e predadores naturais esses animais acabaram atacando as lavouras, formigas, principalmente a saúva e os saltões, designação dada aos gafanhotos, que dizimaram plantações, sendo alvo de políticas governamentais para sua extinção e um problema para os colonos.

As características naturais da região, além de apresentar-se como um entrave para a modernização agropecuária, sob alguns aspectos também se mostraram benéficas. Os colonos se apropriaram da natureza, principalmente como força motriz para tocar moinhos. A administração pública municipal também utilizou a força hidráulica para criar a primeira usina hidroelétrica do município.

Esses dois aspectos serão alvo de nossa atenção neste capítulo, como a natureza sob alguns aspectos foi um entrave para a modernização agrícola e, por outro, como os sujeitos sociais se apropriaram dela para implantar uma série de estabelecimentos, principalmente de beneficiamento de produtos agrícolas.

Outro aspecto para nos determos neste capítulo é a construção de um discurso sobre a natureza, por um lado benéfica, por outro maléfica e de como ao longo da construção da cultura técnica agropecuária a natureza deve ser vencida. A mata deve ceder espaço à prática agropecuária e com o passar dos anos acontece a supressão da natureza para, posteriormente, novamente ter importância. Esses aspectos são possíveis de serem pesquisados se nos determos em alguns aspectos dos relatórios da Intendência e Prefeitura Municipal que apontam a quantidade de terras já transformadas em paisagem agrícola. Em algumas imagens fotográficas o plano de fundo possibilitou a visualização da transformação da paisagem, mas também no Correio Serrano, em locais pouco comuns, como nos anúncios de venda de terras, a mudança de discurso é perfeitamente visível e a existência de atrativos naturais, como fontes de água, matas e madeiras de lei tornam-se atrativos ao futuro comprador.

Estudar esses aspectos do meio-ambiente e a relação que os colonos no construir de uma cultura técnica agropecuária tiveram com o mesmo em nosso trabalho é de suma importância por entendermos que a cultura técnica de Ijuí no período de 1890-1950 foi construída a partir da relação que os sujeitos sociais, Estado, imigrantes e nacionais tiveram

---

<sup>28</sup> Sob esse aspecto da história ambiental da colônia Ijuí torna-se de suma importância atentarmos para a obra de: GERHARDT, Marcos. **História ambiental da colônia Ijuí**. Londrina: Dissertação (Mestrado em História) UEL/UEM, 2002.

entre si e desses com o meio-ambiente circundante, uma cultura técnica agropecuária construída sócio, cultural e ambientalmente.

Ao chegar a Ijuí os *colonos* tinham pela frente um primeiro obstáculo para implantar a prática agropecuária e retirar as matas que predominavam na região. Após retirar as matas nas terras recém-desmatadas, terras ricas em nutrientes, praticamente tudo o que se plantava produzia muito bem. No entanto, a prática do roçado, muito criticada, e a não-adubação do solo acarretavam em pouco tempo a perda dos nutrientes e a produção tendia a declinar<sup>29</sup>. No entanto, a escolha dessa técnica de transformar a área de mata em paisagem agrícola, apesar de uma escolha considerada irracional pela elite política da época e por alguns estudiosos<sup>30</sup>, era a única forma que os sujeitos (nacionais e imigrantes) possuíam dentro de seus conhecimentos para executar a tarefa que lhes foi incumbida.

Esse problema, de certa forma, proporcionado pela cultura técnica agropecuária da época, pois não apresentava outra maneira de abrir a mata e iniciar a produção, também não encontrou a solução nessa mesma cultura técnica, já que a única solução para esse problema seria a adubação massiva do solo, algo que na cultura técnica construída entre 1890 e 1950 não era uma prática generalizada.

Assim sendo, os *colonos*, em um primeiro momento se utilizaram da fertilidade natural do solo e quando essa diminuiu a cultura técnica agropecuária não apresentou uma saída/solução para o problema. Esse foi um dos primeiros problemas recorrentes da prática agrícola da dita agricultura “moderna”. O Estado sugeriu por vezes a utilização da erva-mate em terras cansadas<sup>31</sup>. “Nas terras cansadas os colonos estão se dedicando à plantação de herva-matte, com satisfatório resultado, sendo possível o aumento na produção e exportação desse artigo.”<sup>32</sup>

---

<sup>29</sup> Sobre esse aspecto Jean Roche e Leo Waibel realizaram importantes estudos e torna-se interessante atentarmos para suas obras. ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969. WAIBEL, Leo. **Capítulos de geografia tropical e do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1979.

<sup>30</sup> Id., *ibid.*

<sup>31</sup> O termo “terras cansadas” era utilizado para se referir aos locais onde a terra já havia perdido sua fertilidade, não produzindo mais como no início.

<sup>32</sup> Relatório da Prefeitura Municipal de Ijuí, ano de 1924.

Também se afirmava que a mandioca produzia muito bem nessas terras,<sup>33</sup> sugeriu-se também a adubação do solo, que não foi amplamente aceita<sup>34</sup>, no entanto, a solução só viria com outro paradigma tecnológico e a Revolução Verde.

As árvores derrubadas para a abertura das lavouras eram utilizadas para a confecção das casas dos imigrantes, desde as paredes até a cobertura eram feitas com a madeira retirada dos lotes e no momento em que já haviam serrarias as madeiras também eram vendidas. Além da construção de muitas ferramentas que eram feitas totalmente de madeira, como por exemplo: ancinhos, que eram confeccionados em madeira; pás, que não tinham nada de metal, sendo totalmente de madeira; arados; carroças, enfim, todos os instrumentos que tinham madeira eram confeccionados com as retiradas dos locais onde a agropecuária era implantada.

Vencer a natureza não foi algo tão simples para o colono quando boa parte da mata estava suprimida e em seu lugar imperava a paisagem agropecuária. Nesse momento as formigas e gafanhotos começaram a se tornar um problema.

Nos relatórios da Prefeitura Municipal dos anos 1924 e 1929, chega-se a afirmar que o maior flagelo dos colonos é a formiga. Nos Relatórios da Prefeitura de Ijuí dos anos de 1912, 1918, 1919, 1920, 1921, 1922, 1924 e 1929 ações enérgicas do poder público municipal contra as formigas são relatadas. Essas ações iam desde a compra de formicida, principalmente o Formicida Capanema Paulista, em geral, comprado por intermédio do Ministério da Agricultura, até a vinda de especialistas no assunto para auxiliar os colonos.

---

<sup>33</sup> Ver: ROCHE, Jean. Op. cit., 1969.

<sup>34</sup> Ver: WAIBEL, Leo. Op. cit., 1979.



Imagem 43 – Mulher e ferramentas (Coleção Eduardo Jaunsem, sem data).

Nesta imagem é possível visualizar, em um plano de detalhes, alguns instrumentos de trabalho dos colonos, uma espécie de carrinho, um enxadão, duas foices nas mãos da mulher que posa para a fotografia, uma maior e outra menor e uma máquina de matar formigas. Esta é composta de um fole, uma pequena haste que liga o fole ao “bico” onde o veneno fica depositado e onde é injetado dentro do formigueiro.

Em primeiro plano temos a mulher que posa para a tomada fotográfica próxima aos instrumentos agrícolas. Ela traça roupas simples, calça e camisa escuras com algumas listras brancas, ambos, a calça e a camisa são confeccionados com o mesmo tecido. A mulher posa como que se orgulhando em figurar próxima aos instrumentos agrícolas.

No plano de fundo um parreiral de uva se desenvolve, bem como temos o restante do que parece ser a unidade produtiva rural.

O plano geral da imagem nos permite inferir acerca do orgulho da moça em empunhar e posar próxima aos instrumentos agrícolas. Fotografar as tecnologias adquiridas com o suor do trabalho cotidiano na unidade produtiva rural mostra uma certa ideologia do trabalho, bem como *status* por conseguir adquirir certos objetos que são escolhidos para participarem da composição da fotografia em função de sua relativa importância na vida dos *colonos*. Embora a fotografia não possua data, possibilita observar a máquina de matar formigas, algo deveras importante para os colonos que se viam, como os relatórios da Prefeitura Municipal relatam, assolados pelo seu maior flagelo, a formiga saúva.

A fotografia passa-nos a idéia de que para além do poder público municipal os próprios colonos tentavam se defender das formigas, adquirindo máquinas e possivelmente também o veneno para a extinção das saúvas. As páginas do Jornal Correio Serrano traziam constantemente propaganda de formicidas, algo que também nos leva a inferir o acima exposto.

Em 23 de novembro de 1917, o Jornal Correio Serrano traz o anúncio da venda de uma colônia em Ijuí. Neste anúncio duas informações acerca da colônia estão bem destacadas: a primeira, “a terra é fértil”, algo extremamente importante, pois essa certamente seria destinada ao cultivo de produtos agrícolas e, apesar de possivelmente já ocupada, a terra ainda não está “cansada”. A segunda informação é que a terra é “sem formigas”, algo que ressalta a preocupação com esse inseto e uma possível valorização da terra onde ele não se encontra.

Exterminar esse pequeno inseto era algo extremamente difícil para a época, principalmente em função de a formiga viver em sociedade, formando formigueiros que se estendem dentro da terra por dezenas de metros e se o formicida não alcançar o centro do formigueiro, dificilmente se eliminará o problema.

A saúva era um inseto que vivia nas matas antes predominantes na região e não se apresentava como um grande problema até a chegada da agricultura. Com o desmatamento ocorrido na região, a extinção de seu habitat natural e de seus predadores naturais, bem como a introdução de espécies cultivares exóticas, não naturais da região, ela se disseminou pelas plantações, lugar onde seu antigo habitat existia (matas), tornando-se uma verdadeira praga, um flagelo para os agricultores.

Mas ela não foi a única “vilã” da agricultura em Ijuí, outro “intruso”<sup>35</sup> se fez presente por vezes e destruiu plantações, os saltões, gafanhotos. É possível inferir, segundo os relatórios da Intendência, da Prefeitura Municipal e o Correio Serrano, que a notícia de que uma nuvem de gafanhotos assolava alguma parte do Estado ou da região fazia com que um certo temor tomasse conta dos agricultores de Ijuí, tal era o prejuízo que uma nuvem de gafanhotos poderia causar à agricultura. Esses insetos poderiam em poucas horas devastar áreas agrícolas inteiras que levaram meses para se desenvolver.

Nos anos de 1905, 1908, 1917, 1921 e 1933 os relatórios do poder público municipal de Ijuí mencionam que gafanhotos assolaram plantações em Ijuí.



Imagem 44 – Saltões (Coleção Eduardo Jaunsem, década de 1940).

A imagem acima foi registrada na Linha 11 Leste e retrata uma praga de gafanhotos que assolou Ijuí na década de 1940. No primeiro plano da imagem de uma mulher que tenta espantar os gafanhotos com uma longa vara que tem em uma das extremidades uma espécie de pano. Em um plano de detalhes pode-se visualizar a nuvem de gafanhotos, a denominação

---

<sup>35</sup> Utilizamos esta palavra para mostrar que o imigrante quando instala a agricultura em larga escala na região se apropria da área anteriormente de matas e passa a devastá-la e utilizá-la a seu bel prazer e a tratar seus antigos ocupantes como intrusos. No entanto, naturalmente, o imigrante e sua agropecuária são os intrusos.

de “nuvem” se dá em função da grande quantidade de animais que se movimentam juntos, de forma ordenada, dando a impressão de formarem uma nuvem.

O plano de fundo da imagem é composto por algumas árvores e o céu. No plano geral da fotografia pode-se perceber que o posicionamento que o fotógrafo toma no momento da tomada fotográfica não permite visualizar nada com nitidez, a não ser a nuvem de gafanhotos. Também se tem a impressão de que o trabalho da mulher é em vão devido ao grande número de saltões.

A imagem, além de mostrar a nuvem de gafanhotos, permite perceber, a exemplo das saúvas, a dificuldade em exterminar essa praga.

Apresentamos alguns entraves que a natureza (dita arcaica) apresentou ao moderno. Agora vamos direcionar rapidamente nossa atenção a aspectos em que essa permitiu que os *colonos* desenvolvessem determinadas atividades que, sem a contribuição da natureza, se tornariam muito mais penosas.



Imagem 45 – Moinho (Coleção Família Beck, década de 1930).



Por exemplo, a força hidráulica foi muito utilizada para movimentar moinhos, os sujeitos sociais se utilizaram de algo que a natureza proporcionava – rios e riachos – direcionando-os para servirem de força motriz no beneficiamento de produtos agrícolas.

A imagem mostra um moinho na década de 1930. No primeiro plano dois sujeitos posam próximos à roda da água e do leito do rio, olhando diretamente para o local onde o fotógrafo se encontra. Os dois trajam roupas simples, chapéu e curiosamente estão ambos com a mão esquerda na cintura. Pode-se perceber que há uma diferença de idade entre os sujeitos.

Em um plano de detalhes pode-se observar o moinho coberto de tabuinhas, a grande roda d'água, a rede construída para levar a água do leito do rio até a roda d'água e o leito do rio à frente dos sujeitos que posam para a imagem. O plano de fundo é composto por algumas árvores, o rio e o restante da unidade produtiva rural.

O plano geral da imagem mostra uma interessante conjunção de aspectos naturais e aspectos construídos pelo ser humano, onde o moinho é construído, de certa forma, respeitando os aspectos naturais, próximo ao rio, para que a água pudesse servir de força motriz.

Os sujeitos sociais, além de se utilizarem da natureza, por alguns momentos tiveram que se dobrar a ela, quando insetos destruíam plantações, quando necessitavam construir edificações de tal maneira que pudessem se utilizar da força da natureza e até no momento de comprar seu lote de terra. Quando da aquisição do lote era necessário levar em consideração a existência ou não de água, visto que não existia nos inícios de Ijuí uma rede de distribuição de água, algo que só muito posteriormente aconteceu. Nesse sentido escolhia-se o lote a ser comprado pela existência de água, a qual se destinaria ao consumo do colono e também dos possíveis animais que esse adquiriria com o tempo.<sup>36</sup>

Em uma série de anúncios do Jornal Correio Serrano este aspecto da existência de água é mencionado, bem como a existência de matas, pois sem água seria difícil viver e criar animais no lote e sem a mata, a madeira para construir a casa teria de ser comprada. Com isso, o primeiro lucro retirado da terra – o de vender as toras de madeira não utilizadas para construir a moradia e demais construções da colônia, seria perdido.

---

<sup>36</sup> A colônia Ijuí, como apresentada na planta anterior, foi imaginada de forma bastante simétrica, as divisões dos lotes na colônia não respeitou, em geral, os cursos de água existentes na colônia, fazendo com que algumas propriedades não tivessem água de fonte natural, dificultando a vida dos colonos.

Nesse anúncio publicado no Correio Serrano de 5 de janeiro de 1935, na página 2, podemos observar o acima mencionado: “Vende-se  $\frac{3}{4}$  colônia com moradia excelente, água corrente e de poço e com mato, 10 minutos da Rua do Comércio. Por motivo de doença do proprietário, por preço baratíssimo [...]” Nele podemos perceber que já houve uma certa transformação da área de mata em paisagem colonial com a construção de uma “moradia” e do “poço”. No entanto, no anúncio a parte que parece ter maior destaque é a da área natural, a existência do mato, da água corrente e de poço.

Assim, temos por um lado o discurso da natureza como “intrusa”, destruidora, e por outro lado, a natureza benéfica, cujos aspectos auxiliam os sujeitos sociais. Se há um discurso verbal, escrito, acerca da natureza, o fotógrafo Eduardo Jaunsem, em suas fotografias também, de certa forma, cria um discurso sobre a natureza, exaltando as suas belezas. Sua técnica fotográfica, como já mencionamos, faz com que o plano de fundo das imagens, onde os aspectos naturais se encontram, tenha um realce todo especial. Eduardo Jaunsem se preocupou em destacar as belezas do novo mundo que o acolheu, mas também em uma imagem única em todas as coleções pesquisadas, o fotógrafo construiu um discurso imagético que atenta para a destruição causada pelo mau uso da natureza.



Imagem 46 – Erosão (Coleção Eduardo Jaunsem, sem data).

Nesta imagem Eduardo Jaunsem tem como preocupação focar o efeito da erosão causada pela destruição das matas que deixou o solo livre para que enxurradas provocassem voçorocas como essa.

Em um plano de detalhes tem-se somente uma vegetação de gramíneas, muito rasteira que cobre o solo, vegetação que se estende pelo plano de fundo da imagem. Pode-se visualizar várias valetas nos barrancos por onde a água da chuva escorre, essas valetas recortam a terra, criando saliências. Isso ocorre nessa imagem principalmente onde não existe nenhum tipo de vegetação.

A tomada fotográfica de tal aspecto revela a importância que o fotógrafo atribuiu ao efeito da erosão, algo que devia preocupar não somente a ele, mas também a outras pessoas da comunidade.

Hilnon Corrêa Leite<sup>37</sup> mostra em sua obra que uma das suas primeiras preocupações quando foi designado a assumir a Sede da 4ª Zona Agrícola do Estado em Ijuí, no ano de 1945, foi a de ensinar os agricultores a construir curvas de nível para diminuir o efeito da erosão nas lavouras.

Esses discursos, problemas enfrentados pelo dito “moderno” e a relação desse com o espaço considerado arcaico, aqui tratados de forma rápida e sucinta, visam acima de tudo mostrar a relação sujeitos sociais x meio-ambiente circundante e permitem observar algo que vimos afirmando: de que a cultura técnica agropecuária construída em Ijuí entre 1890 e 1950 é uma cultura técnica construída sócio, cultural e ambientalmente.

Essa cultura técnica foi construída a partir dos saberes dos sujeitos sociais, nacionais, imigrantes e Estado, do hibridismo cultural desses (nacionais e imigrantes) e da relação que esses tiveram com o meio ambiente circundante.

---

<sup>37</sup> LEITE, Hilnon G. Corrêa. **Uma experiência de vida em meio à modernização agrícola**. Ijuí: Unijuí, 2004.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O construir de uma agropecuária moderna no noroeste do Estado do Rio Grande do Sul no final do século XIX e início até meados do século XX, apresentou-se como um processo modernizador. A intencionalidade do Estado em modernizar a agropecuária era a de romper com a prática considerada, preconceituosamente, atrasada e arcaica do nacional, implantando uma mão-de-obra dita mais qualificada – a do imigrante europeu e seus descendentes, esse considerado, a partir de uma representação construída do caboclo e dele mesmo, como o *colonus* ideal.

Como processo modernizador, no entanto, tal tentativa de modernização não se apresentou como uma ruptura, mas sim como um processo lento e gradual em que para além de romper-se com a prática anteriormente corriqueira construiu-se uma série de saberes acerca da agropecuária a partir do conhecimento do nacional e do estrangeiro. Um processo pautado por um hibridismo cultural entre esses dois sujeitos sociais.

Essa cultura híbrida construída a partir da convivência em um mesmo espaço desses dois sujeitos diferenciados auxiliou na construção de uma cultura técnica agropecuária que se mostrou como a dominante até pelo menos a década de 1950.

A cultura técnica construída por esse hibridismo cultural mesclou técnicas e tecnologias utilizadas pelos nacionais e pelos europeus, num processo que ao fim é impossível afirmar que a cultura técnica agropecuária desse período é européia ou nacional, podendo-se afirmar apenas que é o somatório de ambas. Em alguns momentos ela se aproxima mais da nacional, em outros, mais da européia, mas nunca se mostra como sendo totalmente uma ou outra.

As diversas nuances que tomou têm uma relação direta e estreita com a relação que os sujeitos sociais tiveram com o meio-ambiente circundante. Em um primeiro momento, quando da necessária abertura das matas para o início da prática agropecuária em larga escala, os sujeitos se valem em sua maior parte das técnicas nacionais, como o roçado/coivara, a utilização da cavadeira (pau de cavar), mas não esquecem totalmente as práticas consideradas européias. Gradativamente essas práticas perdem sua funcionalidade prática, já que não é mais necessário abrir a mata, pois essa não existe mais, então passam a ser usadas práticas européias, por meio da utilização dos arados, das ceifadeiras, enfim. O conhecimento do nacional também não é totalmente esquecido, pois muitas cultivares agrícolas produzidas pelos *colonos* são produtos de origem não-européia, por exemplo, milho, feijão, mandioca, entre outros.

Sendo assim, a cultura técnica agropecuária construída pelos sujeitos sociais a partir de uma cultura híbrida pode ser também considerada híbrida. Suas diversas facetas vão sendo construídas pelos sujeitos ao longo dos anos e podemos afirmar que o leque de possibilidades de escolhas de técnicas e tecnologias vai sendo ampliado à medida que a agropecuária se expande.

Essa cultura técnica agropecuária híbrida, certamente, quando comparada com a prática anterior a ela foi uma cultura técnica moderna. Nessa proposição, no entanto, não podemos deixar de lado que sempre que se afirma que algo é moderno a dicotomia arcaico-moderno entra em cena. Algo é considerado moderno em relação a algo que é considerado atrasado/arcaico. Nessa proposição deixa-se de lado, muitas vezes, que o arcaico ou o moderno é construído a partir de diferentes racionalidades, como no caso do preconceitosamente considerado arcaico – o nacional, e do pretensamente considerado moderno – o europeu.

No caso desses dois personagens temos racionalidades distintas: do nacional, que vive quase que exclusivamente do extrativismo da erva-mate e pratica uma agricultura de subsistência, um sujeito que o Estado vê como desqualificado, do qual a partir da lei de Terras de 1850 praticamente se extrai o direito da posse legítima da terra; e do sujeito que vem da Europa com a promessa e o desejo de se tornar agricultor, de ter seu lote de terra, de o fazer produzir, sendo considerado pelo Estado como o *colonus* ideal e auxiliado por ele de diversas formas.

Após essa consideração podemos afirmar novamente que essa agropecuária construída a partir de 1890, em Ijuí, foi moderna em relação à anterior, mas assim se constituiu pela racionalidade diferente do *colonus*, considerado ideal, e pela política estatal que o auxiliou de diversas formas.

Investigar acerca da construção dessa cultura técnica agropecuária, principalmente a partir das imagens fotográficas, possibilitou o transitar por espaços antes pouco visitados pelos estudiosos que se dedicam a análises do mundo agrário.

As imagens fotográficas produzidas pelos fotógrafos imigrantes mostram, em seus planos, os sujeitos antigos ocupantes da terra, mas principalmente os novos ocupantes, imigrantes, que venceram e prosperaram no novo mundo. Essas imagens concorrem também para a construção da representação do *colonus*.

Temos nelas apresentado de maneira especial a caracterização produtiva dos sujeitos, como o trigo, porcos, os bens conquistados, cavalos, casas, moinhos, a terra, tudo compondo uma representação do *colonus*.

Essa representação, podemos afirmar, foi construída não somente pelo Estado e a elite nacional na passagem dos séculos XIX ao XX, mas também pelo próprio imigrante que nessas imagens também assume esse papel.

Em suma, podemos concluir que este trabalho não teve aqui o seu fim, pois ainda há muito a ser pesquisado a respeito do mundo agrário de Ijuí.

## REFERÊNCIAS

### Obras sobre o Rio Grande do Sul

BARBOSA, Fidélis Dalcin. **Luís Bugre o indígena diante dos imigrantes alemães**. Porto Alegre: EST, 1977.

CORREA, Sílvio Marcus de Souza; BUBLITZ, Juliana. **Terra de promessa: uma introdução à eco-história da colonização do Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: UNISC; Passo Fundo: UPF, 2006.

DUARTE, Laura Maria Goulart. **Capitalismo e cooperativismo no R. G. S.** Porto Alegre: LePM, 1986.

KLIEMANN, Luiza Helena Schmitz. **RS: terra e poder – história da questão agrária**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

OSÓRIO, Helen. Estancieiros e lavradores. **Anos 90**. Porto Alegre: UFRGS, n° 4, p. 31-57, dez. 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Historia do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

RAMBO, Artur Blasio. Imigração alemã e ecologia. **Estudos leopoldenses**. São Leopoldo: Unisinos, v. 30, n. 136, p. 71-90, mar.-abr. 1994.

\_\_\_\_\_. As contribuições dos imigrantes vindos da Europa central e do norte. **Estudos leopoldenses**. São Leopoldo: Unisinos, v. 29, n. 132, p. 47-79, abr. maio 1993.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.

RÜCKERT, Aldomar A. **A trajetória da terra: ocupação e colonização do centro norte do Rio Grande do Sul 1927-1931**. Passo Fundo: EDIUPF, 1997.

SILVA, Márcio Antônio Both da. **Por uma lógica camponesa: caboclos e imigrantes na formação do agro do planalto rio-grandense – 1850-1920**. Porto Alegre: Dissertação (Mestrado em História) UFRGS, 2004.

SOARES, Miguel Augusto Pinto. **Representações da morte: fotografia e memória.** Porto Alegre: Dissertação (Mestrado em História), PUC-RS, 2007.

TRAMONTINI, Marcos Justo. **A organização social dos imigrantes: a colônia São Leopoldo na fase pioneira 1824-1850.** São Leopoldo: Unisinos, 2000.

\_\_\_\_\_. Etnicidade e política. In.: **Anais do XX Simpósio da Associação Nacional de História: história: fronteiras.** São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: ANPUH, 1999.

VALDUGA, Gustavo. **“Paz, Itália, Jesus” uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: O papel do jornal Correio Rio-Grandense (1930-1945).** Porto Alegre: Dissertação (Mestrado em História), PUC-RS, 2007.

WEB. Disponível em: <<http://www.unijui.edu.br/content/view/36/996/lang,iso-8859-1/>>. Acesso em: 22 mar. 2008.

ZARTH, Paulo Afonso. **Do arcaico ao moderno: o Rio Grande do Sul agrário do século XIX.** Ijuí: Unijuí, 2002.

\_\_\_\_\_. **História agrária do planalto gaúcho 1850-1920.** Ijuí: Unijuí, 1997.

\_\_\_\_\_. A propriedade de terra no norte/noroeste do Rio Grande do Sul. In: Centro de Estudos Marxistas. **O trabalho e os dias: ensaios de interpretação marxista.** Passo Fundo: UPF, 2000, p. 221-238.

\_\_\_\_\_. História regional/história global: uma história social da agricultura no noroeste do Rio Grande do Sul (Brasil). **História debates e tendências.** Passo Fundo: v. 1, n. 1, p. 109-128, jun. 1999.

\_\_\_\_\_. **Entre a tradição e a inovação: as primeiras instituições de ensino e tecnologia para o campo no Rio Grande do Sul (mimeo).**

## Obras sobre Ijuí

CALLAI, Jaeme Luiz. **A agricultura na história de Ijuí.** Ijuí: Unijuí, 1987.

CANABARRO, Ivo Santos. **A construção da cultura fotográfica no sul do Brasil: imagens de uma sociedade de imigração.** Rio de Janeiro: Tese (Doutorado em História) UFF, 2004.

CUBER, Antoni. **Nas margens do rio Uruguai.** Ijuí: Unijuí, 2002.

REICHARDT FILHO, Ludwig. **A indústria de máquinas agrícolas Fuchs S.A. e o desenvolvimento tecnológico.** Ijuí: Unijuí, 1988.

GERHARDT, Marcos. **História ambiental da colônia Ijuí.** Londrina: Dissertação (Mestrado em História) UEL/ UEM, 2002.



LAZAROTTO, Danilo; SIEKIERSKI, Marli. **Povoado Santana conta sua história.** Cultura polonesa em Ijuí. Ijuí: Unijuí, 1987.

\_\_\_\_\_. **História de Ijuí.** Ijuí: Unijuí, 2002.

\_\_\_\_\_. **Alto da União e sua história.** Ijuí: Unijuí, 1986.

\_\_\_\_\_. **Itaí e sua história.** Ijuí: Unijuí, 1984.

LEITE, Hilnon G. Corrêa. **Uma experiência de vida em meio a modernização agrícola.** Ijuí: Unijuí, 2004.

MARQUES, Mario Osorio. **Ijuí uma cultura diversificada.** Ijuí: Unijuí, 2002.

\_\_\_\_\_; GRZYMBOWSKI, Lourdes Carvalho. **História visual da formação de Ijuí.** Ijuí: Unijuí, 1990.

SCHNEIDER, Daniel. **A agricultura em Ijuí 1890 – 1950: Técnicas e tecnologias.** Ijuí: Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), Unijuí, 2005.

\_\_\_\_\_. **Leituras de imagens do mundo do trabalho.** Ijuí: (Relatório Final de Bolsista de Iniciação Científica PIBIC UNIJUI 2004 – 2005), Unijuí, 2005.

\_\_\_\_\_. **A cultura técnica da agricultura de Ijuí.** Anais do III Simpósio Nacional de História Cultural. Florianópolis: UFSC, 1075-1084 p.

\_\_\_\_\_. **A cultura técnica da agricultura de Ijuí.** Anais Eletrônicos do XI Encontro Estadual de História: Mídia e cidadania. Florianópolis: UFSC, 2006.

\_\_\_\_\_. **A tentativa de construção de uma representação identitária imigrante no sul do Brasil:** imagens da colônia Ijuí. UFSC, 1997 (mimeo).

\_\_\_\_\_; CANABARRO, Ivo. Imagens do mundo do trabalho. In.: **Museion.** Memória social, cultura e identidade. Vol. 1, p. 42-52, jun. 2007. Disponível em: <<http://ww1.unilasalle.edu.br/museu/museion/vol1jun2007p42-52.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2007.

WEBER, Regina. **Os inícios de industrialização em Ijuí.** Ijuí: Unijuí, 1987.

\_\_\_\_\_. **Os operários e a colméia:** trabalho e etnicidade no sul do Brasil. Ijuí: Unijuí, 2002.

### **Obras de Caráter Geral**

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão.** São Paulo: Hucitec/Unicamp, 1998.

ALMEIDA, Jalcione. **A construção social de uma nova agricultura**. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

ALMEIDA, Jozimar Paes de. **A extinção do arco-iris: ecologia e história**. Campinas: Papirus, 1988.

ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In.: NOVAIS, Fernando A. (et al.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, v. 3, 1998.

ANNALES: Histoire, sciences sociales. Ano 49, n. 1, jan.-fev. 1994.

ASHTON, T. S. **A revolução industrial**. 6. ed. Publicações Europa-América.

BAGGIO, Adelar Francisco (Org.). **Elementos de cooperativismo e administração rural**. Ijuí: Fidene, 1983.

BALAKRISHNAN, Gopal. A imaginação nacional. In.: BALAKRISHNAN, Gopal (Org.). **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000, p. 209-225.

BARBEITO, Alberto C.; VUOLO, Rúben M. Lo. **La modernización excluyente: transformação econômica y estado de bienestar em Argentina**. Buenos Aires: UNICEF/ CIEPP/ LOSADA, 1992.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Lisboa: Edições 70, 1980.

BELATO, Dinarte. **Os camponeses integrados**. Campinas (Dissertação de Mestrado), Unicamp, 1985.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BLOCH, Marc. **A terra e seus homens: agricultura e vida rural nos séculos XVII e XVIII**. Bauru: EDUSC, 2001.

BORGES, Maria Eliza Linhares. Fotografia: desafios da interdisciplinaridade. **Estudos Ibero Americanos**. Porto Alegre: PUC/RS, v. XXXI, n. 2, dez. 2005, p. 41-51, semestral.

\_\_\_\_\_. **História e fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BOSERUP, Ester. **Evolução agrária e pressão demográfica**. São Paulo: Hucitec/Polis, 1987.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In.: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983, p. 122-155.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII.** São Paulo: Martins Fontes, 1997, 3 volumes.

BRESCIANI, Stella. Identidades inconclusas no Brasil do século XX: Fundamentos de um lugar-comum. In.: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.) **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível.** Campinas: Unicamp, 2001, p. 403-429.

BRUM, Argemiro. **Modernização da agricultura: trigo e soja.** Ijuí: Unijuí, 1985.

\_\_\_\_\_. **O desenvolvimento econômico brasileiro.** Ijuí: Unijuí, 2000.

BURKE, Peter. **Variedades de história cultural.** Rio de Janeiro, 2000.

\_\_\_\_\_. **Hibridismo cultural.** São Leopoldo: Unisinos, 2003.

\_\_\_\_\_. **Testemunha ocular: História e imagem.** Bauru, SP: EDUSC, 2004.

\_\_\_\_\_. **A escrita da história novas perspectivas.** São Paulo: UNESP, 1992.

CANABARRO, Ivo Santos. Estudos sobre imigração e fotografia. In: MARTINS, Ismênia de Lima (Org.) **História estratégias de pesquisa.** Ijuí: Unijuí, 2001, p. 41-58.

\_\_\_\_\_. Fotografia, história e cultura fotográfica: Aproximações. **Estudos Ibero-Americanos.** Porto Alegre: PUC/RS, v. XXXI, n. 2, dez. 2005. p. 23-39.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: EDUSP, 2006.

CANÊDO, Leticia Bicalho. **A revolução industrial.** São Paulo: Atual, 1994.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Agricultura, escravidão e capitalismo.** Petrópolis: Vozes, 1979.

\_\_\_\_\_. **O trabalho na América Latina colonial.** São Paulo: Ática, 1995.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história.** Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CARDOSO, Ciro Flamarion; BRIGNOLI, Héctor Pérez. **História econômica da América Latina.** Rio de Janeiro: Graal, 1983.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1990.

\_\_\_\_\_. A história hoje: dúvidas, desafios e propostas. **Estudos históricos.** Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 1994, p. 97-113.

CHEVITARESE, André Leonardo (Org.). **O campesinato na história.** Rio de Janeiro: Relume Dumará: Faperj, 2002.

CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Sociologias**. Porto Alegre: UFRGS, n.6, jul/dez 2001.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

CORTEZE, Dilce Piccin. **Ulisses va in America: história, historiografia e mitos da imigração italiana no Rio Grande do Sul (1975-1914)**. Passo Fundo: UPF, 2002.

CORADINI, Odacir Luiz; FREDERICO, Antoinette. **Agricultura, cooperativas e multinacionais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

DAVATZ, Thomas. **Memórias de um colono no Brasil (1850)**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/ Edusp, 1980.

DEAN, Warren. **A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DEJEAN, Joan. **Antigos contra modernos: as guerras culturais e a construção de um fim de século**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

DIAMOND, Jared M. **Colapso**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

\_\_\_\_\_. **Armas, germes e aço: os destinos das sociedades humanas**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. Campinas: Papirus, 1993.

EISENBERG, Peter L. **Modernização sem mudança: a indústria açucareira em Pernambuco 1840-1910**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1977.

ELIAS, Norbert. **Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

EMÍDIO, Teresa. **Meio ambiente e paisagem**. São Paulo: Senac, 2006.

ENCICLOPÉDIA EINAUDI, volume 5 Anthropos – Homem. NATUREZA/ CULTURA.

ESCOLA DE CAPATAZES RURAIS ASSIS BRASIL. **Estudos, sociedade e agricultura**. Ijuí: Livraria Serrana, v. 13, n.1, abr. 2005.

ETGES, Virgínia Elisabete. **Geografia agrária: a contribuição de Leo Waibel**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000.

FALCON, Francisco. **História cultural**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FONSECA, Maria Tereza Lousa da. **A extensão rural no Brasil: um projeto educativo para o capital.** São Paulo: Loyola, 1985.

FRAGOSO, João; FLORENTINO, Manolo. **O arcaísmo como projeto: mercado atlântico, sociedade agrária e elite mercantil em uma economia colonial tardia: Rio de Janeiro, c.1790 – c.1840.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (des)caminhos do meio ambiente.** São Paulo: Contexto, 2004.

GONZAGA, Antonio Gavião. Problemas nacionais de imigração e colonização. In.: **Estudos brasileiros.** Rio de Janeiro, ano II, v. 4, n 12, maio/jun. 1940.

GOODMAN, David (et al.). **Da lavoura às biotecnologias.** Rio de Janeiro: Campus, 1990.

GUZMÁN, Eduardo Sevilla; MOLINA, Manuel González de. **Sobre a evolução do conceito de campesinato.** São Paulo: Expressão Popular, 2005.

HANDELMANN, Heinrich. O Brasil e a imigração. In.: **História do Brasil (Tomo 2).** Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1982.

HARMAN, P. M. **A revolução científica.** São Paulo: Ática, 1995.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história.** São Paulo: Paz e Terra, 2004.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições.** São Paulo: Paz e Terra, 1977.

HOBSBAWN, Eric. **Da revolução industrial inglesa ao imperialismo.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

\_\_\_\_\_. **Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. Etnia e nacionalismo na Europa de hoje. In.: BALAKRISHNAN, Gopal (Org.). **Um mapa da questão nacional.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2000, 271-282 p.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Caminhos e fronteiras.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JUNIOR, Manuel Diégues. **Etnias e culturas no Brasil.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. **História econômica do Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1998.

- KARL, Marx. **Manuscritos econômicos filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- KERN, Maria Lúcia Bastos. Tradição e modernidade: a imagem e a questão da representação. **Estudos Ibero Americanos**. Porto Alegre: PUC/RS, v. XXXI, n. 2, dez. 2005, p. 7-22, semestral.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- KOUBI, Geneviève. Entre sentimentos e ressentimentos: As incertezas de um direito de minorias. In.: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Unicamp, 2001, p. 529-554.
- KUPER, Adam. Cultura, diferença, identidade. In.: **Cultura, a visão dos antropólogos**. Bauru: EDUSC, 2002, p. 287-318.
- KUPSTAS, Márcia (Org.). **Ciência e tecnologia em debate**. São Paulo: Moderna, 1998.
- LATOUR, Bruno. A ecologia política sem a natureza?. In.: **Projeto história: natureza e poder**. São Paulo: Educ/Fapesp, n. 23, nov. 2001, p. 31-44.
- LATOUR, Bruno; SCHWARTZ, Cécile; CHARVOLIN, Florian. Crises dos meios ambientes: Desafios às ciências humanas. In.: ARAÚJO, Hermetes Reis de (Org.). **Tecnociência e cultura: ensaios sobre o tempo presente**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998, p. 91-125.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 2003.
- LENIN, Vladimir Ilich. **Capitalismo e agricultura nos Estados Unidos: novos dados sobre as leis do desenvolvimento do capitalismo na agricultura**. São Paulo: Brasil Debates, 1980.
- LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2001.
- LEVI, Giovanni. **A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- LINS, Daniel (Org.). **Cultura e subjetividade: saberes nômades**. Campinas: Papyrus, 1997.
- LOUREIRO, Maria Rita (Org.). **Cooperativas agrícolas e capitalismo no Brasil**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1981.
- LUCENA, Célia Toledo. **Artes de lembrar e de inventar: (re)lembranças de imigrantes**. São Paulo: Arte e Ciência, 1999.
- MACHADO, Paulo Pinheiro. **A política de colonização do Império**. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- MARCEL, Mazoyer; ROUDART, Laurence. **História das agriculturas do mundo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

MARCHESAN, Jairo. **A questão ambiental na produção agrícola.** Ijuí: Unijuí, 2003.

MARCON, Telmo. **Memória, história e cultura.** Chapecó: Argos, 2003.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano.** São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. **Os camponeses e a política no Brasil.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: Um exercício de análise das fotografias nas revistas ilustradas cariocas na primeira metade do século XX. **Anais do museu paulista.** São Paulo: Universidade de São Paulo, jan./jun., v. 13, n. 001, p. 133-174.

\_\_\_\_\_. Através da imagem: fotografia e história – Interfaces. **Revista Tempo.** Rio de Janeiro: Relume – Dumará, v. 1, 1996, p. 73-98.

MAUCH, Claudia; VASCONCELLOS, Naira (Orgs.). **Os alemães no sul do Brasil.** Canoas: Ulbra, 1994.

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. **História das agriculturas do mundo: do neolítico à crise contemporânea.** Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

MOTTA, Márcia Maria Menendez Motta. **Guerra e paz no campo: uma história dos conflitos de terra no Brasil.** (Mimeo) Mini-curso ministrado no XXIII Simpósio Nacional de História, Londrina: UEL, 2005.

\_\_\_\_\_. **Dicionário da terra.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

MOURA, Margarida Maria. **Camponeses.** São Paulo: Ática, 1986.

NASCIMENTO, José Antonio Moraes do. **Derrubando florestas plantando povoados: a intervenção do poder público no processo de apropriação da terra no norte do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Tese (Doutorado em História) PUC-RS, 2007.

NAXARA, Maria Regina Capelari. **Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro 1870/ 1920.** São Paulo: Annablume, 1998.

Natureza e cultura. **Revista Brasileira de História.** ANPUH, n. 51, v. 26, semestral, 2006.

NODARI, Eunice Sueli; VIEIRA, Alexandre Sardá. O oeste de Santa Catarina: a renegociação das fronteiras étnicas. **Fronteiras: Revista catarinense de história.** Florianópolis: UFSC, n. 9, dez. 2001, p. 29-50.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional.** Campinas: Pontes, 2001.

PIKE, Frederick B. Natureza e cultura: América Latina, mitos e estereótipos nos Estados Unidos nas décadas de 20 e 30. **Projeto história: natureza e poder.** São Paulo: Edusc/Fapesp, n. 23, nov. 2001, p. 45-81.

- POMER, León. **Domingo Faustino Sarmiento: política.** São Paulo: Ática, 1983.
- RAMOS, Jair de Souza. Dos males que vêm com o sangue: as representações raciais e a categoria do imigrante indesejável nas concepções sobre imigração da década de 20. In.: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura. **Raça, ciência e sociedade.** Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996, 59-81 p.
- REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. **Estruturas agrárias e relações de poder.** São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, v. 11, n. 22, mar./ago. 1991.
- REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. **Terra e Poder.** V. 6, n. 12, mar./ago. 1986.
- REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SCALABRINI, João Batista. **A emigração italiana da América.** Caxias do Sul: Universidade de Caxias, 1979.
- SACHS, Wolfgang. **Dicionário do desenvolvimento.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- SAMAIN, Etienne (Org.). **O fotográfico.** São Paulo: Hucitec, 1998.
- SCHEPS, Ruth. **O império das técnicas.** Campinas: Papirus, 1996.
- SCHNEIDER LOGEMANN 50 ANOS. Porto Alegre: LePM Editores, 1995.
- SCHNEIDER, Sergio. **A pluriatividade na agricultura familiar.** Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- SILVA, Marcos A. da. **República em migalhas: história regional e local.** São Paulo: Marco Zero/ANPUH, 1990.
- SILVA, Henrique Manoel. **Fronteiriros: as condicionantes históricas da ocupação e colonização do oriente paraguaio: a região de Katueté, no departamento de Canindeyú – 1970 – 2000.** Florianópolis: Tese (Doutorado em História) UFSC, 2007.
- SILVA, José Graziano da. **A modernização dolorosa: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Progresso técnico e relações de trabalho na agricultura.** São Paulo: Hucitec, 1981.
- \_\_\_\_\_. **Tecnologia e agricultura familiar.** Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- SILVA, Tomaz Tadeu da(Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.



\_\_\_\_\_. **Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SMITH, Roberto. **Propriedade da terra e transição.** São Paulo: Brasiliense/CNPq, 1990.

SOCIOLOGIAS. Ciência e tecnologia. Porto Alegre: UFRGS, ano 3, n. 6, jul./dez. 2001.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

STREITHORST, Ruth Vieira. **Pelos caminhos e valados: a história do germano Streithorst e outros pioneiros.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1997.

SZMRWECSÁNYI, Tamás; OLIVER, Graciela de Souza Oliver. A estação experimental Piracicaba e a modernização tecnológica da agroindústria canavieira (1920 – 1940). **Revista Brasileira de História.** Experiências urbanas. São Paulo: ANPUH, v. 23, n. 46, p. 37-60, jul./dez, 2003.

\_\_\_\_\_; QUEDA, Oriowaldo (Orgs). **Vida rural e mudança social.** São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1973.

\_\_\_\_\_. Esboços da história econômica da ciência e da tecnologia. In: SOARES, Luis Carlos. **Da revolução científica à big (business) science: cinco ensaios de história da ciência e da tecnologia.** São Paulo: Hucitec; Niterói: EdUFF, 2001.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais 1500-1800.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TREVIÑO, Leonel Corona. **La tecnologia siglos XVI al XX.** México: UNAM, Oceano, 2004.

UFSC. Universidade Federal de Santa Catarina. **Esboços: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC.** Dossiê: História Ambiental. Florianópolis: UFSC, n. 13, 2005, semestral.

\_\_\_\_\_. Universidade Federal de Santa Catarina. **Esboços: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC.** Dossiê: Trabalho, Cultura e Poder. Florianópolis: UFSC, n. 14, 2005, semestral.

VARGAS, Milton (Org.) **História da técnica e da tecnologia no Brasil.** São Paulo: UNESP, Ceeteps, 1994.

VELHO, Otávio Guilherme. **Sociedade e agricultura.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

VON WEECH, Friedrich. **A agricultura e o comércio do Brasil no sistema colonial.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

WAIBEL, Leo. **Capítulos de geografia tropical e do Brasil.** Rio de Janeiro: IBGE, 1979.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

WILCOX, Robert W. The law of the last effort. **Environmental History**. V. 4, n. 3, p. 339-368, Jul. 1999.

WILLEMS, Emílio. **Assimilação e populações marginais no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

## Fontes Documentais

**Arquivo da Imagem e do Som** – MADP – Museu Antropológico Diretor Pestana Ijuí.

- Fotos Catalogadas da Coleção Família Beck
- Fotos Catalogadas da Coleção Eduardo Jaunsem
- Entrevistas Transcritas: Fitas Cassete n. 03, 04, 37, 150, 191, 192, 223, 295.

**Relatórios da Comissão de Terras e Colonização de Ijuí** – Período 1890 - 1912 (MADP – Museu Antropológico Diretor Pestana/ Ijuí - Arquivo Ijuí - A. I. 1.1)

**Resumo Geral do Recenseamento Novembro 1895**. Arquivo Ijuí (A.I.) 1.1 pasta 5 documento 10, 4 páginas. (Digitalizado)

**Questionário anno de 1896.**

- Arquivo Ijuí (A.I.) 1.1 pasta 5 documento 12, 3 páginas. (Digitalizado)
- Arquivo Ijuí (A.I.) 1.1 pasta 6 documento 10, 1 página. (Digitalizado)
- Arquivo Ijuí (A.I.) 1.1 pasta 6 documento 11, 1 página. (Digitalizado)

**Contrato entre o governo federal dos Estados Unidos do Brazil e a Companhia Metropolitana para introdução de um milhão (1,000,000) de imigrantes**. Arquivo Ijuí (A.I.) 1.1 pasta 10 documento 18, 1 página. (Digitalizado)

**Relação dos moradores dos mattos do Pontão do Ijuhyzinho**. Arquivo Ijuí (A.I.) 1.1 pasta 10 documento 20, 2 páginas.

**Relatórios da Prefeitura Municipal de Ijuí** – Período 1912 – 1950 (MADP – Museu Antropológico Diretor Pestana/ Ijuí - Arquivo Ijuí - A. I. 1.2)

**Arquivo Cooperativismo** – MADP – Museu Antropológico Diretor Pestana/ Ijuí.

**Arquivo Ijuí** – MADP – Museu Antropológico Diretor Pestana/Ijuí.

- Documentos: 3.1.6 – Relativos a Associação dos Produtores de Aguardente de Ijuí.
- Documentos: 3.1.11 – Relativos as Posto Agropecuário de Ijuí.
- Documentos: 3.1.14 – Relativos a Associação Rural de Ijuí
- Documentos: 3.1.16 – Relativos a Sociedade Cooperativa de Produção de Erva Mate do Município de Ijuí.

**Documentos:** 3.8.6 – Relativos ao Descascador de arroz de Carlos e Paulo Walter.

**Documentos:** 3.8.1 - Relativos a Bernardo Gressler

**Jornal Correio Serrano** – MADP – Museu Antropológico Diretor Pestana/Ijuí. Período 1917-1950. (Digitalizado)